

Ticiania Maria Oppel Silva Nogueira

“Violência doméstica, feminicídio e mediação religiosa sobre o casamento pela ótica de um grupo de líderes evangélicas no Rio de Janeiro”

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Documento assinado digitalmente
 **JANINE TARGINO DA SILVA**
Data: 03/08/2025 13:51:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Janine Targino da Silva

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Documento assinado digitalmente
 **FABIO PY MURTA DE ALMEIDA**
Data: 03/08/2025 22:55:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fabio Py Murta de Almeida

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Documento assinado digitalmente
 **CECILIA LORETO MARIZ**
Data: 03/08/2025 17:12:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Cecília Mariz

Universidade Estadual do Rio de Janeiro / UERJ

Em acordo com o Regimento do Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM, o candidato no prazo máximo de 30 (trinta) dias, para Teses aprovadas com restrições, deve entregar as cópias exigidas na versão final na Secretaria de Pós-Graduação, como condição final para a expedição do diploma.

Rio de Janeiro

2025

Universidade Candido Mendes

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

Violência doméstica, feminicídio e mediação religiosa sobre o casamento pela ótica de
um grupo de líderes evangélicas no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada no Programa de
Pós-Graduação em Sociologia Política do
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio
de Janeiro da Universidade Candido Mendes
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Sociologia Política.

Ticiania Maria Oppel Silva Nogueira
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janine Targino

Rio de Janeiro

2025

Catálogo na Publicação

Biblioteca Central

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ

Bibliotecário responsável: Paulo César do Prado – CRB-7 7131

N778v Nogueira, Ticiana Maria Oppel Silva

Violência doméstica, feminicídio e mediação religiosa sobre o casamento pela ótica de um grupo de líderes evangélicas no Rio de Janeiro / Ticiana Maria Oppel Silva Nogueira. -- Rio de Janeiro, 2025.

124 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2025.

Orientação de: Janine Targino.

**1. Violência doméstica. 2. Feminicídio. 3. Evangélicos.
I. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro II.
Título.**

CDU 364.63-027.553:241.632-055.2:279.123



UNIVERSIDADE
CANDIDO MENDES
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS
DO RIO DE JANEIRO - IUPERJ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
ATA Nº 047

DEFESA DISSERTAÇÃO MESTRADO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

Ao trigésimo dia do mês de abril do ano de dois mil e vinte e cinco, reuniu-se a banca examinadora da Dissertação de Mestrado em Sociologia Política da candidata **Ticiane Maria Oppel Silva Nogueira** com trabalho intitulado “**Violência doméstica, feminicídio e mediação religiosa sobre o casamento pela ótica de um grupo de líderes evangélicas no Rio de Janeiro**”,
Composta pelos professores Doutores **Janine Targino da Silva** (Orientadora), **Fabio Py Murta de Almeida** (IUPERJ), **Cecília Mariz** (PPCIS/UERJ). Após a exposição oral a candidata foi arguida pelos membros da banca, que, após reunirem-se reservadamente, decidiram:

- () APROVAR
(X) APROVAR a Dissertação COM RESTRIÇÕES (as exigências que constam na folha complementar em anexo devem ser atendidas e até 60 (trinta dias)).
() REPROVAR

Observação da banca quanto a Aprovação: _____

Para constar redigi a presente Ata, que vai assinada por mim, Secretária, e pelos demais membros da banca.



Documento assinado digitalmente
JANINE TARGINO DA SILVA
Data: 03/08/2025 21:14:35 0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2025.

Profª. Drª. Janine Targino da Silva
Presidente e orientador

Prof. Dr. Fabio Py Murta de Almeida
Membro do IUPERJ



Documento assinado digitalmente
CECILIA LORETO MARIZ
Data: 03/08/2025 17:02:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Cecília Mariz
Membro da PPCIS/UERJ

Em acordo com o Regimento do Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM, o candidato no prazo máximo de 30 (trinta) dias, para Teses aprovadas com restrições, deve entregar as cópias exigidas na versão final na Secretaria de Pós-Graduação, como condição final para a expedição do diploma.

Cátia Cristina de Mendonça Moreira.
Secretária



Documento assinado digitalmente
CATIA CRISTINA DE MENDONÇA MOREIRA
Data: 04/08/2025 15:48:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>





UNIVERSIDADE
CANDIDO MENDES
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS
DO RIO DE JANEIRO - IUPERJ

**FOLHA COMPLEMENTAR DA ATA Nº 47
REFERENTE ÀS MODIFICAÇÕES DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Modificações exigidas na Dissertação de Mestrado da candidata Ticiania Maria Oppel Silva Nogueira com Defesa de Dissertação realizada no dia 30/04/2025 às 15:00 horas

As modificações exigidas foram às seguintes: O título da dissertação foi alterado por solicitação da banca avaliadora. -----

O prazo para o cumprimento das exigências é de 60 (sessenta) dias, sendo responsáveis os professores Doutores Janine Targino da Silva (orientadora) e Fabio Py Murta de Almeida (IUPERJ).

Tomam ciência, na presente data, desta Defesa.

Documento assinado digitalmente
TICIANA MARIA OPPEL SILVA NOGUEIRA
Data: 04/08/2025 17:51:27 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ticiania Maria Oppel Silva Nogueira
(Candidata)

Prof^a. Dr^a. Janine Targino da Silva
Presidente e orientadora

Documento assinado digitalmente
FABIO PY MURTA DE ALMEIDA
Data: 03/08/2025 23:05:22 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Py Murta de Almeida
Membro do IUPERJ

Documento assinado digitalmente
CECILIA LORETO MARIZ
Data: 03/08/2025 16:57:42 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Cecília Mariz
Membro da PPCIS/UERJ

Em acordo com o Regimento do Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM, o candidato no prazo máximo de 30 (trinta) dias, para Dissertações aprovadas com restrições, deve entregar as cópias exigidas na versão final na Secretaria de Pós-Graduação, como condição final para a expedição do diploma.

Cátia Cristina de Mendonça Moreira.
Secretária

Atesto que as alterações exigidas (X) foram / () não foram cumpridas.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2025.

Documento assinado digitalmente
JANINE TARGINO DA SILVA
Data: 03/08/2025 13:51:49 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Janine Targino da Silva
Presidente e orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres que foram vítimas de feminicídio, às mulheres que sofreram e sofrem violência doméstica e a todas que lutam, com as armas que têm ao seu alcance, para diminuir esta chaga da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação de mestrado foi um desafio que não poderia ter vencido sem o apoio de muitas pessoas que estiveram ao meu lado durante este período. Pesquisar sobre um tema tão árido, que carrega tantas histórias tristes de injustiça e dor requer uma boa dose de equilíbrio e força, mas este percurso também revela tons de beleza e afeto, de acolhimento, fé no ser humano e na potência do amor, não apenas o amor romântico, mas o que une as pessoas em prol de uma vida melhor, mais equânime e justa.

Ao longo dos últimos dois anos, tive a grata oportunidade de conviver com colegas e professores incríveis, que me acrescentaram bastante em conhecimento. Agradeço pelos debates que aprimoraram meu pensamento crítico e analítico. Também tive o privilégio de ser orientada pela Professora Doutora Janine Targino, a quem expresso toda minha gratidão pela paciência, aconselhamento, sororidade e, sobretudo, afeto e assertividade conduzindo a orientação da minha pesquisa. Professora, obrigada por ter tornado o processo mais leve e prazeroso.

Sou grata também às pastoras e lideranças (cujos nomes e igrejas foram mantidos em sigilo) que participaram da pesquisa de campo. Mulheres diversas, líderes evangélicas fiéis às suas crenças religiosas, que dedicaram generosamente seu tempo para participar da investigação e me ensinaram muito com suas visões a respeito do tema. Me ajudaram a entender a pluralidade e a complexidade envolvidas na mediação religiosa e permitiram que eu vivesse a alegria de encontrar o meu objeto de pesquisa em cada entrevista realizada.

Agradeço aos meus pais, Virgínia e Gilson, por sempre me apoiarem nas decisões e pela torcida constante, às minhas irmãs Adriana, Fabiana e Silvana, que estiveram ao meu lado em todas as etapas da vida e me fazem sentir uma mulher sortuda, formam meu cinturão de amor, certeza de apoio incondicional nos diferentes continentes. Agradeço também a Talita Figueiredo por todo incentivo. Desde a decisão em participar do processo seletivo até o magnífico presente da Edição Comemorativa do Segundo Sexo, passando pelos aconselhamentos da trajetória acadêmica, momentos de desabafo e compartilhamento dos desesperos com prazos e cronogramas. Meu muito obrigada por estarem sempre ao meu lado.

Murilo e Clara, meus companheiros do cotidiano, que acompanharam de perto as noites e finais de semana dedicados ao mestrado, as entrevistas e a minha dedicação à escrita desta dissertação na tentativa de conciliar o tempo para lutar pelos meus sonhos e objetivos. Obrigada por fazerem os meus dias mais felizes e embarcarem comigo nesta aventura que é viver.

Por fim, mas não menos importante, agradeço e parablenizo todas as mulheres que estão buscando seu lugar em uma sociedade que não foi forjada para nosso acolhimento. Mulheres que se rebelam, questionam, assumem posições de liderança e mostram como a vida pode ser diferente e mais equilibrada abrindo caminhos de mais liberdade e

respeito. Mulheres que não se distanciam da ética e daquilo que é genuíno para ajudar outras mulheres a se desvencilhar das diferentes opressões. Aquelas que por propósito, sem interesses financeiros, de projeção de carreira ou de venda de serviços profissionais, fazem umas pelas outras dentro do que são permitidas pelos limites impostos por um mundo machista e misógino, meus parabéns e sinceros agradecimentos. Estamos vivendo um período muito especial na história porque à medida que observamos um crescimento de governos autoritários e alinhados às pautas conservadoras, vemos também uma legião de mulheres ao redor do mundo assumindo o protagonismo das suas vidas. Escolhendo o que querem ser, resistindo com amor e esperança de um mundo melhor. Mas aqui não quero criar a impressão de uma dicotomia pura e simplista. Quero pontuar a complexidade do momento que vai fazer de todo mundo diferente porque as forças reacionárias podem impulsionar a reinvenção e, entre avanços e retrocessos, seguiremos fazendo perguntas e elaborando novas formas de pensar a sociedade, a cultura, a política e a existência.

Resumo

Nogueira, Ticiania Maria O.S. Violência doméstica, feminicídio e mediação religiosa pela ótica de um grupo de líderes evangélicas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2025. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, da Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2025.

Esta dissertação tem como objetivo analisar os efeitos dos sentidos e significados produzidos pelos discursos evangélicos acerca da violência doméstica e do feminicídio, assim como a interseção do entendimento das líderes, que são também fiéis e praticantes da religião. As entrevistas semiestruturadas realizadas com estas mulheres que possuem papel de liderança nas suas respectivas igrejas evangélicas constituem o *corpus* da pesquisa. A interferência da religião na maneira como as mulheres entendem a violência doméstica e o feminicídio de certa maneira apresenta-se como um elemento de libertação ou de maior permanência no sofrimento, que está diretamente relacionado à opressão de gênero. Na perspectiva analítica, além de explorar a correlação política do objeto de pesquisa em análise com o evangelismo associado a extrema direita brasileira, são mobilizados conceitos como família e moralidade. O cenário religioso de matriz cristã se transforma no país com crescimento do número de evangélicos, em certa medida, para perpetuar posicionamentos morais opressores desde a colonização, que estabeleceu o catolicismo como religião preponderante. Entre avanços e retrocessos, movimentos pró direitos humanos, políticos evangélicos progressistas e parte da sociedade se apresentam como resistência às decisões políticas que causam impacto direto na desigualdade entre gêneros. Os resultados obtidos com a pesquisa são comprobatórios do cerceamento pela religião a comportamentos que representem uma ruptura do papel da mulher cristã, que cuida obrigatoriamente da casa, da família, dos deveres pastorais e que deve preservar o casamento, dado o valor atribuído a ele pela igreja, antes de decidir pela separação. Ao mesmo tempo, os resultados apresentam mulheres empoderadas pela religião e que assumem liderança perante seus respectivos grupos sociais, orientando, acolhendo e reprimindo situações de opressão de gênero. Outro ponto observado é a formação educacional das entrevistadas, todas com ensino superior completo e quatro das cinco líderes com pós-graduação concluída o que demonstra uma inclinação a maior participação social, no mercado de trabalho, na política e aumento da possibilidade de contribuir para construção de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Feminicídio; Mulheres; Evangélicos

Abstract

The aim of this work is to analyze the effects of the meanings produced by evangelical discourses on domestic violence and femicide, as well as the intersection of the understanding of women leaders, who are also believers and practitioners of the religion. The semi-structured interviews carried out with these women who have a leadership role in their respective evangelical churches constitute the corpus of the research. The interference of religion in the way women understand domestic violence and femicide in a way presents itself as an element of liberation or of greater permanence in suffering, which is directly related to gender oppression. From an analytical perspective, in addition to exploring the political correlation of the research object under analysis with evangelicalism associated with the Brazilian extreme right, concepts such as family and morality are mobilized. The country's Christian religious scene has been transformed by the growth in the number of evangelicals, to some extent to perpetuate moral positions that have been oppressive since colonization, which established Catholicism as the predominant religion. Between advances and setbacks, human rights movements, progressive evangelical politicians and part of society are resisting political decisions that have a direct impact on gender inequality. The results obtained from the research show that religion restricts behavior that represents a break with the role of the Christian woman, who must take care of the home, the family, pastoral duties and who must preserve the marriage, given the value attributed to it by the church, before deciding to separate. At the same time, the results show women who are empowered by religion and who take the lead in their respective social groups, guiding, welcoming and repressing situations of gender oppression. Another point observed is the educational background of the women interviewed, all of whom have completed higher education and four of the five leaders have completed postgraduate studies, which demonstrates an inclination towards greater social participation, in the job market, in politics and an increase in the possibility of contributing to building a more gender-equal society.

Keywords: Domestic Violence; Femicide; Women; Evangelicals

Sumário

1. Introdução.....	1
Violência doméstica – Situando a questão.....	6
Considerações acerca de evangélicos.....	17
2. Capítulo I – Mulheres e Religião.....	36
Cenário religioso e político brasileiro.....	47
3. Capítulo II – Como as mulheres evangélicas entendem o feminicídio e como se dão os encaminhamentos dos casos de violência doméstica.....	52
As Entrevistas.....	58
4. Capítulo III - Mediação religiosa sobre o casamento, vale tudo em nome da manutenção da união?.....	78
“A família é o alicerce de tudo”	79
“Eu e minha casa servimos ao Senhor”	84
“A infidelidade conjugal dentro dessa caixinha chamada desrespeito”	90
“Ele é meu marido, mas é minha ovelha”	93
“Ele precisa ser o provedor financeiro?”	96
“A gente vai continuar enxugando o gelo”	100
5. Considerações finais.....	104
6. Referências bibliográficas.....	118
7. Anexos.....	125

1. Introdução

O que me motivou a desenvolver esta pesquisa de dissertação do mestrado em sociologia política foi a necessidade de aprofundar meus conhecimentos por meio de estudos no campo do fenômeno social da violência doméstica contra mulheres e o seu trágico fim que é o feminicídio¹.

Este propósito é fruto da minha trajetória de vida e, sobretudo, da marcante experiência que tive antes deste mestrado, que foi a de ter entrevistado mulheres que sofreram violência doméstica, para elaboração de um livro, durante a pandemia do COVID-19. Doença que confinou uma parte significativa da população mundial em suas residências, durante partes dos anos de 2020 e 2021, em função da adoção da estratégia de isolamento social com objetivo de diminuir as contaminações pelo vírus. Naquele momento tão crucial para o mundo inteiro, tive a oportunidade de contribuir um pouco com as minhas possibilidades e conhecimentos técnicos de comunicadora com uma questão tão urgente e complexa. Elaborei um projeto editorial, roteiros de entrevistas e produzi textos para um livro sobre violência doméstica. No Brasil, a situação era crítica sob o governo da ultradireita com decisões genocidas em meio à crise sanitária e os números de casos e denúncias estavam crescendo.

As entrevistas para referida publicação foram, portanto, realizadas durante a pandemia na modalidade online via plataformas de reuniões virtuais. Transcritas como relatos em primeira pessoa e reunidas em um livro lançado no ano de 2021 pela Editora Dita Livros, especializada em publicar autoras mulheres, intitulado *Violência Doméstica: Histórias de Opressão às Mulheres*. O livro, que escrevi e assino como coautora, traz além dos relatos de mulheres que sofreram os diferentes tipos de violência, um panorama geral histórico situando a questão em âmbito mundial e nacional. Também é composto por um glossário com termos relacionados ao assunto como uma ferramenta útil para democratizar o conhecimento da temática. Cabe ressaltar que não utilizei trechos ou análises das entrevistas produzidas para o livro nesta dissertação, ficando a intersecção entre os dois trabalhos restrita às experiências e aprendizados adquiridos ao longo do processo, que muito me acrescentou e considero como uma das razões para procura do conhecimento acadêmico via mestrado.

¹ Disponível em: <file:///C:/Users/oppel/Downloads/852-Texto%20do%20artigo-1060-1803-10-20211018.pdf>. Acesso em 24 de fev. 2025.

De certa maneira, a publicação serve como um material de incentivo à quebra do ciclo da violência (que é o ciclo repetitivo de agressões ocorridas no contexto conjugal)², uma vez que todas as mulheres entrevistadas conseguiram sair das relações abusivas que narraram, sendo que muitas estão em tratamento psicológico, outras em litígios judiciais, mas todas imbuídas do propósito e da necessidade de se livrar da violência doméstica por mais difícil que seja encarar este processo repleto de obstáculos. Os casos relatados apresentam diferentes situações nas quais algumas vezes os tipos de violência se sobrepõem e, em um mesmo depoimento, podemos observar a ocorrência da violência patrimonial, psicológica e física, por exemplo.

Este trabalho foi, portanto, para mim, uma experiência transformadora. Não apenas porque pude exercer meu feminismo e minha cidadania em um momento delicado e complexo, quando os números de casos de violência doméstica estavam aumentando no mundo inteiro, mas também porque me possibilitou realizar na sequência ao lançamento algumas palestras em instituições de pequeno a grande porte e participar de discussões acerca do problema. Isto foi determinante para escolha e busca pelo mestrado, como uma forma de me qualificar para participar dos debates com maior embasamento e fundamentação teórica. A carga de leitura, o contato com os autores clássicos e contemporâneos, assim como as discussões sobre sociologia política foram fundamentais para construção de um pensamento crítico mais aprofundado. Este ponto também é merecedor de um destaque nesta breve introdução porque verifiquei durante meu processo de amadurecimento no mestrado que há uma cobrança generalizada pela qualificação das mulheres no Brasil e no mundo. Para as mulheres a régua é mais alta.

Jana Bacevic (2022) nos apresenta a opressão social reproduzida nos meios acadêmicos em relação às mulheres que são, inclusive, a maioria dos estudantes em âmbito global nos cursos de graduação e mestrado³ é algo tácito como se nós, mulheres, tivéssemos que nos preparar mais que os homens em termos acadêmicos para o exercício dos mesmos papéis profissionais e para participar de fóruns qualificados. Sem mencionar a dupla e tripla jornada que as mulheres enfrentam com os cuidados com a casa e familiares, crianças e idosos, para além das suas ocupações profissionais no mercado de trabalho⁴.

² Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>
Acesso em 16 de set.2024.

³ Disponível em: <https://globaldialogue.isa-sociology.org/uploads/imagen/3320-v12i3-portuguese.pdf>. Acesso em 15 de set. 2024

⁴ Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/jornada-dupla-ou-tripla-de-trabalho-sobrecarrega-mulheres/>. Acesso em 17 de fev.2025

Tive a oportunidade de observar ao longo de cerca de dois anos de trajetória como palestrante e debatedora do tema violência doméstica contra mulheres, tanto em organizações de natureza pública quanto privada, uma certa discrepância entre os perfis dos integrantes destes grupos no que se refere ao aspecto de gênero durante os eventos e cerimônias sociais. Vou explicar: os homens geralmente não possuíam as mesmas qualificações acadêmicas que as integrantes mulheres e isto não representava aparentemente um problema para eles, que seguiam outros costumes e hábitos como não mencionar o seu *background* acadêmico ou profissional durante as apresentações, por exemplo. Estes eventos mencionados, geralmente realizados em datas relacionadas ao assunto, as chamadas efemérides dos calendários organizacionais como o Dia da Mulher ou dia Internacional para Eliminação da Violência Contra Mulheres. Eram grupos de discussão e abordagem sobre a temática, algumas palestras compartilhadas entre várias pessoas, realizações corporativas com múltiplas apresentações de profissionais relacionados à temática. Os participantes, debatedores e expositores, não eram pessoas vítimas de situações de violência doméstica, mas de múltiplas formações relacionadas ao problema, assim como autores, pesquisadores e profissionais de áreas de suporte ao tema como psicólogas, advogadas e assistentes sociais.

No entanto, pude observar uma maioria de mulheres profundamente preparadas, com embasamento teórico e formação especializada, atuando nos espaços em que tive oportunidade de operar. Estas habitualmente demonstravam interesse e engajamento em continuar se aprimorando, pesquisando e investindo em conhecimento para contribuir com a temática. A particular observação serve para exemplificar uma característica geral que o estudo corrobora de forma ampla. O conceito efeito Mateus ou vantagem acumulada, desenvolvido em conjunto por Robert Merton e Harriet Zuckerman, publicado originalmente em 1968 na revista *Science* (“The Matthew Effect in Science”) em nome de Merton, e que teve como material empírico do estudo uma pesquisa sobre vencedores do Prêmio Nobel, serve para ilustrar esta problematização. O conceito de efeito Mateus apresenta a tendência de que os créditos das descobertas científicas sejam dados ao cientista mais antigo e reconhecido da equipe. Este nome se deve ao Evangelho Segundo Mateus: “Pois a todo aquele que tem, mais será dado e terá em abundância: mas aquele que não tem, até o que tem, será retirado”. Merton afirmou em edições posteriores que havia se baseado na entrevista e outros estudos de Zuckerman e que escrever um artigo científico e acadêmico não deveria ser suficiente para sua designação como autor único. Portanto, deveria ser apresentado de forma conjunta. Contudo, isto não alterou a maneira como o conceito é lembrado e a maioria dos sociólogos atribui a Merton a autoria do termo.

Curioso é que a historiadora da ciência Margaret Rossiter, em 1993, desenvolveu o termo relacionado Efeito Matilde para designar a tendência de os créditos irem para os homens em vez de para as mulheres cientistas. No entanto, o caso mais famoso dos efeitos é mesmo o Efeito Mateus (BACEVIC, 2022).

Desta maneira, podemos pensar na desigualdade entre os gêneros em diferentes esferas da sociedade. Seja no campo acadêmico conforme abordei anteriormente ou no campo profissional com a desigualdade salarial, dentre outras assimetrias. Até mesmo no âmbito esportivo, levando em consideração a carga de preparo necessária para que um atleta se torne de alto rendimento, se observa uma disparidade entre gêneros. Por exemplo, a lista dos 100 atletas mais bem remunerados no planeta não possui uma mulher sequer⁵. Esta discrepância entre gêneros também reverbera para o aspecto salarial, conforme podemos verificar a seguir.

A diferença na remuneração entre homens e mulheres no Brasil é de cerca de 19% a mais para os homens e, se em cargos de chefia, esta diferença entre salários aumenta para 25%, de acordo com o recente relatório do Ministério do Trabalho e Emprego divulgado em março de 2024⁶, embora, no país, as mulheres sejam mais escolarizadas que os homens⁷. A desigualdade social fica mais evidente quando se analisa quem são as pessoas que ocupam os cargos mais relevantes, como no meio acadêmico e isto revela a reprodução das opressões de gênero justamente onde se pensa, estuda e debate sobre estas questões. Em boa medida, o ponto se tornou mais evidente em função da proposta da “descolonização curricular” propondo mais pluralidade e a crescente relação entre justiça social, educação e conhecimento. Importante é entender como o preconceito de identidade de gênero pode influenciar a maneira como se recebe e interpreta afirmações de conhecimento. Como se dá a representação e a quem pertence o conhecimento relevante? (BACEVIC, 2021) Neste sentido, iniciei a pesquisa no âmbito da sociologia política, investigando o fenômeno social da violência doméstica contra mulheres atravessado pela religião. Esta escolha deveu-se ao fato de dois crescimentos significativos e relativamente recentes observados no país, o número de casos de violência doméstica

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/lista-dos-100-atletas-mais-bem-pagos-do-mundo-nao-tem-nenhuma-mulher/>. Acesso em 17 de fev. 2025

⁶ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/mulheres-recebem-194-menos-que-os-homens-diz-relatorio-do-mte>

<https://docs.google.com/presentation/d/1Fzz5Jm8iM2LvCMGVJlhWHWlaiYiDuoO7/edit?pli=1#slide=id.p8>

⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/03/08/censo-mulheres-sao-mais-escolarizadas-que-homens-mas-diferenca-entre-brancas-e-negras-no-ensino-superior-e-de-50percent.ghtml>. Acesso em 16 de set.2024.

divulgados e o número de brasileiros declarados evangélicos⁸, que não aumenta apenas no aspecto demográfico, mas também nos cargos políticos, nas organizações civis e no Congresso Nacional. Com relação aos casos de violência doméstica entre mulheres da religião evangélica, segundo a quinta edição do relatório “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” divulgado em 2025, mostra que a cada quatro mulheres brasileiras uma foi agredida fisicamente por seu parceiro atual ou ex-parceiro. Das mulheres entrevistadas na pesquisa⁹ que originou o relatório, 42,7% se identificaram como evangélicas e 35% como católicas.

Um ponto de interesse observado no trabalho de campo realizado nesta pesquisa de mestrado é que das cinco pastoras entrevistadas quatro delas possuíam pós-graduação e uma possuía graduação de nível superior completa. O que aponta para um alinhamento no que se refere ao preparo acadêmico supracitado em relação às mulheres. Embora a amostragem não seja significativa para fins analíticos de dados estatísticos, em função de ser esta uma pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevistas em profundidade, considere interessante do ponto de vista meramente ilustrativo compartilhar com os leitores a coincidência de dados observada no decorrer da análise da pesquisa.

⁸ Disponível em : <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14594-crescimento-dos-estabelecimentos-religiosos-no-pais-e-liderado-por-igrejas-pentecostais-e-neopentecostais> Acesso em 8 de out.2024.su

⁹ Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/7c9f57aa-e7d6-4d96-8f11-768fe85a2084>. Acesso em 08 de mai.2025.

Violência Doméstica – Situando a questão

Abrimos esta abordagem com a análise de uma música brasileira de um artista renomado e que fez bastante sucesso na época do seu lançamento. Esta análise segue a proposta de leitura da cultura como um sistema de símbolos. A cultura como uma teia de significados tecida, mas também capaz de moldar a forma como as pessoas pensam, sentem e agem, conforme proposto por GEERTZ (2022). Este recurso será utilizado no início de outras partes desta dissertação considerando a relevância da interpretação dos símbolos, rituais e práticas culturais buscando o entendimento dos significados atribuídos aos comportamentos. Trata-se de uma obra de mais de quatro décadas, mas que conta uma história muito ilustrativa para o entendimento que perdura em parte dos casos de violência doméstica contra mulheres. Um certo sentimento de posse, que permite abusos e controle da mulher.

“Quando você gritou mengo
No segundo gol do Zico
Tirei sem pensar o cinto
E bati até cansar
Três anos vivendo juntos
E eu sempre disse contente
Minha preta é uma rainha
Porque não teme o batente
Se garante na cozinha
E ainda é Vasco doente
Daquele gol até hoje o meu rádio está desligado
Como se irradiasse o silêncio do amor terminado
Eu aprendi que a alegria
De quem está apaixonado
É como a falsa euforia
De um gol anulado.”

Estes são os versos da canção intitulada Gol anulado, composta e interpretada pelo artista brasileiro João Bosco, natural de Ponta Nova/MG, e lançada em 1976, no álbum Galos

de briga. O que mais chama a atenção na letra da música é a naturalidade com a qual o autor se refere ao ato de violência contra a mulher. Além de abordar a paixão pelo futebol, o compositor utiliza, de uma forma poética e com recursos melódicos, uma violenta imagem de espancamento da companheira, que na narrativa da canção esboça uma comemoração por outro time de futebol distinto do seu parceiro. E não para por aí, o autor continua as suas rimas melódicas enaltecendo a capacidade laboral da parceira, assim como seus dotes culinários, o que pode ser lido como uma atribuição de responsabilidade nos cuidados com a casa e com a preparação da alimentação familiar, configurando a já conhecida dupla jornada¹⁰ feminina. Este é um dos exemplos que encontramos na vasta cena cultural da música brasileira e que serve para suscitar uma reflexão acerca do histórico problema da violência doméstica no país.

Em uma outra música observada, percebemos uma mudança muito significativa no que refere à temática. A canção chamada Maria de Vila Matilde, interpretada por Elza Soares, composta por Douglas Germano, e lançada em 2015 no álbum Mulher do Fim do Mundo, fala diretamente sobre violência doméstica. Um dos trechos até menciona uma denúncia através do número da central de atendimento, que foi criada para combater a violência contra mulher¹¹. “Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180. Vou entregar teu nome e explicar meu endereço” e finaliza com um aviso claro “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”.

Muita coisa mudou nestes 49 anos que separam o lançamento da primeira e da segunda música. A sociedade tem se transformado ao longo do tempo, e nestas quase cinco décadas acompanhamos a queda da taxa de crescimento populacional, aumento da expectativa de vida da população, e sabemos que houve mudanças no campo social, econômico e político. Com alguns progressos, as mulheres conseguiram alcançar, em termos de direitos, muitos avanços e conquistas, principalmente no que se refere ao casamento e a guarda dos filhos¹².

Mas o que parece ser mais relevante na análise da violência doméstica contra mulheres é a sua permanência histórica e a adição do aspecto religioso, que, em transformação, vem ganhando peso e relevância social ao longo das últimas décadas no Brasil via influência política e nos oferece um vasto campo de análise do objeto focalizado nesta dissertação.

¹⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-08/dupla-jornada-para-mulheres-leva-ciclo-de-pobreza> Acesso em 24 de out. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/mais-mulheres-na-politica/o-que-e-central-de-atendimento-a-mulher-2013-ligue-180> Acesso em 24 de out. 2024.

¹² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2024/04/brasil-modernizou-costumes-e-abriu-mais-espaco-para-as-mulheres.ghtml> Acesso em 24 de out. 2024.

A violência doméstica contra mulheres é um fenômeno social que, mesmo cercado de estudos e pesquisas a respeito, ainda carece de mais análise de dados, debates e entendimentos que contribuam com o esclarecimento da urgente questão de direitos humanos no Brasil. O ponto central de reflexão acerca do problema consiste na desigualdade de gênero opressora em uma sociedade machista patriarcal, portanto, terreno fértil deste tipo de violência, que ocorre com as mulheres em grande e crescente escala de Norte a Sul do país. Os casos de violência doméstica contra mulheres, muitas vezes terminam em morte: o feminicídio¹³.

Os números de feminicídio, nome dado ao assassinato de mulheres em função do gênero, ou seja, pelo fato de serem do sexo feminino, coloca o Brasil em 5ª posição entre os países, signatários da Organização das Nações Unidas (ONU), com maior número de casos do mundo, de acordo com levantamento divulgado em 2023¹⁴. Para além dos números alarmantes, o feminicídio é uma tragédia e podemos afirmar que a abordagem deste tema de forma mais ampla pela sociedade é relativamente recente. Principalmente se levarmos em consideração que o termo só foi incorporado como crime hediondo em 2015 no Brasil, durante o governo de Dilma Rousseff, que sancionou a Lei do Feminicídio¹⁵ nominando este tipo de crime. Em 9 de outubro de 2024 foi promulgada uma nova Lei do Feminicídio no Brasil, que veio para reforçar a urgência de enfrentamento do problema, com objetivos de coibir a violência, proteger as vítimas e tornar as penas mais severas¹⁶. A razão desta lei ser distinta da Lei Maria da Penha é que trata especificamente das sanções aos homicídios em razão de gênero, caso extremo da violência doméstica.

Segundo o Ministério das Mulheres do Governo Federal, o controle de registros de ligações com pedidos de ajuda aumentou de 73 para 74 mil nos anos de 2022 e 2023¹⁷. No Rio de Janeiro, com base nos dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), os casos de feminicídio

¹³ 1 Na legislação, o feminicídio é definido como homicídio “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino” e essas condições, ainda segundo o texto da lei, englobam duas possibilidades: um contexto de violência doméstica e familiar ou “menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. Fonte: BRASIL, Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 10 mar. 2015. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13104-9-marco-2015-780225-publicacaooriginal-146279-pl.html> Acesso em 24 de out. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/camara-reportagem-programa-aborda-iniciativas-de-combate-a-violencia-contra-mulheres/>. Acesso em: 18 de jun. 2024.

¹⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm Acesso em 24 de out. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/10/10/lei-que-pune-feminicidio-com-ate-40-anos-de-reclusao-entra-em-vigor> Acesso em 24 de out. 2024.

¹⁷ Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2023/novembro/copy_of_ligue-180-registra-mais-de-74-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulheres-nos-primeiros-10-meses-de-2023. Acesso em: 07 de jul. 2024.

aumentaram em 20% durante o primeiro semestre de 2022 em comparação com o mesmo período de 2021¹⁸. No ano de 2023, a cada 24 horas, ao menos oito mulheres foram vítimas de violência doméstica no Brasil, segundo apuração da Rede de Observatórios de Segurança, que mapeou oito estados do país (BA, CE, MA, PA, PE, PI, RJ, SP) e produziu o boletim *Elas Vivem: Liberdade de Ser e Viver*¹⁹. Houve um aumento de 22,04% em comparação a 2022, quando os estados do Pará e Amazonas ainda não participavam do monitoramento. Foram ao todo 3.181 registros de mulheres vítimas de violência doméstica em 2023. Dois estados lideram o ranking: São Paulo com aumento de 20,38% (de 898 para 1.081 casos) e Rio de Janeiro com alta de 13,94 (de 545 para 621 casos) em comparação ao ano anterior²⁰.

Os dados acabam dando uma carga de gravidade ao problema, que é muito mais complexo do que os números estarrecedores possam dar conta. Mas por mais que os números sejam relevantes para dimensionar o problema, estamos tratando aqui nesta dissertação de uma questão essencialmente social e política, que envolve relações de poder, significantes e significados que merecem decodificação para amparar o entendimento. É válido sublinhar que tantos nos casos relatados como nas notificações oficiais a violência contra mulher segue aumentando, o levantamento da Rede Observatórios da Segurança revela isto em 2025²¹ e que o domicílio é o principal lugar de agressão das mulheres ao contrário da violência contra homens, que ocorre fora de casa conforme dados do IBGE²².

Cabe ressaltar que esta quantificação de casos tende a ser subnotificada, uma vez que muitas mulheres não conseguem acessar os mecanismos disponíveis para denúncias ou pedidos de ajuda disponibilizados para sociedade. Há deficiência de capacitação de profissionais e modelos de registro na saúde e na segurança pública, seja para acolhimento de vítimas ou encaminhamentos assertivos, e até mesmo questões sociais como áreas urbanas, geralmente periféricas, dominadas pelo tráfico ou pela milícia, que impedem a livre circulação dos agentes públicos relacionados à temática e das próprias mulheres que ficam impedidas de sair da região

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/27/rj-tem-aumento-de-quase-20percent-no-numero-de-feminicidios-em-um-ano.ghtml>. Acesso em: 05 de ago.2024.

¹⁹ Disponível em: http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/03/EMBARGO-ATE-5AM-1003_REDE-DE-OBS-elas-vivem_-2.pdf. Acesso em: 17 de jun. 2024.

²⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia#:~:text=ouvir%3A,PI%2C%20RJ%2C%20SP>. Acesso em 13 de jun.2024.

²¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2025-03/violencia-contramulher-aumentou-no-brasil-com-13-vitimas-por-dia>. Acesso em 20 de mai.2025.

²² Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas> Acesso em 20 de mai.2025.

onde sofrem os danos. Este cenário é por si extremamente problemático, uma vez que as políticas públicas são forjadas com base no número de ocorrências, tipos de violência e outros indicadores.

Sendo assim, os dados disponíveis na atualidade não representam a real situação do problema da violência doméstica contra mulheres no Brasil, o que impede um olhar mais cuidadoso e necessário do poder público para garantia do direito das mulheres em todo território nacional, seja impedindo o aumento do número de casos com ações efetivas, seja atuando de modo direcionado em regiões que apresentam uma quantidade mais significativa de ocorrências.

Do ponto de vista da saúde, um estudo realizado com base no cruzamento de dados da Pesquisa Nacional de Saúde²³ (PNS) e no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no ano de 2019, com objetivo de estimar a subnotificação no SINAN, demonstrou alto percentual de subnotificação de violência doméstica contra mulheres. Aferiu também que a violência psicológica foi o subtipo menos notificado em todo país, enquanto a violência física representou o maior índice de notificação.

Faz todo sentido que as notificações de violência física sejam maiores em função da obviedade das marcas que esta tipologia de violência deixa visível a olho nu, mas uma das causas deste fenômeno relaciona-se a falta de capacitação dos serviços de saúde no apoio às mulheres vítimas de violência. Como não há profissionais treinados para o tipo de atendimento a identificação da gravidade do problema fica comprometida. Soma-se a isso a constatação das regiões Norte e Nordeste como as que apresentam maior percentual de subnotificação. O estudo aponta, portanto, a necessidade de maior conscientização sobre a importância do registro e da formação dos profissionais de saúde no reconhecimento das situações de violência contra mulher.

No que se refere à segurança pública, além de legislação específica, existem por todo país mecanismos que se propõe a atuar no enfrentamento do problema. Portanto, dentre as delegacias especializadas, casas de apoio e acolhimento e medidas previstas para proteção à mulher, é possível afirmar que há também uma invisibilidade no que se refere aos reais dados de ocorrência de casos de violência doméstica contra mulheres. Neste sentido, o que corrobora com uma deficiência de registro e uma baixa eficiência no amparo é a falta de recursos

²³ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/5sWmchMftYHrmcgt674yc7Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 de jun. 2024.

materiais, humanos e, mais uma vez, o despreparo de equipes especializadas. Pesquisas como a do Observe – Observatório da Lei Maria da Penha, de 2011²⁴, demonstram que os serviços por serem ineficientes ou inexistentes não contribuem para o acesso das mulheres aos seus direitos e muitas vezes até mesmo se apresentam como obstáculos neste processo.

O fato de que existem regiões conflagradas onde há disputa entre lideranças criminosas ou entre as facções e a polícia adiciona complexidade ao enfrentamento do problema. Muitas vezes a polícia não tem acesso ao local, ou até mesmo é substituída pelo tráfico ou pela milícia que comanda o território na mediação do conflito e que assume também neste tema o papel de poder paralelo em face a falência dos órgãos de justiça e repressão aos crimes. Um relatório da Polícia Civil contabilizou, em 2020, 9.762 crimes relacionados à violência doméstica em territórios conflagrados do Rio de Janeiro, com cerca de 570 casos por mês em regiões dominadas pela milícia e pelo tráfico²⁵. Estes espaços abrigam outros tipos de violência para além da que está em análise nesta dissertação, o que nos impulsiona a uma breve abordagem acerca do conceito de direitos humanos.

Nesta altura, é oportuno mencionar o conceito de Direitos Humanos, que não deveria ser atribuído a um único autor, pois é resultado de um processo filosófico com múltiplas contribuições ao longo da história. Marcado pela influência dos pensadores iluministas, noções de igualdade, fraternidade e liberdade inerentes a condição humana e revoluções liberais ocorridas ao longo dos séculos. Contudo, cabe fazer um contraponto, tendo em vista as diferentes lutas e resistências de grupos subalternizados em distintos contextos multiculturais. Em artigo intitulado (Re) Pensar os direitos humanos: do indivíduo à Comunidade, publicado em 2023, María del Carmen Cortizo discute o paradigma liberal moderno dos direitos humanos, que tem origem no Direito Romano e é hegemônico nas declarações e convenções internacionais. No entanto, surgem reflexões sobre a multiculturalidade e os conflitos entre diferentes noções de direitos. Dois autores, Boaventura de Sousa Santos e Raimon Panikkar, oferecem perspectivas diferentes sobre como abordar essa questão. Santos defende a tradução intercultural como estratégia para uma concepção contra hegemônica dos direitos humanos e Panikkar argumenta que as culturas são incomensuráveis e a tradução é impossível. O que sugere que a busca por equivalentes pode ser uma abordagem mais viável para estabelecer um

²⁴ Disponível em [SciELO - Brasil - Desafios na implementação da Lei Maria da Penha Desafios na implementação da Lei Maria da Penha](#) Acesso em 9 de mai.2024.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/16/rj-tem-570-casos-de-violencia-domestica-por-mes-em-areas-dominadas-pela-milicia-ou-trafico.ghtml>. Acesso em 08 de mai.2025.

diálogo intercultural e construir concepções de direitos humanos alternativas ao individualismo liberal-moderno-europeu (CORTIZO, 2023). Na perspectiva de situar o surgimento da discussão com maior visibilidade acerca da problemática da violência doméstica contra mulheres no Ocidente, utilizaremos como marco a Declaração Universal dos Direitos Humanos, incorporada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948. Os valores do referido documento, que visava impedir a repetição dos terrores ocorridos durante a segunda guerra mundial, estão centrados na justiça, na busca de igualdade entre os seres humanos, no combate à opressão e à discriminação. Atualmente, está contemplada no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável Número 5, que busca igualdade de gênero. Este é um dos 17 objetivos interconectados da agenda 2030 para o Brasil, que contemplam os principais desafios enfrentados pelas pessoas no Brasil e no mundo, agenda esta que figura como prioridade da Organização das Nações Unidas no país. As organizações de natureza pública e privada também estão alinhadas a esta agenda, que é a chamada prática ESG (Environmental, Social e Governance), na tradução para português Ambiental, Social e Governança (ASG) e busca diminuir impactos sociais e ambientais por meio de soluções que promovam esta minimização de danos²⁶.

É relevante que a igualdade de gênero esteja contemplada nos objetivos para o desenvolvimento sustentável uma vez que representa o pano de fundo de um problema. Tendo em perspectiva que metade da população enfrenta mais dificuldades e sofre mais opressões no país, especialmente no que diz respeito à violência doméstica e ao feminicídio.

A segunda onda feminista, que é denominada desta maneira com finalidade didática para organização cronológica das lutas feministas, aconteceu de 1960 até início dos anos 1980 nos Estados Unidos e França. O período marca o início da abordagem do tema violência doméstica pelo feminismo, uma vez que neste período as violências sociais e domésticas sofridas pelas mulheres e a discriminação de gênero estavam em pauta pela primeira vez, rompendo barreiras entre as esferas pública e privada.

A pandemia do COVID-19 que demandou isolamento social visando diminuir o número de contaminações na população mundial também é um marcador significativo para observarmos o tema violência doméstica atualmente. Não apenas porque o número de casos disparou no mundo inteiro durante os anos de 2020 e 2021²⁷ quando as mulheres estiveram em

²⁶ Disponível em: <https://www.sp.senac.br/blog/artigo/esg-e-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em 18 de fev. 2025.

²⁷ Disponível em [3843-violenciadomestica.pdf \(ipea.gov.br\)](https://www.ipea.gov.br/3843-violenciadomestica.pdf) Acesso em 8 de jun.2024.

suas casas com seus algozes sob múltiplas condições de tensão, mas também porque nos apresenta as forças e fragilidades dos mecanismos disponíveis para enfrentamento da questão. definida como uma “pandemia dentro da pandemia” pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta mesma organização define a violência doméstica contra mulher como “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”. Dados disponíveis na publicação Atlas da Violência,²⁸ “Vida: simulando violência doméstica em tempos de quarentena”, divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2021, demonstram um aumento de 10% no número de casos de violência doméstica durante o confinamento forçado em função da alta contaminação pelo vírus.

No Brasil, a Lei Maria da Penha, promulgada em 2006, considerada pela ONU uma das melhores do mundo²⁹ em robustez, conceitua os cinco tipos (física, psicológica, moral, patrimonial e sexual) e define a violência doméstica e familiar contra a mulher com base em ações que causem morte, dano, lesão ou sofrimentos relacionados aos cinco tipos de violência. Uma pesquisa de 2013, conduzida pela DataSenado³⁰, demonstrou um amplo conhecimento das mulheres acerca da existência da referida lei. Contudo, um outro levantamento realizado pelo Instituto Patrícia Galvão/Data Popular no mesmo ano de 2013 ³¹constatou que, embora 98% dos entrevistados afirmassem conhecer a lei, apenas 9% afirmaram saber muito e 23% saber razoavelmente bem ou bastante a respeito do conteúdo.

A história da Lei Maria da Penha³² também merece ser comentada brevemente nesta dissertação uma vez que é emblemática ao mostrar o que acontece em muitos casos de violência doméstica. A lei recebeu este nome em homenagem a biofarmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, que foi por duas vezes vítima de tentativas de feminicídio pelo seu marido, pai das suas três filhas. Ela ficou paraplégica após um tiro nas costas enquanto dormia, foi mantida em cárcere privado e sofreu uma tentativa de eletrocussão durante um banho. Todas estas violências foram cometidas pelo seu companheiro. Com ajuda de familiares e amigos, Maria da Penha conseguiu sair de casa sem perder a guarda das filhas e iniciou uma batalha por justiça. Após

²⁸ Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/226/vida-simulando-violencia-domestica-em-tempos-de-quarentena> Acesso em 9 de jun.2024.

²⁹ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110706_onu_mulher_relatorio_rp. Acesso em 8 de mai.2025.

³⁰ Disponível em [Datasenado — Portal Institucional do Senado Federal](https://datasenado.org.br/) Acesso em 3 de mai.2024.

³¹ Disponível em http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf Acesso em 2 de mai.2024.

³² Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/> Acesso em 24 de out.2024.

escrever um livro relatando sua história, tornou-se símbolo da violência doméstica no Brasil. Seu caso foi considerado grave violação de direitos humanos e recebeu recomendações da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) direcionadas ao Estado Brasileiro. Vale ressaltar que o Estado Brasileiro foi responsabilizado por ter se mostrado omissos e negligentes durante o processo judicial, o que representava a postura contumaz do Governo Federal que não punia agressores em casos sistemáticos de violência doméstica ocorridos no país. Após um processo de debates com a sociedade, um projeto de lei foi aprovado na Câmara dos Deputados, no Senado e a lei Maria da Penha foi finalmente sancionada.

Existem diversos problemas colaterais à violência doméstica, contudo, o mais urgente a ser analisado é o feminicídio, que representa o fim fatal do ciclo da violência doméstica contra a mulher porque é quando esta vítima morre, ou seja, quando é assassinada em função de gênero. Incorporado como crime hediondo, alterou o Código Penal Brasileiro em 2015, durante o governo de Dilma Rousseff, através da Lei do Feminicídio nº 13.104. O Mapa da Violência deste mesmo ano de 2015 revelou ainda a prevalência do feminicídio conjugal no país e de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entre 2015 e 2023, foram vítimas de feminicídio no Brasil um total de 10,6 mil mulheres.

Diferentes fatores como desigualdade de direitos, responsabilidades e oportunidades, contribuem para violência doméstica se perpetuar com tanto vigor como principal sintoma da relação desequilibrada de poder entre homens e mulheres. Pierre Bourdieu (2002) expressa de forma enfática a ideia da mulher como a falta, como o não masculino, limitada a um espaço menor de maneira simbólica. O comportamento dominante dos homens sob um prisma simbólico, apresenta a origem da estrutura que causa a violência imperceptível, inserida nas categorias de entendimento do que é aceito como natural.

Assim, o estudo de Bourdieu (2002), busca analisar as relações entre feminino e masculino as posições dicotômicas e binárias de poder, historicizando o que parece ser uma característica original dos gêneros em uma sociedade androcêntrica (homem como figura central) e, portanto, não questionada. Toda esta análise culmina no entendimento da violência simbólica e como essa violência se perpetua nas sociedades. A Teoria de *Habitus* baseada em estudos etnológicos e apresentada pelo autor vai explicar essa incorporação da dominação masculina por homens e mulheres, ajudando na compreensão da identidade social que vai determinar as escolhas dos indivíduos. Bourdieu (2002) vai, dessa forma, apresentar instituições que possuem responsabilidade na permanência da dominação masculina: Igreja,

Escola, Estado, Mídia etc. Estas instituições sociais exercem de modo objetivo e subjetivo influência sobre os indivíduos, fazendo a manutenção da relação de desequilíbrio entre os gêneros. Visão que colabora para o entendimento da associação do exercício do combate e da violência ao sexo masculino, que nesta lógica precisa ser “viril”, manter o controle e utilizar a força para perpetuação do seu poder social, contrapondo-se ao feminino dominado e frágil. Esta relação ocorre de modo simbólico e de modo físico. Chega a ser impactante como as teorias de Bourdieu são afins aos comportamentos observados na contemporaneidade. A amplificação deste entendimento, que permeia a cultura, apresenta ramificações como a cultura do estupro, a falta de espaço para mulheres ocuparem posições de poder nas esferas pública e privada, ou a discrepância salarial entre os gêneros, para citar alguns exemplos de opressões sofridas pelas mulheres no cotidiano. A proposta chave para rompimento deste esquema constatado é a compreensão de que a dominação masculina não é indiscutível. Através da análise dos sintomas sociais da violência doméstica e do feminicídio fica mais urgente pensar sobre o desequilíbrio de gênero na sociedade e seus desdobramentos.

Nesta dissertação de mestrado se busca a intersecção do papel da religião no entendimento das mulheres líderes, que são também fiéis e praticantes do evangelismo sobre a existência da violência doméstica e do feminicídio. O tema ganha contornos especiais no contexto religioso porque tem no casamento cristão um juramento de vida em comum selado com o entendimento bíblico de uma certa indissolubilidade do casamento resumida no seu slogan mais famoso proferido nas celebrações de união: “até que a morte os separe”. Ainda hoje, a moral cristã defende o casamento monogâmico e indissolúvel e se posiciona contra tudo que se apresente como ameaça a este modelo como aborto, uniões livres ou homo paternidade, como nos lembra CECCARELLI (2007, p.313). Elementos que podem contribuir para uma perpetuação da violência doméstica contra as mulheres na medida que se espera, com fé, que os agressores possam passar por transformações divinas ou até mesmo passarem por um exorcismo, mas também é importante frisar que o mesmo ambiente religioso pode fortalecer estas mulheres para separação (SOUZA & LEMOS, 2009) e para o rompimento do ciclo da violência, caracterizado por um modo repetitivo de ocorrência de três fases na relação. Sendo a primeira de aumento da tensão, quando o agressor inicia o comportamento violento, a segunda caracterizada pelo ato da violência, que pode ser física, psicológica, moral, sexual ou

patrimonial e a terceira fase, também conhecida como lua de mel, quando o agressor demonstra arrependimento e comportamento carinhoso³³.

Outro conceito muito importante relacionado à violência doméstica contra mulheres é o da revitimização, ele pode causar uma série de problemas, principalmente psicológicos e consiste no processo em que a mulher se torna vítima reiterada do crime que acabou de experimentar. É a sistematização da violência e promove uma continuação do sofrimento da vítima, podendo ocorrer de forma repetitiva. A questão está relacionada ao âmbito jurídico ou de serviços públicos, que supostamente deveriam amparar as mulheres, mas que muitas vezes oferece um ambiente machista e discriminatório³⁴. Geralmente, a revitimização acontece quando a palavra da vítima é aviltada ou quando os profissionais envolvidos no acolhimento deixam de orientar devidamente as questões necessárias para condução do caso, a partir de colocações inoportunas, preconceituosas ou que colocam em dúvida a conduta da vítima. Conforme proposto como atravessamento analítico, temos a religião evangélica e para isto é necessário abordar esta parcela da população brasileira. É o que faremos nas próximas linhas.

³³ Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>
Acesso em 15 de set. 2024.

³⁴ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/revitimizacao-conceito-e-entendimentos/1878130268>
Acesso em 24 de out.2024.

Considerações acerca de evangélicos

Ao falar sobre evangélicos não cabem generalizações. Isto porque os evangélicos são parte da sociedade brasileira com todas as diferentes características e diversidade, com toda complexidade que o perfil brasileiro representa³⁵. Um terço dos brasileiros é evangélico e no país mais de 80% da população é declaradamente cristã, segundo levantamento de 2020 realizado pelo Datafolha³⁶.

Um dos fatores que estimulam o crescimento do número de evangélicos, que, segundo dados do IBGE³⁷ nos próximos anos serão em mesma proporção que os fiéis do catolicismo romano, é também a força das lideranças³⁸ que possuem muito sucesso entre a população e um dos pontos de prova é o crescimento do número de igrejas no Brasil.

Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, publicado em 2023³⁹, informa que houve notável crescimento de estabelecimento religiosos no país, liderados pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. Entre os 124.529 estabelecimentos existentes em 2021, 52% são evangélicos pentecostais ou neopentecostais, liderando o resultado, seguidos por 19% evangélicos tradicionais e 11% de católicos. Neste contexto de crescente poder político, econômico e cultural do evangelismo, alguns fatores merecem uma análise pormenorizada na busca de um entendimento das narrativas acerca da violência doméstica e do feminicídio. E das relações entre moralidades, conservadorismo, conservadorismo cristão, violência doméstica e feminicídio.

Iniciamos com uma avaliação do poder público, que prejudica a situação quando deixa uma lacuna de iniciativas ou ações para combate ao problema e ainda promove e incentiva o

³⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/ronilso-pacheco/2024/03/13/tres-pontos-criticos-em-religiao-e-extremismo-que-exigirao-atencao-em-2024.htm>. Acesso em 18 de fev. 2025.

³⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 01 de abr. 2025

³⁷ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em 08 de mai. 2025.

³⁸ Disponível em: <https://fpabramo.org.br/pesquisas/wp-content/uploads/sites/16/2023/09/Relatorio-Executivo-6-GT-Religiosidades-1.pdf>. Acesso em 13 de mai. 2025.

³⁹ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/porta1/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14594-crescimento-dos-estabelecimentos-religiosos-no-pais-e-liderado-por-igrejas-pentecostais-e-neopentecostais#:~:text=Entre%20os%20124.529%20estabelecimentos%20existentes%20no%20país,19%20e%20vangélicos%20tradicionais%20e%2011%20de%20católicos.&text=Por%20fim%2C%20a%20pesquisa%20concluiu%20que%20o,exponencial%2C%20mas%20também%20uma%20notável%20disseminação%20geográfica..> Acesso em 08 de mai. 2025.

armamento da população sob pretexto de mecanismo de segurança, conforme ocorreu durante o governo Bolsonaro. Vale lembrar que em 2005 a maioria da população votou em maioria no referendo que favoreceu o comércio de armas no Brasil⁴⁰. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024, a comercialização de armas de fogo no país cresceu cerca de 33% em comparação a 2022⁴¹.

E as questões morais, que perpetuam a cultura do patriarcado e o machismo estrutural na sociedade. Todos esses fatores compõem o contexto da análise proposta para esta dissertação, que busca esclarecer as narrativas, termo em disputa no campo político, sobre o feminicídio e violência doméstica contra mulheres em um país majoritariamente cristão e com alto índice de ocorrência destes dois fenômenos sociais.

A relação entre conservadorismo e religião merece, portanto, uma observação minuciosa uma vez que há maior profundidade e complexidade nesta conexão que não é necessariamente causal, uma vez que os evangélicos no Brasil representam apenas a ponta de um *iceberg* no que se refere à pauta conservadora no país. Esta é, portanto, uma história mais profunda e antiga do que a evolução demográfica do número de fiéis praticantes da religião evangélica a partir dos anos 1970.

Conforme informa Ronaldo de Almeida (2019), nem todo evangélico é conservador, embora este grupo faça parte e exerça significativa força seja ela política ou midiática no campo marcado pelo conservadorismo. Sendo assim, a observação das narrativas sobre feminicídio e sobre violência doméstica contra mulher precisa ser particularizada em um cenário majoritariamente cristão, que tende a utilizar a política como forma de consolidação das moralidades religiosas. Por conseguinte, uma subalternização das mulheres pode vir a reboque desta manutenção de privilégios dos homens. No Brasil, em termos legais, homens e mulheres têm os mesmos direitos, mas na prática há um descompasso em relação às oportunidades e tratamentos, além disto, estudos como o do Fórum Econômico Mundial, realizado em 2019,

⁴⁰ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/plebiscitos-e-referendos/referendo-2005/referendo-2005-1>. Acesso em 08 de mai. 2025.

⁴¹ Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/cresce-o-mercado-de-armas-no-brasil-enquanto-fiscalizacao-enfrenta-fragilidades/#:~:text=Cresce%20o%20mercado%20de%20armas%20no%20Brasil%20enquanto%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o%20enfrenta%20fragilidades,-Os%20registros%20ativos&text=De%20acordo%20com%20o,33%25%20quando%20comparado%20a%202022>. Acesso em 08 de mai. 2025.

revelam que serão necessários cerca de 59 anos para que os países da América Latina alcancem a paridade geral entre os gêneros⁴².

Há muito preconceito e equívoco no entendimento do evangelismo brasileiro, seja pelos meios de comunicação seja por uma parcela da sociedade. Em boa medida porque houve uma captura da extrema direita política que utiliza a gramática evangélica para subjugar a sociedade a um cristianismo conservador⁴³. Outro ponto de observação do equívoco mencionado no entendimento diz respeito ao fato que os evangélicos não representam um grupo monolítico, não tem representantes e tampouco uma autoridade única que os represente como um bloco representativo⁴⁴.

A rotulação tradicional que divide os pentecostais, neopentecostais e históricos não é consistente o suficiente para dar conta da realidade contemporânea que apresenta uma heterogeneidade do perfil evangélico. O neopentecostalismo, por exemplo, é uma categoria de análise nascida nas Ciências Sociais, um termo trabalhado e difundido em solo brasileiro por Ricardo Mariano (2005) para se referir ao movimento ocorrido no Pentecostalismo após o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, que foi fundada em 1977 na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e em menos de três décadas transformou-se em uma potência religiosa com influência significativa no campo político. Este fato trouxe relevantes impactos na mensagem bíblica ao pregar a Teologia da Prosperidade⁴⁵ e por assumir, no campo comportamental, uma postura mais liberal.

Embora não seja a vertente evangélica que mais cresce no país, lugar ocupado pelo Pentecostalismo (MARIANO, 2008), é a que ocupa significativo espaço midiático, inclusive figurando como proprietária de emissoras, difusora e produtora de programas televisivos, digamos que é a que aparece como uma espécie de vitrine do evangelismo. Sua oferta de serviços mágico-religiosos é centrada no alcance da prosperidade, cura física e emocional, resolução de problemas em geral desde familiares, afetivos e até mesmo de cunho social, tudo sob concepção divina e sendo vedado o consumo de drogas, álcool, relações sexuais extraconjugais e homoafetivas. Desta maneira, a vertente se acomoda com maior facilidade à

⁴² Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/igualdade-de-genero/>. Acesso em 24 de fev.2025.

⁴³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2024/09/extrema-direita-usa-gramatica-religiosa-em-projeto-de-radicalizacao-diz-ronilso-pacheco.shtml>. Acesso em 18 de fev.2025

⁴⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/nao-e-um-rebanho/>. Acesso em 13 de mai.2025.

⁴⁵ Disponível em: <https://laboratorio1historiadaarte.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/neopentecostais-e-teologia-da-prosperidade-mariano.pdf>. Acesso em 01 de abr.2025.

sociedade de forma abrangente, com maior amplitude de interesses, práticas e valores, atendendo a quem deseja alcançar benefícios recorrendo à igreja como intermediária das forças sobrenaturais (MARIANO, 2005).

Pela observação histórica brasileira, não há como dissociar o conservadorismo da religião. Desde a colonização portuguesa, que trouxe consigo uma forte influência do catolicismo romano, religião que se estabelece como dominante, se consolida como uma instituição de controle moral e educacional, exercendo influência direta nas estruturas de poder e nas leis coloniais. A igreja católica, portanto, se robustece durante os períodos de independência e império, até chegar à Proclamação da República, quando se inicia uma separação gradual entre estado e igreja, dando início a um período de laicização da sociedade brasileira.

Durante a época da ditadura militar houve também uma estratégica aliança entre os militares e as lideranças religiosas (ALMEIDA, 2016) contra o comunismo e pela conservação da ordem na sociedade e do combate ao pecado, incluindo neste pecado as práticas homossexuais e reforçando preconceitos. Essa associação entre militares e lideranças evangélicas foi abordada na tese de Adroaldo Almeida (2016) e intitulada “Pelo Senhor, Marchamos: os evangélicos e ditadura militar no Brasil (1964-1985)” que apresenta uma série de omissões, silenciamentos e posicionamentos dos evangélicos durante o golpe. Mostrando que as igrejas evangélicas no Brasil desempenharam papéis políticos majoritariamente conservadoras, mas também abrigaram vozes dissidentes e progressistas. A atuação evangélica durante a ditadura moldou uma espécie de cultura política evangélica que passa a valorizar a liberdade de culto acima da democracia em si (ALMEIDA, 2016).

Na redemocratização, os evangélicos surgem com maior visibilidade e ampliam sua presença política, mostrando uma nova face do conservadorismo associado à religião. O conservadorismo é, na realidade, transversal às religiões, sobretudo as de matriz cristã, e configura-se como uma longa característica, que molda a política e a sociedade brasileira, mas também influencia diretamente as questões de moralidade, legislação e direitos humanos no país⁴⁶.

Sendo assim, este traço da sociedade precede o crescimento da religião evangélica no país figurando desde a anterior hegemonia católica, sempre pautando as agendas políticas em prol de temas relacionados à direita, aos costumes, à ética e a economia. O que é interessante

⁴⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o>. Acesso em 23 de fev.2025.

analisar, nesta aproximação proposta entre a religião evangélica e o conservadorismo é como vem se formando um posicionamento de viés político tão capilarizado e potente, que influencia eleições e decisões com intenso apoio da sociedade. Sobretudo, como parecem se complementar de modo estreito, harmônico e produtivo. Trata-se de uma convergência de sentidos, que pode ser notada em uma breve análise do cenário midiático, através dos líderes influenciadores, dos sites das igrejas, das emissoras de televisão e rádio e demais canais exclusivos de comunicação evangélica, que são diversos e em franca expansão. Assim como no aspecto eleitoral, uma vez que a presença da bancada evangélica é notória nas câmeras e no Senado Federal, seja ainda pela observação dos posicionamentos das lideranças religiosas, pelos políticos, ou pela união dos dois papéis, o que passou a ser uma constante nas corridas eleitorais de Norte a Sul do país.

Nesse sentido, conforme apresenta Ronaldo Almeida (2020), há um movimento realizado pelos políticos evangélicos de legitimarem normas morais e conservadoras a partir de uma confusão forjada de modo intencional entre ocupação de lugares de poder político com uma maioria demográfica, acirramento de discursos, concorrência e conflito religioso. Ainda segundo Almeida, o conservadorismo pode ser compreendido como uma categoria social formada a partir do debate político e acadêmico, mas também em diversos usos do termo como acusação, autoidentificação ou conceito, sendo utilizados de diferentes formas nas discussões sobre o Brasil na atualidade.

Cabe aqui problematizar o termo conservadorismo conforme proposto por Almeida (2020), o que é fundamental para situar o atribuído, por assim dizer, ao evangélico. Por conseguinte, o conservadorismo que é também um conceito em disputa tanto no cenário político quanto acadêmico, assume pelo menos três vieses distintos, aparecendo como acusação, autoidentificação ou como conceito. O conservadorismo registrado na categoria política de acusação identifica-se com aquilo que é contrário às mudanças da estrutura social e considerado opressivo. No âmbito da autoidentificação é importante mencionar que o conservadorismo é cada vez mais assumido publicamente ao contrário do que acontecia durante o período da redemocratização no país, quando uma espécie de vergonha imperava em torno deste tipo de posicionamento conservador. Como estatuto conceitual, o conservadorismo, principalmente na filosofia política e na ciência política, informa e se sobrepõe aos sentidos mais utilizados no debate público.

Ao pensar sobre esta característica tão brasileira que é o conservadorismo não se pode deixar de refletir em uma perspectiva política sobre o golpe militar de 1964, que marcou profundamente a sociedade com uma série de arbitrariedades que aniquilavam qualquer

oposição ou crítica ao Estado de exceção. Esta aproximação faz-se mais necessária pelo fato de que no Brasil se assistiu recentemente a eleição de um presidente de extrema direita que defendia de forma aberta o fortalecimento das Forças Armadas e uma agenda conservadora reforçada por partidários ligados a religiosos fundamentalistas.

Dentre as vítimas da ditadura estavam vozes dissonantes da sociedade, partidos de esquerda, estudantes, associações, movimentos da sociedade civil, artistas e até religiosos, dentre outros. Muitos estudos se debruçam na investigação da relação entre religiões e ditadura, sendo a maioria deles relacionados às religiões de matriz cristã. Uma parte dos estudos inclusive foi utilizada no relatório final da Comissão Nacional da Verdade. Este movimento direcionou as pesquisas acadêmicas no sentido de revelar apoio das igrejas evangélicas e da igreja Católica à ditadura militar (MOTA, 2024).

É possível afirmar que a gênese evangélica no país foiários estrangeiros, com destaque especial aos norte-americanos que foram responsáveis pela difusão das doutrinas e fundação de igrejas, com concentração inicial nas áreas urbanas, enfatizando a conversão pessoal, a moralidade individual e a interpretação da bíblia. No período da ditadura houve um movimento de apoio ao regime por parte das denominações evangélicas com especial posicionamento contra o comunismo e em prol da proteção dos valores morais tradicionais ALMEIDA (2016).

Alguns vínculos políticos e sociais estabelecidos neste período perduram até os nossos dias o que denota um alinhamento que consolidou uma base de apoio conservador entre os evangélicos. Não é difícil observar que existe uma dinâmica entre os grupos religiosos e a política que visa o acionamento dos fiéis para votação, mas também dos fiéis que elegem determinadas figuras para representação política de acordo com seus interesses de manutenção de privilégios ou até mesmo para se opor a ampliação de direitos a outros grupos que não fazem parte do espectro de devotos que comungam sob as moralidades religiosas.

O crescimento exponencial do número de igrejas, que entre os motivos de impulsionamento teve a ampliação da liberdade religiosa e a ascensão de líderes carismáticos midiáticos que conseguiram espalhar suas mensagens através do aproveitamento dos meios de comunicação marca a década de 1980 para os evangélicos no Brasil.

Particularmente, o pentecostalismo ganhou destaque entre as vertentes evangélicas pelo fato de atrair seguidores através de ofertas como a cura divina, a glossolalia (capacidade de falar línguas) e a forte ênfase na prosperidade material. Mas, para além do crescimento numérico, o conservadorismo evangélico no país se diversifica também em termos de pautas

sociais e políticas. Temas que não eram contemplados passam a ser centrais, principalmente a partir do governo Bolsonaro, no posicionamento de diversas lideranças do meio evangélico e a compor uma agenda política como o combate ao aborto, a oposição aos direitos de pessoas LGBTQIAP+, a crítica à educação sexual em escolas e a defesa da família tradicional heterossexual normativa.

Todas essas questões citadas entram como perspectiva de valores cristãos e de moralidade pública compondo a visão conservadora sobre a ordem social e o papel do Estado. Mas quais são os impactos observados no dia a dia da sociedade com o conservadorismo evangélico? Além de serem profundos, abrangem diferentes aspectos da vida das pessoas, o aumento da bancada evangélica no Congresso Nacional é um fator de interferência na formulação das políticas públicas e das leis que tangem as questões de direitos humanos, da saúde pública e da educação no Brasil. Em âmbito social o movimento exerce uma considerável força sobre o comportamento dos indivíduos e da coletividade, sendo inclusive capaz de moldar responsáveis por colocar temas controversos no debate público com vistas a promover a polarização e a visão de mundo com fundamentos específicos nos princípios religiosos. Para além das atuações nos fóruns que deliberam leis e políticas que impactam a sociedade, os evangélicos formam um grupo político organizado que exerce poder sobre candidaturas e coalizões se configurando como um relevante influenciador no cenário nacional.

Evangélicos não possuem um posicionamento único e tampouco oficial no Brasil, embora de um modo geral operem, de forma dispersa e desordenada, com foco nas pautas moralizadoras que restringem os direitos individuais e se opõem às mudanças progressistas. Sabemos que o único valor público defendido de modo amplo por todas as lideranças religiosas em posição de destaque político é o da laicidade, embora com sentidos em disputa e diversos, mas os posicionamentos são variados com relação ao quanto o Estado deve interferir nos aspectos comportamentais. Mesmo que haja fragilidade no Estado laico brasileiro, observada desde a hegemonia católica até o aumento de poder político evangélico, notamos um sentido variável de laicidade uma vez que o ensino religioso não deveria estar no ensino público, tampouco a proibição do aborto deveria envolver motivações religiosas como observamos os parlamentares utilizar como argumento, por exemplo.

Esta dissertação utiliza como recorte a questão de gênero na pesquisa efetuada entre mulheres adultas (acima dos 18 anos), moradoras do município do Rio de Janeiro, lideranças de igrejas evangélicas. Por meio de entrevistas realizadas com as, formadoras de opinião e com

acesso ao púlpito, apresenta o entendimento das questões relacionadas a temática desigualdade de gênero, dos conceitos de moralidade, da visão sobre o casamento e das noções sobre violência doméstica e feminicídio.

Importante destacar que o conceito de gênero, atualmente em concorrência tanto pelo viés progressista quanto pelo conservador, que irá balizar o estudo, situa gênero como uma categoria política, econômica, social e não biológica. De acordo com Joan Scott, no livro *Pensamento Feminista*, 2019, gênero é um meio de decodificar sentidos e de compreensão das complexas relações humanas. Portanto, o gênero, apesar de não ser o único, é um campo por meio do qual as relações de poder são articuladas e esta será a tônica da investigação. Considerando gênero como categoria de análise científica, a questão da violência doméstica e do feminicídio também se estabelecem partindo de uma categoria de gênero e, nesse sentido, analisar uma violência de gênero atravessada pela religião parece ser útil sob a perspectiva do potencial poder e dominação que pode operar sob os indivíduos. Assim, a escolha pela religião evangélica apresenta-se como um profícuo espaço de reflexão.

Conforme Paul Freston apresenta (1993) na sua tese “Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment”, os evangélicos dividem-se em históricos, que se referem aos grupos protestantes tradicionais oriundos da Reforma Protestante do século XVI. Incluem igrejas como a Luterana, que segue os ensinamentos de Martinho Lutero e enfatiza a doutrina da justificação pela fé; Presbiterianos, que seguem a teologia de João Calvino, destacando a soberania de Deus; Metodistas, que enfatizam a santificação e a perfeição cristã, fundada por John Wesley; Os Batistas, que destacam pela autonomia da igreja local. Esses grupos são caracterizados por uma liturgia estruturada e uma abordagem mais tradicional ao culto e práticas eclesiais. Os Evangélicos Pentecostais, por sua vez, surgiram no início do século XX, geralmente são mais expressivos em seu culto, utilizam músicas vibrantes, orações fervorosas e uma forte ligação na experiência pessoal com Deus. São conhecidos por suas práticas carismáticas e ênfase nos dons do Espírito Santo, falas em outras línguas, profecias e curas divinas. As práticas do pentecostalismo incluem o batismo no Espírito Santo, considerado uma segunda experiência após a conversão; As curas divinas, que representam a crença na intervenção direta de Deus para cura de doenças e as profecias e revelações, que trazem manifestações diretas do Espírito Santo.

O pentecostalismo cresceu de forma expressiva em países em desenvolvimento, especialmente na América Latina e no Brasil, onde já representa o segundo maior grupo

religioso. Os adeptos estão em diversas classes sociais, incluindo profissionais liberais e empresários. Embora o Censo de 2010 revele que mais de 60% dos evangélicos pentecostais tenha renda de até um salário-mínimo⁴⁷. Além do impacto religioso e demográfico, o pentecostalismo brasileiro se expande nos campos midiático, político, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Em termos de perfil sociocultural, de um modo geral, enquanto os evangélicos históricos possuem renda e escolaridade elevadas com maior concentração nas classes média e alta, os pentecostais tem renda e escolaridade inferiores à média nacional, no entanto, ambos os grupos são majoritariamente urbanos e possuem maior proporção de mulheres entre os fiéis. Segundo Freston (1993), o pentecostalismo brasileiro pode ser classificado em três ondas. O clássico ou grupo da primeira onda, situado entre 1910 e 1950, quando em 1910 é fundada a Congregação Cristã no Brasil, em São Paulo e logo após a Assembleia de Deus é fundada por missionários suecos, no Pará, em 1911, se expandindo por todo território nacional. A segunda onda ou pentecostalismo neoclássico, que associa o dom de falar em línguas à cura divina. Neste período, a chegada dos missionários norte-americanos ao Brasil marca a fundação em 1951 de algumas igrejas, dentre elas: Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo (1955, São Paulo), Deus é Amor (1962, São Paulo) e Casa da Bênção (1964, Minas Gerais). O neopentecostalismo, que se inicia na segunda metade dos anos 1970, inclui a Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo, entre outras (MARIANO, 2004). O pentecostalismo, de acordo com Freston (1998), tem no perfil da liderança uma característica de ser altamente adaptável às culturas locais, uma vez que essas lideranças emergem das comunidades e não dependem de uma formação teológica. As igrejas também podem ser formadas em localidades que não tenham relevância populacional ou política pelo fato de não seguirem um clero formal. Isto difere do protestantismo histórico, que manteve em maior ou menor grau fiel às tradições europeias.

A hipótese proposta é de que existe conexão entre a religião evangélica e a forma como as mulheres líderes que professam essa religião veem a questão da violência doméstica e do feminicídio. O estudo busca apresentar entendimentos sobre a violência doméstica e o seu desfecho fatal, o feminicídio, sob o ponto de vista de líderes evangélicas, quais os sentidos e significados atribuídos ao tema e se há conexão entre o julgamento dessas mulheres sobre a violência doméstica, seja como vítima, expectadora ou rede de apoio, e as narrativas religiosas

⁴⁷ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em 15 de mai.2025.

é possível realizar uma distinção tão clara entre os dois grupos religiosos. Como afirma no seu artigo “Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral”, de 2004, Simone Bohn.

O exercício prioritário da investigação foi buscar a compreensão sem estigmatizar grupos, mas com foco em estabelecer claramente as fronteiras entre discursos e projetos democráticos e antidemocráticos no contexto de país em franca disputa de posicionamentos seja no campo político, religioso ou dos direitos humanos em geral. A proposta é abordar a questão da violência doméstica e feminicídio sob a perspectiva de gênero como categoria de análise, considerando o atravessamento religioso e o contexto político, que problematiza e tensiona os posicionamentos examinados.

Embora as vítimas da violência doméstica não tenham um perfil específico, porque vão literalmente da juíza à manicure, o estudo busca mostrar como a religião pode tornar ainda mais complexa a questão. Através da promoção de condutas que normalizam a submissão das mulheres e até que medida essa dinâmica social pode interferir com o aumento do número de casos de violência doméstica e no feminicídio.

Sendo assim, ao refletir à luz das teorias sociológicas e políticas que se debruçam sobre as questões de gênero, assim como de religião e gênero, sobre as singularidades do pensamento evangélico a respeito do tema investigado, a pesquisa tem como objetivo compreender, através de uma escuta das formadoras de opinião e com acesso ao púlpito das igrejas, se há e quais são as noções acerca da violência doméstica, do assassinato de mulheres (feminicídio), e relacionar estas visões às ideias da religião evangélica sobre o tema.

Analisar a mediação pastoral sobre casamento e o pensamento que defende a igualdade de gênero, considerando as múltiplas opressões em jogo. Abordar o conceito de moralidades sob o ponto de vista religioso e não religioso e apresentar o conceito de família sob o prisma religioso e o papel das mulheres nas concepções de família imaginadas por elas, assim como o entendimento dessas mulheres acerca da violência doméstica em perspectiva da religião foram também objetivos desta dissertação.

A relevância desta pesquisa está em apresentar a dinâmica onde a dominação masculina e a violência doméstica acontecem nos ambientes religiosos, realidades observadas e narradas pelas lideranças evangélicas. E como a religião pode desempenhar um papel significativo nesta

operação, reforçando opressões que culminam em violência ou atenuando a ocorrência deste fenômeno.

O complexo fenômeno social da violência doméstica, que afeta a vida de milhões de pessoas em escala mundial e marca profundamente a vida das mulheres, se apresenta de diversas formas, (física, psicológica, moral, sexual e patrimonial), de acordo com a tipificação presente na Lei nº11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha). A religião, especificamente neste estudo, a evangélica, pode influenciar na perpetuação ou na prevenção do problema. Investigar esta relação oferece caminhos para o entendimento de como a questão da violência doméstica é percebida e tratada.

A ênfase no perdão e na reconciliação, professadas nas igrejas, assim como a pressão pela manutenção da união familiar, podem ter como resultado um ambiente de pouco apoio às vítimas de violência doméstica. No entanto, as mesmas igrejas ao oferecerem redes de apoio e serviços comunitários promovem o suporte emocional, o aconselhamento e a reabilitação de agressores contribuindo para proteção e bem-estar das mulheres.

Investigar e abordar a violência doméstica é de grande importância para o entendimento e combate eficaz desta questão. Pesquisar a compreensão das lideranças evangélicas a respeito do tema e como enxergam o fenômeno é significativo porque revela desafios e oportunidades para lidar com o problema. A integração dos resultados obtidos com esta pesquisa acadêmica a outras fontes de estudo pode assim oferecer instrumentos informacionais para enriquecer a discussão.

Através da investigação do todo e das partes do problema da violência doméstica e do feminicídio entre mulheres evangélicas sob perspectiva sociológica, estabeleci as devidas relações entre os conceitos, sem juízo de valor acerca das escolhas religiosas e realizando as necessárias distinções sobre visões progressistas mais alinhadas aos direitos humanos com as visões conservadoras, que não considerem a igualdade de gênero, a liberdade ou o direito individual. A dissertação tem como bases o conceito de direitos humanos, que orienta a maneira que os seres humanos vivem entre si e em sociedade, bem como as normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os indivíduos.

Procurei o entendimento de mulheres acerca dos conceitos de igualdade e de gênero, o que elas projetam sobre estas questões e como compreendem a temática central da dissertação. Ademais, busca-se também estabelecer uma relação não causal entre conservadorismo e

religião evangélica, assim como descortinar o eventual papel de amparo, empoderamento e suporte às mulheres oferecido pela igreja. Entender, através dos discursos das mulheres da igreja como se enxerga a questão da violência doméstica, do feminicídio, da relação de poder no casamento e em que medida a religião interfere nestas visões.

Nesse sentido, a tentativa foi elucidar o impacto da condição religiosa no problema, contextualizando historicamente e lembrando que “a história sempre é uma história da sociedade, mas sobretudo, dos indivíduos” (ELIAS, 1994). O aspecto religioso como elemento da análise da violência doméstica contra mulheres é complexo. A observação para entender a dimensão moral, os costumes e símbolos da vida social de mulheres evangélicas e as dinâmicas familiares regidas pela religião, que culminam certas vezes com os casos de violência doméstica e feminicídio expõe em determinadas situações a acentuada existência de um sistema de hierarquia de gênero neste grupo e para isso é necessário exercitar a empatia e despir-se de preconceitos para realizar uma escuta ativa durante as entrevistas.

A religião de um modo geral é um rico material para análise sociológica e como forma de cultura é capaz de mobilizar indivíduo e sociedade criando um senso de propósito através das suas práticas. Como sociedade somos fortemente influenciados pela religião, mas o problema histórico da violência doméstica não está relacionado ao aumento do número de evangélicos. O que se observa na literatura e estudos específicos sobre esta temática, sempre analisada sob o aspecto de gênero, (VILHENA, 2009; MARTINS, 2019) é que o ambiente religioso e o evangelismo em si podem agravar ou funcionar como lugar de amparo para estas mulheres no que se refere a violência doméstica. Uma dinâmica que se apresenta complexa, por vezes mantendo as mulheres subjugadas na condição de vítima e por outras, com o acolhimento e prática da religião, promove a melhora da autoestima, enfrentamento de situações adversas e obtenção da independência financeira e emocional dos seus parceiros. É importante buscar entendimento sobre como acontece o sistema social onde a dominação causa impacto na vida do indivíduo e do coletivo, sem fazer juízo de valor a respeito da religião estudada e à luz da sociologia da religião, assim como das teorias de gênero e dos conceitos teóricos relacionados ao estudo.

Na busca pelos conceitos de moralidades, foi observado, como destaca Joel Robbins em seu estudo de 2015; “Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social”, sobre a psicologia social da moralidade, a relevância dos exemplos tanto individuais quanto de instituições para o compartilhamento de valores que irão permitir uma vida ordenada

em sociedade. Outro conceito pertinente neste exame das moralidades é o da dependência amorosa, abordado por Patrik Pharo, em seu artigo “Sociologia moral das dependências motivadas”, de 2015. Nele, está estabelecida a relação entre o amor romântico e o cuidado parental, assim como a análise de que é possível torturar, violentar e até matar por amor, só não cabendo nesta dinâmica, portanto, a indiferença. Nesse sentido, o autor expõe que tanto na dependência amorosa quanto nas adições às drogas as lições de moral de nada valem porque embora uma ética seja importante para manutenção do respeito e da segurança de que não irá fazer mal a si e ao outro, não há garantias. Assim, a dependência afetiva seria um bom exemplo da passividade da ética. A relação do que Robbins e Pharo dizem com esta dissertação está nas possibilidades de entendimento da gama conceitual da moralidade, que pode estar envolvida nas múltiplas situações de violência doméstica e na forma como a mediação sobre casamento pode ser conduzida pelas lideranças.

Uma vez que o conceito de família abraçado pelos grupos religiosos é geralmente baseado na hierarquização de gênero, onde as mulheres são, na maior parte das vezes, subalternizadas em relação aos homens, seguindo o modelo de base nuclear desenvolvido pela burguesia, conforme pontua Maria Das Dores Campos Machado, em seu livro “Carismáticos e Fiéis: adesão religiosa na esfera familiar”, publicado em 1996, este será um ponto observado. Adicionalmente, na análise será considerado o fato de que a probabilidade de revisão da identidade feminina e o do questionamento acerca das representações de gênero ocorre em maior frequência entre mulheres da camada média, com maior grau de instrução e economicamente ativas, de acordo com os estudos de Maria Das Dores Campos Machado e Myriam Barros, de 2009, intitulado “Gênero, geração e classe: uma discussão sobre mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro”.

Ainda neste trabalho apresentado pelas autoras o dado referente a presença e influência da religião muito mais forte nos depoimentos das mulheres de camadas populares do que entre as de segmentos médios. Neste sentido, as mulheres dos segmentos médios possuiriam uma relação mais frouxa com a religião e isto permitiria a escolha de que haja ou não adoção de dogmas e credos.

Segundo pesquisa qualitativa, realizada pela agência de comunicação Nova SB⁴⁹, com 15 pessoas eleitoras das quais seis evangélicas e nove católicas, todos mães e pais, das faixas C

⁴⁹ Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2023/07/24/significados-da-familia-baseado-em-pesquisa-realizada-para-agencia-nova-sb>. Acesso em 26 de jun.2024.

e D de renda, residentes em diferentes locais do país, buscando entendimento do significado da família para pertencentes a diversas posições políticas o conceito de família tradicional centrada em tradições cristãs é defendida por pessoas evangélicas e eleitoras de Bolsonaro, enquanto os demais entrevistados são defensores de uma família mais aberta e que abrange modelos para além do tradicional.

Nesse sentido, a definição de família tende a ser moldada pelo perfil ideológico e religioso. Assim, segundo a perspectiva predominante no cristianismo, a constituição da família ocorre por meio do casamento, que representa a união heterossexual de um homem e uma mulher sob as bençãos de Deus, tanto do ponto de vista físico quanto espiritual conforme previsto na Bíblia Sagrada Cristã. Já o casamento civil é a união de duas pessoas sob o Direito Civil e, no Brasil, pode acontecer entre pessoas do mesmo sexo. inclusive, o número de uniões entre pessoas do mesmo sexo tem aumentado ao longo dos anos⁵⁰. Ao casamento civil é permitida a dissolução através do divórcio, já no caso da união pelo matrimônio religioso esta dissolução é mais restrita e permitida em casos muito específicos apenas.

Para Andréa Lobo e Maria Eduarda Cardoso, no artigo “ Em nome da família brasileira: sobre políticas de governo, (re) produção de elites e disputas narrativas” publicado em 2021, no Brasil, as correntes ideológicas, identificadas como conservadorismo ou neoconservadorismo, formam alianças que promovem um discurso moralizante em defesa da família e contra o que consideram um “desvirtuamento” promovido pela esquerda, os movimentos sociais, incluindo grupos religiosos de matriz cristã, representam um significativo obstáculo para o direito de grupos diversos.

O Estatuto da Família, Projeto de Lei 6583/2013, que visa a definição de família no país como uma união entre um homem e uma mulher, excluindo outros arranjos familiares e formas de convivência, surgiu como uma resposta ao reconhecimento da união estável homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal em 2011 e se intensificou com a proposta legislativa de 2013 motivada por movimentos conservadores que também se engajaram em questões como o impeachment de Dilma Rousseff e a redução da maioria penal.

O que está em pauta na defesa dos políticos conservadores é que o Estado deve valorizar e proteger a família tradicional, que considera essencial para sociedade. O PL 6583/2013 passou por uma comissão especial na Câmara dos Deputados, com debates e pareceres que destacaram

⁵⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-12/casamentos-homoafetivos-no-brasil-aumentam-149-em-nove-anos>. Acesso em 18 de mai.2025.

a necessidade de diferenciar "família" de outras relações de afeto e gerou bastante debate público. Movimentos conservadores, como a Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família, apoiaram a proposta e a defenderam como parte de uma agenda mais ampla incluindo questões como o Estatuto do Nascituro e a oposição ao aborto. Esses grupos veem o "Estatuto da Família" como uma forma de restabelecer valores conservadores na sociedade, reagindo a avanços em direitos humanos e diversidade. Este projeto é reflexo de uma “virada conservadora” no Brasil, evidenciada por eventos políticos como o impeachment e é um ponto central na agenda política de setores evangélicos e conservadores que buscam a promoção de uma visão tradicional de família e de vida. Estas políticas ao se concentrarem na moralidade e na “defesa da família” tendem a minimizar questões de desigualdade e promover uma visão restritiva sobre direitos e inclusão (LOBO & CARDOSO, 2021).

A retórica conservadora considera a aceitação de arranjos familiares não tradicionais como uma ameaça à moralidade e à integridade da sociedade. Neste sentido, a centralidade da família em políticas públicas não é novidade, mas o contexto atual traz novos desafios devido ao conservadorismo crescente, embora sempre presente no país. Importante refletir à luz de Souza e Souza (2020) que a afinidade entre evangélicos e conservadorismo é mais relacionada às condições discursivas e às subjetividades dos sujeitos do que às características intrínsecas da teologia cristã ou evangélica pentecostal. Isto porque ações dos evangélicos no espaço público são mais relacionadas à forma como se posicionam no jogo político nacional e à estratégia de sobrevivência nas grandes cidades do que a aspectos intrínsecos à teologia pentecostal, identidades evangélicas são construídas de forma relacional e posicional, o que engendra discursos conservadores, entre outros fatores.

Ao pensar a metodologia a ser proposta para um estudo que olha para mulheres é necessário se imbuir de uma ideia de que tais processos de investigação demandam sutilezas e capacidade de se inserir na concepção de intimidade. As questões que envolvem mulheres e violência, com vieses contextuais de caráter religioso, requerem uma abordagem qualitativa e sensível. Portanto, partem dos levantamentos das fontes bibliográficas que abordaram o problema, assim como dos dados secundários que enunciam o quanto a violência faz parte do cotidiano feminino.

Ainda que os dados disponíveis não cheguem a alcançar níveis de detalhamento no aspecto religioso, foram balizas para a abordagem interseccional que toca as relações entre mulheres e cristianismo evangélico no que tange o problema da violência doméstica e do

feminicídio. Pela complexidade do tema, cabe detectar em que medida as convicções religiosas agravam ou não o problema ou se há convergência entre o que é professado pela religião e a visão e encaminhamento das mulheres sobre a questão.

Vale ressaltar ainda a relevância da pesquisa bibliográfica, em termos teóricos conceituais, pelo fato de termos questões estruturais como machismo e patriarcado, além de outras formas de opressão capitalista (trabalho e renda).

Além da pesquisa bibliográfica, a dissertação é baseada em uma pesquisa qualitativa feita por entrevistas em profundidade, técnica cujo principal objetivo é a conexão e a relação de confiança com o público definido, a fim de descobrir o entendimento das mulheres a respeito da violência doméstica.

As entrevistas foram realizadas com cinco líderes em atividade na religião evangélica, selecionadas via o método bola de neve. Todas as cinco lideranças atuam em igrejas de denominação pentecostal. As conversas tiveram como guia um material previamente elaborado, que está anexado nesta dissertação para balizar as narrativas e estabelecer padrões de respostas, possibilitando a realização de uma análise comparativa entre as manifestações das mulheres entrevistadas, utilizando um sentido de escuta profunda das respondentes, de maneira a buscar um modo receptivo e empático diante da carga emocional e sensibilidade do assunto.

No entanto, demandaram uma atenção especial uma vez que quase sempre trazem as visões de mundo dos respondentes e cabe ao entrevistador o exercício permanente de relacionar as respostas à realidade factual (HAGUETTE, 1992). Além disso, foi importante atentar para alguns pontos com potencial de interferir nas entrevistas. O primeiro deles seria o interesse de influenciar positivamente sua situação futura, quando o entrevistado pensa que suas respostas podem ter algum peso na mudança de cenário (situação que ocorre em fábricas ou organizações, por exemplo), em situações nas quais há uma quebra de espontaneidade ocasionada pela presença de pessoas no ambiente ou até mesmo perguntas que inibem o entrevistado, quando há um desejo de agradar o entrevistador e, por fim, quando ocorrem, nos intervalos das entrevistas, situações que alteram a atitude do entrevistado no que se refere ao fato observado (fatores idiossincráticos).

Nesse sentido, tornou-se de fundamental importância efetuar uma comparação entre as entrevistas realizadas com objetivo de identificar lacunas ou omissões nas respostas. As entrevistas são sempre situações novas para o entrevistado e podem estar envoltas em diversas

motivações causadoras de nervosismo ou ansiedade. São ocasiões inéditas onde o entrevistado pode não saber como se comportar, a relação entrevistador e entrevistado pode se estabelecer como uma relação autoritária e o entrevistado sentir-se desconfortável.

Outra possibilidade em vista era de a entrevistada acreditar que estava sofrendo algum risco em expor sua opinião e que isto poderia comprometê-la. Em função de eu ser uma entrevistadora ligada à academia, fiquei atenta para que não fosse passada a percepção de pessoa “intelectualizada” para que a entrevistada não tivesse uma reação de defesa apresentando recusa em responder alguma questão, forjando esquecimentos ou desvios no direcionamento da entrevista, além da colaboração aparente e até uma preparação antecipada para entrevista, recorrendo previamente a fontes relacionadas ao assunto.

O fato é que as técnicas de observação participante como a entrevista para coleta de dados sempre trazem em si limitações e ao pesquisador cabe a tarefa de identificar e evitar, quando for possível, ou até mesmo aceitá-las durante o processo de pesquisa, quando for inevitável, porém, sempre com a consciência das distorções que podem provocar (HAGUETTE, 1992).

É sabido que a entrevista deve ser conduzida segundo as metodologias definidas para a pesquisa e é necessário que o pesquisador persiga os objetivos pré-estabelecidos para que elabore perguntas e encaminhe a discussão no sentido sociológico que está sendo buscado. Isto porque é de suma importância estar atendo aos silêncios, aos não ditos ou não respondidos, aos lapsos e hesitações, tudo isso como parte relevante do relato e como elemento estruturante do discurso. Se cabe ao pesquisador estabelecer o que demanda reavaliação em contraposição a outras fontes de pesquisa, o que deve ser deixado de lado provisória ou definitivamente e o que vai ser criticado, como é natural em qualquer estudo, nada retira do entrevistado a sua posição, pelo simples fato de ter aceitado responder as perguntas que lhe faziam. Neste sentido presume-se que a testemunha seja sincera nas suas respostas residindo o problema no tipo de sinceridade (VOLDMAN, 2000).

Nos próximos capítulos, abordo alguns conceitos e faço um breves análises de ocorrências observadas na cultura brasileira relacionados à temática. Realizo também uma rápida apresentação das lideranças entrevistadas e discorro sobre o processo vivido durante a pesquisa de campo. Abordo as respostas obtidas sobre como essas mulheres entendem e vivenciam em suas rotinas religiosas a temática, relacionando com teorias e conceitos. Por fim, apresento uma análise dos resultados, casos examinados, o que foi surpreendente e o que foi

comprovado com a investigação, além de expor um panorama geral contextualizando basicamente o cenário político brasileiro.

2. Capítulo I - Mulheres e Religião

Neste primeiro capítulo da dissertação, abordo alguns conceitos fundamentais e optei por privilegiar a análise da relação entre as mulheres e a religião partindo de um olhar mais abrangente até chegar nos pormenores. Friso que não há pretensão de se fazer macro teoria. Em foco está a profunda ligação entre as mulheres e as práticas religiosas, em especial de matriz cristã. Tendo em vista a amplitude dos conceitos mobilizados no capítulo, a reflexão se centra nos efeitos que a religião pode produzir nas moralidades e, por conseguinte, o reflexo deste fenômeno na vida das mulheres.

Para além dos debates teológicos, ateístas, religiosos e da discussão acerca das características dos deuses e suas interpretações, a religião é um dos principais fenômenos da humanidade. É tão desafiador situar a sua origem quanto há complexidade em explicar o surgimento da música tal qual a conhecemos hoje, por exemplo.

Mas de onde vem a necessidade de se conectar com o divino? Existem cerca de cinquenta mil religiões ao redor do mundo, sendo que as maiores, consideradas religiões mundiais, que estão presentes em mais de um país, são aproximadamente 22 religiões como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, o hinduísmo e o budismo⁵¹. O fato é que a religião é capaz de mobilizar a maioria da população do planeta e isto não é de agora. Vindo a busca religiosa desde um passado distante, que se transforma de tempos em tempos, mas que mantém um fiel propósito no que se refere a função seminal da religião nas sociedades: a responsabilidade por realizar a conexão entre a humanidade e o sobrenatural ou experiências compartilhadas que “unem uma comunidade moral”⁵². Isso tem a ver com a tentativa do ser humano em controlar o próprio destino, postulando poderes invisíveis que teriam influência sobre a vida das pessoas, se relaciona com as dúvidas, temores, interesses e consciência da finitude e guarda relação também com a necessidade humana de projetar nos deuses sua imagem e semelhança.

⁵¹ Disponível em

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1408200515.htm#:~:text=As%20dificuldades%20para%20fazer%20tal,grosso%20modo%22%2C%20afirma%20Melton>. Acesso em 18 de out. 2024.

⁵² Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-48141809> Acesso em 20 de out. 2024.

A religião pode também assumir o lugar de importância na vida social ao fornecer estrutura moral para que as sociedades se mantenhas coesas. Servir como forma de pensamento para explicação do mundo dando mais sentido à vida, assim como reforçar a formação individual através da vida coletiva. (DURKHEIM, 1996).

As ciências humanas e suas disciplinas recorrem aos diversos pensadores que se propuseram a explicar a gênese religiosa na tentativa de buscar respostas que fundamentem esta temática surgida logo que os primeiros grupos humanos, entre os períodos paleolítico e neolítico, tornaram-se sedentários fixando-se em locais por grandes períodos e deixando de ser nômades. A partir daí desenvolveram capacidades neuro cognitivas que propiciaram o pensamento, referenciando o passado e projetando o futuro, junto com o desenvolvimento da capacidade de se interrogar e explicar fatos e eventos. Além do aumento das faculdades cognitivas, houve também o acréscimo da capacidade linguística, proporcionada pela evolução anatômica da laringe⁵³.

Algumas buscas arqueológicas encontraram corpos enterrados na pré-história, há mais de trinta mil anos, junto com objetos como instrumentos de guerra e alimentos, o que denota a possibilidade de acreditarem em alguma conexão, continuidade ou prosseguimento da alma após a morte. Este fato indica a existência de certa crença na necessidade de nutrição para o enfrentamento de batalhas após a morte, ou seja, qualquer espécie de continuidade era creditada à jornada humana. A posição dos corpos encontrados também revelaria diversos significados associados ao sepultamento. Se estivesse voltado para Leste, representaria o renascimento, se estivesse em posição fetal, traria o simbolismo do útero materno e moluscos enterrados com os cadáveres teriam a função de representar uma devoção a divindades femininas, uma vez que representariam vaginas (BEZERRA, 2011).

No entanto, como não há registros que permitam uma análise consistente para o entendimento desta época da humanidade sobre a relação do homem com o divino, são apenas fortes indicadores de que já se aventava o sobrenatural, o que aponta para aquilo que parece ser uma condição essencial da existência humana na busca por transcender a sua circunstância, se conectando com o que não conhece ou procurando um sentido mais profundo para o que é vivido no cotidiano banal da sua existência (ELIADE, 1992). Em suma, podemos afirmar que o fenômeno da religião por ser um elemento histórico em movimento, cuja definição se

⁵³ Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603838-o-surgimento-da-religiao-na-evolucao-humana-artigo-de-johan-verschueren> Acesso em 21 de out.2024.

transforma de acordo com o contexto, possui uma conceitualização fortemente relacionada a interesses e debates moldados no seio institucional e a partir do olhar do investigador em questão (NETO, BARBOSA, FRANCO, 2021).

A religião é uma forma de conhecimento que pode ser estudada e compreendida de maneira científica (DURKHEIM, 1996). Por ser um conceito complexo e múltiplo, cabe uma análise sob o ponto de vista sociológico como um recorte dos sentidos e significados oriundos da sua existência na sociedade. Desta forma, a pesquisa aqui apresentada priorizou determinado grupo religioso que compõe as religiões de matriz cristã, visto que o cristianismo possui o maior número de fiéis no Brasil e têm influenciado mais fortemente o campo da política ao longo da história tendo em vista o grande impacto exercido pelo catolicismo desde a colonização brasileira.

Portanto, do ponto de vista sociológico, a religião tem uma importante função para entendimento das dinâmicas sociais, seja pelos seus vieses no campo simbólico do poder, seja pela sua capacidade de coesão social, seu peso ideológico ou até mesmo pelo seu impacto ético e racionalizador⁵⁴. Se a vida social é essencialmente moral e coletiva, cabe a religião o papel de representar esta sociedade, uma vez que é produto do coletivo e pauta a conduta tanto individual quanto dos grupos de pessoas através de fenômenos religiosos como ritos e crenças (DURKHEIM, 1996). Neste sentido, podemos afirmar que a relação entre a moral e a religião é tão íntima que elas chegam a ser complementares em suas dinâmicas perante a sociedade? (BUENO & PASSIANI, 2022). Esta questão se deve a possível influência da religião na moralidade em função do papel que esta religião exerce na influência do coletivo.

Ou seja, a religião, embora não represente o único fator, pode estimular o grupo social a ter comportamentos diversos no que se refere aos aspectos da moralidade. Nesse sentido, o grupo pode variar em termos morais entre um comportamento preconceituoso ou um comportamento generoso, comportamentos estes diretamente ligados aos aspectos sociais da convivência desta comunidade que é regida e se torna unida em uma dinâmica social regida pela religião (DURKHEIM, 1996).

Podemos assim entender que eventualmente comportamentos conservadores podem ser imputados no coletivo social pelas diretrizes religiosas e os desdobramentos no que se refere aos papéis e responsabilidades sociais entre os gêneros são evidentes, uma vez que as religiões

⁵⁴ Disponível em: [file:///C:/Users/oppel/Downloads/43284-Texto%20do%20artigo-751375147405-1-10-20180901%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/oppel/Downloads/43284-Texto%20do%20artigo-751375147405-1-10-20180901%20(1).pdf) Acesso em 12 de out. 2024.

frequentemente estabelecem as instruções sobre a família e a dinâmica social do seu funcionamento normativo.

O patriarcado, como sistema sociopolítico que atribui poder aos homens e no Brasil remonta o período colonial (ANDRADE, 2021) no século XVI, é um dos panos de fundo da dominação masculina. Como elucida LERNER (2019), tem como fator chave o controle das mulheres seja através da sua sexualidade ou pela função de reproduzir a força de trabalho. Seu desenvolvimento se deu à medida que o acúmulo de riquezas e a propriedade privada se consolidaram na transição para sociedade de classe. Persiste ao longo da história e pode se perpetuar de acordo com o perfil da figura que exerce poder sobre determinado grupo social, a exemplo dos governos que estabelecem, criam e implementam as políticas públicas para sociedade, o que tem impacto direto na vida e no controle dos corpos femininos.

A justificativa do patriarcado vem sendo realizada como construção histórica por alguns fatores que remetem à ideia de “ordem natural” como a diferenciação da função biológica e assimetria sexual entre homens e mulheres, o que vai fundamentar a realização de uma clivagem dos papéis sociais e divisão do trabalho. Os homens, supostamente dotados de mais força física, ficariam desta maneira com a tarefa de caçar e serem os guerreiros, aqueles que saem de casa para trabalhar nas sociedades modernas, enquanto às mulheres, pela sua exclusiva capacidade reprodutiva, cabe o papel dos cuidados com as crianças e os idosos, além das tarefas domésticas, o que configura a ideologia do patriarcado (LERNER, 2019) e a religião é uma das principais estruturas mantenedoras da assimetria entre gêneros, uma vez que já apresenta a mulher como a original pecadora desde o Gênesis⁵⁵. A mulher seria dessa maneira a responsável pelo mal do mundo, o que atribui uma inferioridade moral a elas no seio da estrutura religiosa de matriz cristã (BOFF, 2018).

Cabe ressaltar que até mesmo as claras origens de algumas das principais religiões consideradas universais na contemporaneidade são centradas em figuras masculinas (ROSADO- NUNES, 2005). O cristianismo, que faz parte do objeto de análise desta pesquisa, apresenta muita clareza no que diz respeito a sua origem centrada na figura de Jesus de Nazaré. Assim como são evidentes as origens do judaísmo e do islamismo, nas figuras dos profetas que tiveram encontros com Deus e receberam a incumbência de ensinar a verdade, além de interpretar a palavra divina, mostrando como as pessoas devem enfrentar os desafios e

⁵⁵ Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/576301-como-o-patriarcado-se-impos-ao-matriarcado> Acesso em 22 de out.2024.

circunstâncias da vida, nestes casos, falando de modo específico de Abraão e Maomé, respectivamente.

Sendo assim, são as noções de que todos podem ter acesso a Deus por meio da fé que promovem a ideia de uma religião com vocação universal, capaz de transcender barreiras étnicas e sociais e, no caso cristão, a fé em Cristo é que faz isto. Importante mencionar também que a capacidade cristã de adaptação de sua mensagem inclusiva, pois sua oportunidade de salvação é oferecida a todos e suas doutrinas enfatizam a fé pessoal como um caminho para conexão com o divino. Estes são fatores que permitiram ao cristianismo se espalhar rapidamente, moldando de modo pujante a história ao longo dos tempos, mas também exercendo influência social na atualidade.

Em uma perspectiva histórica, os homens são os responsáveis pelas definições do sagrado nas diferentes sociedades ao redor do mundo, embora se observe a majoritária adesão feminina às práticas religiosas e a presença das mulheres nas igrejas e templos cristãos. No entanto, embora as mulheres participem ativamente das práticas religiosas, a produção das normas e doutrinas permanece dominada por homens, o que limita o papel feminino nas instituições religiosas. O questionamento que surge, portanto, é acerca da intensa presença feminina nas religiões para compreender o que as mulheres procuram nas práticas espirituais e como essa participação afeta as estruturas religiosas. O fato é que a maioria das religiões, seja de matriz cristã ou de qualquer outra vertente, no Ocidente ou Oriente, veda a participação das mulheres na criação e determinação de suas normas, doutrinas e regras, ficando as definições, representações estratégicas e espaços de poder restritos ao campo masculino. Contudo, são as mulheres as responsáveis por ensinar e propagar a religião pelas gerações da família e esta função pode ser observada de maneira recorrente na cultura religiosa brasileira (NUNES, 2005).

Outrossim, a busca na igreja e na religião por consolo e amparo para os problemas cotidianos pode ser uma das explicações da grande adesão feminina. Este fenômeno impulsiona, dentre outros aspectos observados na contemporaneidade, o interesse pelo estudo da religião inspirado no feminismo, que pode ser conceituado como um movimento social plural, e que reivindica a igualdade social, política e de justiça entre homens e mulheres, “uma vez que as religiões são um campo de investimento masculino por excelência” (NUNES, 2005).

O que nos faz refletir sobre a mais famosa frase de Simone de Beauvoir (2019) “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, que propõe ser a mulher o resultado de uma construção social que a define. “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea

humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR. 2019, vol.2, p. 11). Em outras palavras, ela vai defender a distinção entre sexo ligado a biologia e gênero, que é construído pela sociedade, ou seja, ser homem ou ser mulher não é um dado natural, mas algo performático e social. Cada cultura criou os padrões de ação e comportamento a ser performado por determinado gênero.

Na Idade Média, a queima das mulheres em fogueiras, baseada nos princípios do Tribunal do Santo Ofício, ditas como bruxas no julgamento realizado pelos padres e dirigentes das localidades, durante a inquisição católica, parece ser uma alegoria adequada para ilustrar o modo de tratamento dirigido às mulheres pela igreja de matriz cristã que opera em nome de Deus e contra o Diabo (DEL PRIORI, 1993).

Embora as vítimas da inquisição não tenham sido apenas mulheres, mas sim qualquer pessoa que não cumprisse fielmente o catolicismo e representasse algum tipo de ameaça a esta religião, as mulheres foram maioria nos Tribunais de Inquisição. E assim a religião católica, especialmente durante a Idade Média (GEVEHR & SOUZA, 2014), teve uma importância determinante na desigualdade de gênero criando fortes pilares para definição do papel da mulher na sociedade com a fundamentação na Teologia que oferece suporte a este processo.

Ao criar uma associação intencionalmente pejorativa de imagem das mulheres às figuras de Eva, uma das grandes vilãs da humanidade, que representa o pecado e a tentação; da Virgem Maria, pura e exemplar, mas sobretudo obediente, e de Maria Magdalena, pecadora que se arrepende dos seus atos, a igreja católica restringe as mulheres ao lugar de submissão e inferioridade em relação aos homens, ao mesmo tempo que oferece os argumentos necessários para definição do seu papel na cultura ocidental (GEVEHR & SOUZA, 2014).

Mas quem eram estas mulheres que foram queimadas vivas na inquisição? Geralmente, eram mulheres “que acumulavam conhecimentos demais” viúvas ou solteiras, sem uma figura masculina que legitimasse ou chancelasse o valor da sua existência e, embora pertencentes a camadas desfavorecidas, assumiam posições de relevância social por dominarem conhecimentos no campo da fitoterapia ou ervas medicinais e nos cuidados com a saúde das pessoas, sendo muitas vezes reconhecidas informalmente como curandeiras, parteiras, terapeutas e médicas. Ou seja, até mesmo assumindo um papel subjetivo de poder mediante um grupo de pessoas, às mulheres é negada a possibilidade de assumir qualquer protagonismo social sob a égide da religião. Portanto, o entendimento de onde vem a violência, suas raízes e

os processos sociais, econômicos e políticos que a sustentam é relevante para entender a mudança social necessária (FEDERICI, 2017, 2023).

O estudo da religião na contemporaneidade deve levar em consideração a diversidade de expressões religiosas, o papel crescente da autonomia religiosa individual, e o impacto das transformações culturais globais. Quem pretende investigar a religião deve estar atento às novas formas de religiosidade que surgem fora das instituições tradicionais e como essas formas se conectam com questões mais amplas, como o mercado, a mídia e a política (BELLOTTI, 2011).

Em vista disso, a construção social das religiões se apresenta como um território complexo para análise da questão de gênero, que assume por vezes um viés meramente biológico na diferença entre os sexos e por vezes um conceito de papel social que envolve relações de poder. Mas o que faz com que as mulheres sejam maioria entre as fiéis?

As mulheres, historicamente e de um modo geral, desde que o cristianismo passa a ser organizado como religião, foram excluídas dos altares. No entanto, a elas foi reservado o lugar de serva, seguidora e mantenedora de tradições religiosas ao longo das gerações, uma vez que sempre compuseram o cenário religioso de matriz cristã com notória presença e marcada relevância, mas sempre em um segundo plano.

Podemos enumerar alguns fatores que são determinantes para compor uma análise da dinâmica social religiosa e o equilíbrio entre os papéis sociais dos homens e das mulheres e neste trabalho iremos nos ater à religião evangélica. Um deles diz respeito ao lugar da mulher como mãe, cuidadora e responsável pela família, um conceito diretamente relacionado às religiões de matriz cristã que reservam a existência de uma inter-relação entre as concepções de maternidade humana e sagrada, portanto, desempenha um papel fundamental na construção das identidades de gênero e nas dinâmicas familiares, moldando as expectativas e os papéis atribuídos às mulheres (SOUZA & LEMOS, 2009, p.83), por sua vez, Maria José Rosado (2005) oferece uma perspectiva também rica e complexa sobre o papel das mulheres na religião, ressaltando tanto os desafios enfrentados quanto as formas criativas de resistência e empoderamento que emergem desse contexto.

Ademais, uma reflexão sobre a relação das mulheres com a igreja guarda relação com a relevância estruturante do casamento para sociedade, uma vez que é incutido, desde a infância, o ideal de final feliz, onde a união pelo casamento representa um caminho “natural” de sucesso no cumprimento dos estágios da vida e para as mulheres, que são escolhidas, salvas e

protegidas, justamente pela suposta condição de inferioridade também advinda de uma construção social. O que se busca é um casamento dos contos de fadas, das princesas e do inquestionável “foram felizes para sempre”.

Assim, a noção de indissolubilidade familiar tem muito a ver com as celebrações cristãs de união pelo casamento e o seu slogan mais famoso é “até que a morte os separe” (SOUZA & LEMOS, 2009, P.18). Podemos compreender assim que a herança cultural das normas religiosas pode contribuir para preservação de preconceitos sociais hostis para as mulheres.

Outro ponto relevante é o papel da religião no empoderamento e acolhimento das mulheres. No seu papel de refúgio e amparo mediante as adversidades cotidianas enfrentadas pela opressão fruto da desigualdade de gênero como por exemplo menores salários e dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, além da violência doméstica contra mulheres que figura como interesse central desta dissertação.

A observação da literatura apresenta as religiões como espaços sociais intrincados, dotados de contradições e, portanto, que podem funcionar sob forças conservadoras, mas também mobilizadoras, fazendo com que as mulheres resistam ao seu poder disciplinador e na religião encontrem novas possibilidades de existência, seja pelo viés espiritual seja pelo sucesso na mudança da sua autoimagem no que se relaciona à família, ao cônjuge e ao mundo público (MACHADO, 1996; ROSADO, 2001, 2005).

Cabe aqui uma problematização sobre o conceito de gênero, atualmente em disputa nos diferentes campos, mas que interessa muitíssimo como categoria de análise social (TORRÃO FILHO, 2005). Principalmente útil para se opor ao determinismo biológico e por propor uma análise mais abrangente que inclui avaliar as relações de poder e a hierarquia entre homens e mulheres, além disso, válido para desconstruir a ideia de que a história pública (política, guerra, economia) é separada das questões de gênero.

Portanto, o gênero seria o primeiro campo de articulação de poder na sociedade e as construções dos perfis masculinos e femininos seriam essencialmente sociais, se distanciando dos aspectos puramente biológicos (SCOTT, 2019). A religião assume uma importância neste contexto a medida em que impõem regras que acabam moldando os valores e as visões dos seus seguidores. A bíblia é um dos instrumentos balizadores e que legitimam a hierarquia entre homens e mulheres no ambiente religioso cristão.

Como os papéis definidos para homens e mulheres, pautados em uma visão androcêntrica do mundo, são enraizados em uma ordem divina, imutável, isto pode ser muitas vezes opressivo para as mulheres. Vale lembrar da fluidez do conceito de moralidade, que não é fixo ou universal, mas sim um processo social que é construído e negociado em contextos específicos como observa Joel Robbins (2015).

Todas essas nuances salientadas durante a reflexão, sob o ponto de vista sociológico, da relação entre mulheres e religião nos levam a relevância do entendimento da intersecção entre feminismo e religião, observando como o feminismo influenciou a prática religiosa e o desenvolvimento de novos discursos teológicos, como a Teologia Feminista, mais destacadamente entre os anos de 1960 e 1970, durante a chamada segunda onda do feminismo, quando mulheres teólogas incorporavam pensamentos feministas em estudos acadêmicos, mas também em suas práticas religiosas (ROSADO, 2001).

Vale ressaltar que foi um movimento que mobilizou diversas religiões com alguns objetivos como ampliação de espaço das mulheres nos lugares de autoridade religiosa e proposta de reinterpretação da linguagem e imaginário machistas em relação a Deus. Contudo não prosperou como podia por não possuir legitimação institucional nas igrejas, correndo à margem, e por não ser amplamente conhecido e devidamente apropriado pelas mulheres, especialmente as periféricas e de classes socioculturais mais baixas. Apesar de ser plural, a Teologia Feminista é marcada por ambiguidades no Brasil (ROSADO, 2001).

Enquanto o feminismo teve um impacto significativo nas práticas religiosas e na criação de espaços feministas de espiritualidade, sua presença nas ciências humanas, especificamente no estudo das religiões, demorou mais a se consolidar. Neste sentido, o feminismo representa uma força crítica, que questiona a subordinação das mulheres nas instituições religiosas, desafiando interpretações tradicionais dos textos sagrados e estruturas patriarcais e trazendo novas perspectivas para o estudo da religião, aplicando conceitos e métodos que permitem uma análise mais complexa das relações de gênero dentro das tradições religiosas.

De acordo com o que nos apresenta Rosado (2001) para algumas pesquisadoras e teólogas o androcentrismo é parte inerente das religiões e o investimento das mulheres nestas religiões é uma expressão do seu conservadorismo. Uma alternativa seria a criação de novas formas de ligação com o sagrado. Para outras pesquisadoras, o problema das religiões históricas foi a sua apropriação pelos homens e recuperar as tradições e fundamentos dessas religiões deverá ser um dos objetivos das pesquisas para que as mulheres encontrem dessa forma seu lugar.

Embora a Teologia Feminista tenha conquistado respeito no meio acadêmico, ainda há desafios em transformar efetivamente as religiões históricas em espaços que favoreçam a igualdade de gênero (ROSADO, 2001). Como nos lembra Vilhena (2020), precisamos reconhecer a nossa base machista e misógina, com origem na colonização patriarcal, exploratória, racista e cristã nas análises para não incorrer no erro de uma abordagem rasa. As leis têm fundamentos sacralizados e por mais que tenham mudado ainda há um caldo cultural capilarizado de sujeição das mulheres. Por este motivo, muitas violências contra mulheres são ainda realizadas em nome de Deus⁵⁶. Analisemos agora uma música que versa a respeito da mulher evangélica. Uma representação poética do que seria esta mulher ligada à fé, que mobiliza valores tão próprios do campo religioso como a esperança e a resiliência.

A mulher evangélica

“Uma mulher de fé move o coração do Rei
Faz o deserto florescer
Uma mulher de fé é incansável na esperança
Traz na lembrança o bem de Deus

E não desistirá jamais
Quando uma mulher decide orar
E derramar o coração aos pés do Salvador Jesus
Deus não negará o seu melhor
A uma mulher de fé, uma mulher de fé

Uma mulher de fé tocou no manto do Senhor
E o impossível aconteceu e acontecerá
Uma mulher de fé tocou no manto do Senhor
E o impossível vai acontecer com você”

Os versos acima fazem parte da canção Uma Mulher de Fé, do cantor, compositor e pastor evangélico Kleber Lucas, lançada em 2009 no álbum intitulado Meu Alvo, o oitavo do músico. Nascido em São Gonçalo/RJ, foi vencedor do Grammy Latino de melhor música cristã (2013). Kleber é mestre e doutorando em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro,

⁵⁶ Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/2JEOH72l4FYZxK1SLuay9b?si=iCU7A7wDSUWAmEDqHgvJ1w&context=spotify%3Ashow%3A4GN0JVlHwjFRK0ALqceXe>. Acesso em 15 de mai.2025.

fundador da Soul Igreja, localizada na Barra da Tijuca/ Rio de Janeiro, cuja descrição na página da rede social Instagram, com mais de 19 mil seguidores, avisa: “É proibida a entrada de pessoas perfeitas. CULTO AOS DOMINGOS: 19h.” (sic)

A letra da música reforça a posição da mulher evangélica que “ora pra valer” e alcança seus objetivos com Deus. Esta mulher é incansável na esperança e decidida por derramar seu coração aos pés do Salvador. Os versos simples, que não exploram muito conteúdo além do que já foi citado, são entoados com uma melodia calma acompanhada por um arranjo de cordas harmonioso e típico das canções cristãs. Em 2022, Kleber lançou, em parceria com Caetano Veloso, a canção Deus Cuida de Mim com direito a exibição de clipe no Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão⁵⁷ e foi um dos artistas que se apresentou no show de celebração da posse do presidente Lula em Brasília, em janeiro de 2023⁵⁸. Como a música propõem com seus versos, a mulher evangélica está em “linha direta” com o Senhor e esta sacralização é de certa maneira uma forma de enaltecer a figura feminina que com sua oração é capaz de promover mudanças a ponto de fazer acontecer o que é impossível. Porém, esta situação descrita pela canção não é uma unanimidade quando se analisa a história das mulheres sob o ponto de vista religioso. Como nos apresenta Gevehr e Souza (2014) a figura da mulher foi estigmatizada desde a idade média e considerada inferior tanto física quanto intelectualmente, sendo inclusive responsável pelas desgraças do homem. Esta satanização, portanto, seria a base de uma cultura ocidental misógina.

Uma outra música evangélica gravada pela cantora gospel Cassiane e intitulada A Voz, foi, por sua parte, ensejo de uma situação singular.

“...Voz que acalma o mar. Faz demônios saírem. Pode curar e restaurar a vida. É a mesma voz que me chama pra sentar a mesa. Voz que me dá perdão. E emudece os que julgam, a ressurreição...”

Embora a letra da música não seja uma abordagem direta sobre violência doméstica e sim sobre o poder de Deus, o clipe lançado originalmente em conjunto com a canção trazia cenas de uma mulher oprimida pelo marido, supostamente um alcoólatra, que não era denunciado e era perdoado pela mulher. A reação do público foi retumbante e imediata, foram 90.000 “não gostei”, demonstrando a reprovação do público ao conteúdo disponível na plataforma de

⁵⁷ Disponível em: [Caetano Veloso lança o primeiro louvor da carreira em parceria com o pastor Kleber Lucas | Fantástico | G1](#). Acesso em 08 de mar.2025.

⁵⁸ Disponível em: [Pastor Kleber Lucas fala após show na posse: 'Evangélicos nunca cresceram tanto no Brasil quanto no período do presidente Lula' | Música | G1](#). Acesso em 08 de mar.2025.

divulgação, quatro vezes mais o número de ‘curtidas’ aprovando o conteúdo. A cantora e sua equipe de produção alegaram ter realizado uma abordagem espiritual e não jurídica⁵⁹, rapidamente trocaram as imagens e editaram o vídeo sob críticas de estarem romantizando a violência doméstica. A letra da música orientava o homem a buscar a religião para se curar, através de um bilhete deixado pela mulher estavam os versos “Reconheça a voz de Deus. Deixe ela (sic) estremecer seu coração”.

A nova versão trouxe então a vítima denunciando o agressor através de uma ligação para a Central de Atendimento à Mulher “180” e uma consequente aplicação punitiva para o ato de ofensa⁶⁰. Esta circunstância denota um posicionamento da opinião pública de não convivência com a violência doméstica e, para além dos julgamentos morais e religiosos, apresenta também uma adequação mercadológica do produto cultural ao gosto do consumidor. No entanto, o que mais se destaca neste acontecimento é o fato de ter sinalizado um claro parecer do segmento evangélico, que como nos lembra Vilhena (2019) representa 40% das mulheres vítimas de agressões dentro de casa. A divulgação de um comunicado destinado a pastores, padres e reverendos pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) também revela uma camada interessante no sentido de repensar o perdão cristão como única atitude em casos de violência e orientar as vítimas a denunciarem os agressores. No comunicado, divulgado pelas suas redes sociais, o Conic orienta: "Parem de aconselhar a mulher que é agredida fisicamente pelo marido a orar e esperar em Deus; mandem ela ir até uma delegacia denunciar o covarde, o criminoso. Do contrário, vocês são cúmplices do crime"⁶¹.

Cenário religioso e político brasileiro

Podemos afirmar que o Brasil é um país tradicionalmente conservador e isto vem desde o século XVI, época da colonização portuguesa, que trouxe consigo de modo impositivo a religião Católica Apostólica Romana, responsável em grande medida por moldar comportamentos e ditar as pautas de costume da sociedade ao longo dos séculos.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/19/clipe-cassiane.htm>. Acesso em 27 de jun.2025.

⁶⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/cantora-gospel-cassiane-altera-clipe-acusado-de-romantizar-a-violencia/>. Acesso em 26 de jun.2025.

⁶¹ Disponível em: https://www.facebook.com/story.php/?story_fbid=976845982669398&id=111879909166014&_rdr. Acesso em 27 de jun.2025.

Porém, quatro elementos compõem fundamentalmente a cena religiosa brasileira na atualidade: o crescimento da religião evangélica com aumento significativo de seguidores, surgimento de novas igrejas e diminuição do número de católicos; Ampliação da presença da religião evangélica na mídia e nas redes sociais; Consolidação da bancada evangélica e nítido aumento de poder político de algumas lideranças religiosas, assim como de certas igrejas; Crescimento e avanço do mercado e do marketing religioso com a oferta de produtos, serviços, lazer e entretenimento, um verdadeiro novo estilo de vida contemporâneo.

Estes elementos acenam para uma conexão entre a ascensão evangélica e o aumento de uma visão conservadora no país em função de um perfil que, independentemente da pluralidade de grupos e da não homogeneidade do seguimento, historicamente reconhece a identidade evangélica no Brasil pela leitura predominantemente literal da Bíblia; através da busca pela salvação da alma, pelo isolamento das manifestações culturais, negação das demandas sociais e políticas do país.

Essencialmente a partir do aumento demográfico, mas sobretudo, do crescimento do espaço de influência política com a ocupação do Congresso Nacional, demonstra um fortalecimento do discurso conservador no país e na defesa dos valores adotados pelo seguimento evangélico que preza pela família heteronormativa também conhecida como “família tradicional brasileira”, cujos papéis sociais de gênero podem, muitas vezes, representar uma opressão às mulheres. A grande força popular de lideranças como Silas Malafaia, Edir Macedo e Valdomiro Santiago são exemplos de nomes que promovem mudanças ideológicas e contribuem nos moldes do perfil de alguns fiéis evangélicos.

O que ocorre é que o crescimento evangélico traz consigo aspectos que se refletem na cultura e nos hábitos de consumo da sociedade, por exemplo blocos de Carnaval⁶² e academias de ginástica voltadas ao seguimento do público cristão, que pode até malhar ao som de música gospel e contar com uma sala de oração no espaço⁶³.

Depois de todos os pontos abordados podemos observar que há forte possibilidade de uma contribuição da religião no reforço de fenômenos sociais. Cito como exemplos o

⁶² Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2025/noticia/2025/03/01/fe-e-folia-1-bloco-gospel-de-sp-aposta-em-samba-zero-alcool-nem-pegacao-para-divulgar-evangelho.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-mobile&utm_campaign=materias. Acesso em 04 de mar.2025.

⁶³ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/pme/academia-crista-exercicio-treino-musica-gospel-sala-oracao/?ref=observatorioevangelico.org>. Acesso em 04 de mar.2025.

patriarcado, os modelos de família, os padrões ideais de mulheres e todo pacote moralista e normatizador que se encontra na pauta da extrema direita em ascensão ao redor do mundo e com forte adesão no Brasil, a ponto de eleger um presidente como Bolsonaro em 2018 com 57,8 milhões de votos⁶⁴.

A guinada conservadora é amplificada pela midiaticização da religião evangélica no Brasil, que promove mudanças socioculturais e políticas (CUNHA, 2018). O processo de midiaticização está em curso e ocupa emissoras de televisão, rádios e redes sociais, editoras de livros, além de contar com influenciadores e lideranças altamente capacitadas em conduzir o discurso conservador evangélico com irretocável oratória. Neste sentido, nos anos 2000, os evangélicos passaram a ter uma presença mais evidente e ativa na sociedade brasileira, saindo da condição de minoria invisível⁶⁵. Estabeleceram uma relação estreita com as mídias, participam da política, realizam projetos sociais em parceria com o poder público e passaram a ter voz nos debates de temas amplos e na mediação de conflitos sociais. Além disso, profissionalizaram sua atuação política e estabeleceram estratégias para alcançar seus objetivos.

As mulheres evangélicas têm ampliado sua atuação para além do âmbito institucional das suas igrejas e vêm ocupando lugares na sociedade e na política de modo crescente. A heterogeneidade destas mulheres, contudo, não impede que se trace um perfil médio uma vez que a cara do evangélico no Brasil é composta por mulheres, negras e jovens, 58% são mulheres, 59% são pretos ou pardos e mais de 60% têm entre 14 e 44 anos. Os dados são de uma pesquisa Datafolha de 2020, a mais ampla feita até agora sobre o perfil do evangélico brasileiro⁶⁶.

A maioria das fiéis tem a igreja como aspecto central da vida e das relações sociais. Também não vêm de famílias tradicionais do evangelismo, pelo contrário, apresentam intenso trânsito religioso entre as denominações evangélicas, conforme demonstra a pesquisa Mulheres evangélicas, política e cotidiano, realizada pelo Instituto dos Estudos da Religião - ISER⁶⁷. Para muitas o empoderamento começa na igreja, ali elas se reconhecem como cidadãs, começam a

⁶⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>. Acesso em 04 de mar.2025.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/ainda-sobre-a-escalada-de-poder-da-bancada-evangelica/>. Acesso em 15 de mai. 2025.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61338823>. Acesso em 08 de mar.2025.

⁶⁷ Disponível em: <https://religioepoder.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/porta/content/uploads/2022/09/Pesquisa-Mulheres-evangelicas-politica-e-cotidiano-ISER-resumo.pdf>. Acesso em 14 de mai.2025

estudar mais e conseguem melhores empregos⁶⁸. A família para estas mulheres evangélicas aparece em estudos (TEIXEIRA & REIS, 2022) como ambiente de cuidado, responsabilidade e proteção. Sendo estas mulheres imbuídas do papel de edificação e muitas vezes as mantenedoras ou as mais comprometidas com a prosperidade doméstica é natural a profunda ligação com o tema.

Contudo, a categoria família extrapola a questão religiosa e assume lugar de demanda de políticas públicas sendo pleito da população em geral para além do aspecto religioso evangélico e tornando-se um valor para sociedade. Cabe grifar que mais da metade (37 milhões) dos domicílios brasileiros são de responsabilidade de mulheres. Ou, como utiliza como categoria o IBGE, são “chefes de família”, aquela pessoa que é a principal responsável pelas decisões do lar⁶⁹.

Convém, nesta oportunidade, realizar uma aproximação com a estratégia política da extrema direita ligada a bancada religiosa que mobiliza o elemento família através do pânico moral e captura a atenção de muitas mulheres do país. Sem que isto signifique uma escolha pela figura política específica, mas por uma espécie de proteção dos seus através do que pode ser evitado no entendimento dos riscos que são criados pela referida estratégia.

No Artigo de 2017 “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo, os autores Miskolci & Campana analisam como o pânico moral criado em torno da ideologia de gênero é construído e disseminado por meio de discursos religiosos, políticos e midiáticos. As consequências desse processo incluem a criação de estereótipos, a disseminação de informações falsas sobre as pessoas LGBTQ+ e defensores dos direitos de gênero, além de fomentar violência e polarizar a sociedade.

A ideologia de gênero, que foi inicialmente utilizada pela Igreja Católica (MISKOLCI & CAMPANA, 2017) como uma reação à Conferência de Beijing promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) na qual são estabelecidas 12 áreas de preocupação sobre o direito de mulheres e meninas:

1. Mulheres e pobreza;
2. Educação e Capacitação de Mulheres;

⁶⁸ Disponível em: [“Para muitas mulheres o processo de empoderamento está atrelado à igreja” | Brasil | EL PAÍS Brasil](#). Acesso em 08 de mar.2025.

⁶⁹ Disponível em: <https://gente.globo.com/quem-sao-e-como-vivem-as-familias-brasileiras-2/>. Acesso em 09 de mar.2025.

3. Mulheres e Saúde;
4. Violência contra a Mulher;
5. Mulheres e Conflitos Armados;
6. Mulheres e Economia;
7. Mulheres no Poder e na liderança;
8. Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres;
9. Direitos Humanos das Mulheres;
10. Mulheres e a mídia;
11. Mulheres e Meio Ambiente;
12. Direitos das Meninas.

A conferência, realizada em 1995, teve como tema central “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”, definiu o conceito de gênero para agenda internacional reconhecendo que todas as estruturas da sociedade e todas as relações entre homens e mulheres dentro dela tiveram que ser reavaliadas. Além disso, defendeu o empoderamento das mulheres e a transversalidade das políticas públicas com a perspectiva de gênero. A conferência reafirmou o direito das mulheres como direitos humanos e a igualdade de gênero como questão universal que beneficia a todos.⁷⁰

Entretanto, a ideologia de gênero⁷¹ ganhou força no início do milênio, especialmente após a eleição de presidentes de esquerda e a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo em países como Brasil⁷² e Argentina, que foi o primeiro país latino-americano a permitir o casamento homoafetivo⁷³. Estes grupos assumem o papel de empreendedores morais contra a ideologia de gênero e com seus interesses conservadores buscam distanciar os movimentos feminista e LGBT das definições de políticas públicas, Tomar o controle sobre elas, além de circunscrever o Estado como espaço masculino e heterossexual, refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania (MISKOLCI, CAMPANA, 2017).

⁷⁰ Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Acesso em 09 de mar. 2025.

⁷¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/03/saiba-como-o-termo-ideologia-de-genero-surgiu-e-e-debatido.ghtml>. Acesso em 09 de mar. 2025.

⁷² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/entenda-o-projeto-do-casamento-homoafetivo-que-tramita-na-camara/>. Acesso em 09 de mar. 2025.

⁷³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/07/senado-da-argentina-aprova-o-casamento-gay.html>. Acesso em 09 de mar. 2025.

3. Capítulo II – Como as mulheres evangélicas entendem o feminicídio e como se dão os encaminhamentos dos casos de violência doméstica

Neste capítulo faço uma análise do resultado das entrevistas realizadas com as líderes evangélicas, dando destaque às suas visões sobre feminicídio e situando esta questão social e politicamente, sob a influência religiosa. Antes disso, trago como introdução deste capítulo analítico o recorte de mais um exemplo encontrado na cena cultural brasileira como expressão musical.

Em 1983, a banda de rock baiana Camisa de Vênus lançou seu primeiro álbum homônimo com a música Bete Morreu, composta por Marcelo Nova e Robério Sampaio. A referida música, inspirada em uma notícia de jornal que tratava do corpo de uma mulher estuprado, assassinado e encontrado no lixo por um motorista de caminhão, foi o maior sucesso do disco de lançamento e fez parte de todos os álbuns posteriores da banda, que chegou a vender 40.000 cópias e teve relevante projeção nacional.

Bete Morreu

Bete tão bonita, gostosa
Era a atenção da escola
Sempre na coluna social
Ela exibia seu sorriso banal

Todos queriam bete
Desejavam Bete
Sonhavam com Bete
Mas ela nem ligava

Um dia ela saiu de casa
Mas ao dobrar a esquina
Foi empurrada dentro de um carro
Para deixar de ser menina

Amordaçaram
Espancaram
Violentaram
Ela não se mexeu
(Bete morreu) (3x)

Seu corpo foi encontrado
Por um chofer de caminhão
E agora está apodrecendo
Lá dentro do caixão

O refrão “Bete Morreu”, cantado vigorosamente no estilo punk rock, repetidamente e quase como um uivo, simboliza, através da violação, estupro e morte da personagem, o que há de mais misógino e machista em uma exaltação sonora do feminicídio. A banda Camisa de Vênus permanece ativa e o grande sucesso do seu primeiro álbum continua fazendo parte dos shows, conforme apurei pela internet nas divulgações de *setlists*⁷⁴. O grupo coleciona algumas “pérolas” representativas do ódio às mulheres (a composição intitulada “Silvia – piranha” é outro exemplo).

A longevidade do grupo musical em observação, que permanece desde os anos 1980 reforçando com esta canção papéis de subalternização de gênero e realizando apresentações pelo Brasil⁷⁵, diz muito da nossa cultura. O público que comparece aos shows ao participar de apresentações com conteúdo deste teor por sua vez incentiva de alguma maneira a cultura do estupro, a violência contra mulheres e o feminicídio no embalo roqueiro.

Esta avaliação é importante para grifar que a opressão às mulheres está enraizada culturalmente. A cultura vai ser o pano de fundo do comportamento humano na sociedade com todos os símbolos, complexidade e interpretações que lhes são característicos. Friso também que no estilo de música analisado, o rock, derivação do termo em inglês *rocking and rolling*, que pode ser entendido como “balançar e rolar”, surgiu com proposta de ser uma dança com conotação sexual, o que confere ao estilo uma atitude transgressora e até mesmo rebelde.

Nos anos 1930, Sister Rosetta Tharpe, uma estadunidense, mulher preta e evangélica, surge com sua musicalidade afro-americana e guitarra elétrica para inspirar os que viriam a se tornar os grandes nomes associados ao nascimento do ritmo, homens como Elvis Presley e Chuck Berry (bastante conhecidos popularmente ao contrário da Tharpe). Assim, até na origem do rock temos apagamento da relevância das mulheres⁷⁶.

A categoria musical popularizada a partir dos anos 1950, tem como uma de suas bandeiras a contracultura e a crítica ao sistema político. A disseminação do rock como estilo musical acontece nos anos 1960 com impactos na indumentária dos seus adeptos e as mulheres estavam lá outra vez com suas minissaias simbolizando a liberdade feminina⁷⁷. Este ponto nos

⁷⁴ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/classicos-do-rock-ira-e-camisa-de-venus-em-uma-so-noite>. Acesso em 7 de mar.2025.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.camisadevenusoficial.com.br/>. Acesso em 07 de mar.2025.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/curiosidades/2023/07/13/dia-do-rock-mulher-negra-e-crista-conheca-quem-inventou-o-estilo.html>. Acesso em 08 de mar.2025.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/07/5108938-dia-do-rock-como-a-atitude-do-genero-musical-influenciou-a-moda.html>. Acesso em 07 de mar.2025.

rememora Scott na abordagem do gênero como categoria útil de análise histórica (SIQUEIRA, 2008). Este acima é apenas um exemplo dos silenciamentos que ocorreram na história. Portanto, cabe uma reflexão acerca dos sucessivos apagamentos das mulheres ao longo da experiência humana, de modo que o registro preponderantemente se restringe a uma memória mundial protagonizada pelos homens. Isto vai desde as grandes revoluções como a Russa e a Francesa, cujos heróis e líderes são homens apresentados nas salas de aula, até a nossa realidade brasileira, que tem marcos relevantes de atuação de mulheres como as assinaturas do decreto que institui o Brasil como país e da lei que extingue a escravidão, da criação da primeira escola pública gratuita, entre outras notáveis realizações conduzidas por mulheres, mas que, simplesmente, não constam, com o devido destaque, nos registros ditos oficiais como os livros didáticos do ensino fundamental. Desta maneira, de acordo com o que nos apresenta OLIVEIRA (2019), há uma relação entre a perpetuação dos valores e crenças dominantes que contribuem para violência contra mulheres. Apenas uma abordagem crítica e histórica pode questionar e problematizar este tema para que a história seja uma ferramenta de transformação e promoção da igualdade de gênero.

Por falar em modificações, uma significativa mudança social está em curso no Brasil e pode se converter em uma nova maneira de se fazer política. A política tem uma ligação fundamental e impacta fortemente os direitos humanos, que são inerentes a todas as pessoas de modo independente da sua raça, sexo, religião, orientação sexual ou qualquer outra característica. Este impacto pode se dar como proteção, violação, promoção ou por meio de negociações.

Os direitos humanos incluem os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais⁷⁸. Importante mencionar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que representa um marco na história dos direitos humanos, foi produzida por representantes do mundo inteiro e voltada a todos os seres humanos, tem como conteúdo do seu artigo 3º o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal⁷⁹.

Uma das principais mudanças em curso no país diz respeito à religião, que como sistema de sentido confere significados aos sujeitos (SOUZA, 2009, p.61). O cristianismo está mais dividido do que nunca e os católicos pela primeira vez desde a colonização têm perdido espaço

⁷⁸ Disponível em: <https://jornal.usp.br/revistausp/democracia-e-politicas-publicas-de-direitos-humanos-a-situacao-atual-do-brasil/>. Acesso em 03 de nov. 2024.

⁷⁹ Disponível em: <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>. Acesso em 24 de fev.2025.

e protagonismo no universo cristão nacional. Mas, o que representa esta mudança em andamento? Existem projeções de que até o ano de 2040 o país será majoritariamente evangélico⁸⁰.

É sabido que as características predominantes dos seguidores da religião que está presente no país há 200 anos são de uma mulher, negra e periférica⁸¹. Contudo, o perfil evangélico está distante de uma homogeneidade porque é parte da diversidade brasileira, o evangélico é plural naquilo que as denominações ou comunidades entendem ser adequado ou não em função da variedade de teologias.

Neste sentido, cabe salientar que o universo evangélico é múltiplo, tanto no que diz respeito à sua fé quanto às suas preferências políticas⁸². Tentar rotular um evangélico seria tão complexo quanto traçar um perfil fechado do brasileiro para além do que é aferido nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

O Censo de 2022 (conduzido pelo IBGE) apurou o envelhecimento da população de acordo com a diminuição no percentual de pessoas com menos de 30 anos e aumento do número de pessoas com mais de 60 anos. Observou também que os brasileiros se declaram pardos em sua maioria (45,3%) e que os trabalhos relacionados aos cuidados com a casa e os familiares são uma das principais justificativas para que muitas mulheres fiquem fora do mercado de trabalho⁸³. Impossível não pensar em uma conexão destes dados com as teorias da FEDERICCI (2017), que abordam o papel das mulheres nas sobrecargas das tarefas domésticas, cuidados com os familiares e afastamento do mercado formal de trabalho.

Portanto, podemos afirmar que o evangélico, ressaltando a disputa acirrada em diversos campos no que se refere ao termo na atualidade, não possui um único e definido posicionamento oficial no país, são dispersos e descoordenados, de um modo geral, tanto como fiéis quanto lideranças. A diversidade evangélica é tão vultosa quanto o crescimento da religião em número de seguidores e a ocupação de espaços de poder na esfera pública, o que configura o maior

⁸⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/demografo-diz-que-ate-2030-catolicos-devem-ser-menos-de-50-5362149> Acesso em 30 de out. 2024.

⁸¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml> Acesso em 30 de out. 2024.

⁸² Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2024/08/13/fundacao-lanca-cartilha-para-facilitar-dialogo-com-evangelicos/> Acesso em 30 de out. 2024.

⁸³ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>. Acesso em 20 de fev. 2025.

impacto desta religião na sociedade uma vez que o âmbito político é um detentor de relevante influência no rumo social.

Neste campo político, temos alguns aspectos a refletir, principalmente sob o prisma do conservadorismo e das pautas de costume, em larga medida encontrados no posicionamento da direita política não só do Brasil como em escala mundial. O principal deles no país diz respeito ao crescimento da chamada Bancada Evangélica, que representa mais uma intervenção, além da antiga influência católica, ao Estado laico brasileiro⁸⁴, formada por deputados “moralistas” (ALMEIDA, 2020) e que tem efeito na influência e nas decisões legislativas relacionadas a questões de moralidades e direitos humanos⁸⁵.

Numa perspectiva histórica, cabe lembrar que os grupos evangélicos brasileiros não se aproximavam tanto do espaço político e tampouco da comunicação, que eram lidos pelos religiosos como ícones de uma certa impureza espiritual. Cenário totalmente diverso ao que se configurou a partir dos próximos anos em que se assistiu a um fenômeno político e midiático na escalada do protagonismo evangélico no país.

O fato é que estamos falando de um considerável eleitorado, tanto é que são diversas as tentativas de aproximação do atual corpo ministerial do Governo Federal de Luiz Inácio Lula da Silva com este público, inclusive, na interlocução com as mulheres, tendo em vista o divulgado combate ao feminicídio no país⁸⁶. Esta relação entre evangélicos e política não é exatamente uma novidade no Brasil, embora a influência conservadora desta bancada tenha marcado os últimos anos, os evangélicos, em seu espectro colossal, está presente no país desde o século 19 com as migrações dos protestantes (ALMEIDA, 2019).

A influência da religião na política se baseia em limites precariamente construídos ao longo da história haja vista os símbolos cristãos como crucifixos e bíblias que podem ser encontrados com facilidade nos espaços das decisões políticas e jurídicas como Senado, Câmara, Presidência e STF, além da evocação de Deus na Constituição Federal e nas cédulas de dinheiro (SILVA, 2017). Considerando que estas representações conferem legitimidade

⁸⁴ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-i-constituicao-de-1988/principios-e-direitos-fundamentais-estado-laico-e-direitos-fundamentais#:~:text=Estado%20laico%20significa%20que%20o,%C3%A0%20discuss%C3%A3o%20na%20comunidade%20nacional>. Acesso em 30 de out. 2024.

⁸⁵ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 31 de out. 2024.

⁸⁶ Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-nova-estrategia-de-lula-para-atrair-o-apoio-das-evangelicas/?ref=observatorioevangelico.org>. Acesso em 04 de mar.2025.

política religiosa aos referidos símbolos em espaços seculares e apontam para influência cristã no legislativo, está posto o desafio de implementação de políticas com base na laicidade, direitos humanos e individuais.

A partir da década de 1980, os evangélicos começaram a entrar com maior força institucional na política brasileira. Inicialmente, buscando benefícios para sua rede religiosa, como isenção de impostos e concessões de meios de comunicação (SILVA, 2017). A primeira bancada evangélica se estabelece no Congresso para formular a Constituição de 1988 e vertiginosamente o número de fiéis cresce.

No entanto, desde 2013, após uma negociação entre o Governo Dilma e o Partido Social Cristão - PSC, esses grupos religiosos de um modo geral passaram a atuar de forma mais contundente, buscando regular e restringir questões como comportamentos sexuais e reprodutivos, direitos de pessoas transgênero, pesquisas genéticas, casamento e adoção por casais homossexuais (ALMEIDA, 2017). Este movimento é um dos reflexos de uma mudança no cenário religioso brasileiro, onde o grupo está ganhando espaço em relação aos católicos. E o que isto significa quando estamos analisando a existência da violência doméstica e o problema do feminicídio pela ótica de mulheres quem possuem papel de liderança nesta religião?

Um relevante aspecto a considerar é que ninguém é apenas evangélico, porque as pessoas desempenham concomitantemente diversos papéis na sociedade. O que vale dizer que as mulheres, neste caso específico da pesquisa, além de evangélicas são mães, filhas, esposas, profissionais, cidadãs e, por que não dizer? Eleitoras. Dessa maneira, a igreja assume uma relevância que vai além do papel litúrgico e religioso quando oferece um pacote de assistência social composto por creche, bancos de emprego e capacitações profissionais, além de, é claro, uma espécie de refúgio como ambiente de segurança e acolhimento, que também fazem parte do aconselhamento pastoral.

Como nos mostra Robbins (2015), os valores e a moralidade são criados e mantidos por meio de processos sociais, como a interação, a negociação e a criação de modelos e exemplos. Este fator é importante para o entendimento do empoderamento que as igrejas assumem e promovem socialmente em uma espécie de dinâmica de influências. Ao mesmo tempo que os

grupos ou representantes dos partidos políticos acionam os fiéis para se eleger, estes fiéis escolhem os representantes para garantir que não haja um banheiro neutro nas escolas⁸⁷.

É assim importante pontuarmos que os evangélicos também fizeram parte de momentos da história do Brasil onde houve resistência a regimes autoritários como a ditadura militar, uma das fases mais agudas já sofridas sob a ordem repressora. O pastor presbiteriano Jaime Wright, que faleceu em 1999, foi um dos perseguidos pelo regime e teve seu irmão Paulo, deputado estadual pelo estado de Santa Catarina, foi cassado, desaparecido e morto pela repressão. Wright ao lado de Dom Evaristo Arns (falecido em 2016) e do rabino Henry Sobel (falecido em 2019), foi fundador do projeto Brasil: Nunca Mais, que aconteceu de forma clandestina no final da ditadura entre os anos de 1979 e 1985, e gerou uma importante documentação para o Brasil⁸⁸. O projeto lançou, em 1985, um relatório e um livro de mesmo nome que tiveram grande destaque nacional e internacional, o livro figurou na lista dos mais vendidos por 91 semanas consecutivas, e tornou-se à época o mais comercializado de todos os tempos no país. Ainda hoje, a publicação é considerada a maior iniciativa da sociedade civil no Brasil em prol dos direitos à memória, verdade e justiça, e permitiu reconstituir parte da história das violações dos direitos humanos durante o regime militar⁸⁹.

As Entrevistas

Cinco mulheres líderes evangélicas em igrejas de denominação pentecostal com anos de envolvimento religioso, pessoas de diferentes formações educacionais e diversas atividades profissionais. As informações referentes aos nomes reais e as igrejas onde atuam foram suprimidas em função do conteúdo que foi tratado, visando que as lideranças ficassem mais à vontade para abordagem dos casos, para se posicionarem e relatarem os respectivos encaminhamentos. Esta condição de anonimato foi combinada previamente nas tratativas dos agendamentos. Posso afirmar que foram definitivamente importantes para o estabelecimento de uma certa confiança em relatar histórias de crimes corridos e encaminhados pelas líderes no âmbito das suas denominações. Casos de pedofilia foram devidamente tratados via

⁸⁷ Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/moralizacao-e-manutencao-privilegios-movem-lideres-evangelicos-na-politica-diz-nina-rosas>. Acesso em 14 de mai.2025.

⁸⁸ Disponível em: <https://platobr.com.br/ainda-estou-aqui-furou-bolha-e-fez-sucesso-ate-entre-evangelicos-de-direita/>. Acesso em 05 de mar.2025.

⁸⁹ Disponível em: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>. Acesso em 05 de mar.2025

direcionamento criminal. Em função de este não ser o objeto de estudo desta dissertação, não serão abordados os referidos relatos nas análises realizadas.

Todas as entrevistadas eram mulheres de classe média e suas igrejas de atuação estavam localizadas em regiões como Zona Oeste e Zona Norte do Rio de Janeiro. As conversas foram realizadas individualmente. Entrevistei primeiro a Graça, que tem 39 anos, é pós-graduada, mãe de dois filhos, migrou do catolicismo para se tornar evangélica por volta dos 30 anos. Depois falei com Betânia de 56 anos, funcionária pública, pós-graduada em mediação de conflitos, mãe de um filho (27 anos), divorciada e que iniciou a sua jornada evangélica por volta dos 17 anos. Na sequência foi a entrevista com Magnólia, de 46 anos, que iniciou sua vivência evangélica aos 27 anos, é mãe de sete filhos e pós-graduada em psicopedagogia, A Nara foi a quarta entrevistada, ela tem 60 anos dos quais é casada com a mesma pessoa há 42 anos, mãe de dois filhos (já formados e casados (sic)), é pós-graduada em serviço social e políticas públicas, além de pós-graduada em gerontologia, atualmente está concluído uma segunda graduação, desta vez em psicologia, a primeira é em serviço social. Por fim, entrevistei a quinta líder, a Cássia de 45 anos, casada há 30, mãe de dois filhos e nascida em berço evangélico, como ela mesma descreveu, graduada em recursos humanos e terapeuta. Moradoras da Cidade do Rio de Janeiro, todas mães e com renda própria oriunda da atividade pastoral ou de profissões exercidas em paralelo à atividade da igreja.

O primeiro ponto observado na pesquisa de campo com mulheres líderes evangélicas, que teve sua realização entre os meses de agosto e outubro de 2024, se deu pela análise sobre como a função de pastora impacta de modo subjetivo e objetivo nas experiências de gênero destas mulheres. Em seguida, foi a possibilidade de vivenciar uma certa intimidade nas conversas com estas mulheres, em grande medida proporcionada pela ferramenta tecnológica que são as plataformas de reunião online como a Google Meet, que favoreceram também a abordagem do tema delicado⁹⁰.

Embora não seja possível aferir se o modelo presencial seria mais profícuo, as conversas online apresentaram uma série de benefícios que pontuo agora na apresentação dos dados obtidos no trabalho de campo. O primeiro que destaco decorreu da facilidade de conciliação de

⁹⁰ Durante as entrevistas houve relatos de outros crimes como casos de pedofilia que ocorreram com integrantes das igrejas. No entanto, como os temas não fazem parte desta pesquisa, foram suprimidos da análise porque demandariam conceituações e reflexões diferentes das que estão mobilizadas como objetivo desta dissertação. Cabe ressaltar que todos os casos mencionados foram encaminhados devidamente pelas lideranças às delegacias e órgãos competentes.

agendas dentre os afazeres das entrevistadas, o que viabilizou a marcação das entrevistas com baixa taxa de reagendamento porque dentre as cinco conversas apenas uma foi remarcada para o dia seguinte em função de um compromisso da pastora na sua igreja. Isto, sem dúvida, facilitou o acesso às lideranças e a assertividade da conclusão da parte empírica.

A mobilidade para realização da pesquisa também foi um ponto beneficiado pelas novas tecnologias, uma vez que não foi necessária a realização de deslocamentos pela cidade, o que não acarretou despesas de transporte ou tempo de deslocamentos entre os bairros do Rio de Janeiro. Este tipo de ferramenta para realização da pesquisa garante ainda uma maior segurança dos envolvidos, diminuindo os riscos inerentes à circulação pela cidade, mas, sobretudo, uma condição subjetiva, relacionada a sentimentos e sensações que influenciam no emocional e que apenas a residência das entrevistadas proporciona, uma vez que este local é relacionado à vida pessoal e à intimidade.

Ressalto ainda que, por estarem em suas casas, as lideranças não aparentavam ou expressavam preocupação com o tempo de duração da entrevista, que em todas as vezes assumiu um tom de bate-papo envolvente, mais informal e repleto de cordialidade, simpatia e cooperação, mesmo com a forte carga emocional que a temática impunha naturalmente ao longo do diálogo. Não é possível avaliar se a presença de maridos e filhos em casa teve influência nas respostas, no que tange a questão de gênero, dadas as relações de poder que operam também no espaço doméstico.

As entrevistas, que foram guiadas pelo roteiro composto por cerca de 16 perguntas, anexado nesta dissertação, aconteceram por um período médio de 45 minutos cada e percorreram todos os pontos estabelecidos como relevantes para análise proposta.

O início sempre trazia um agradecimento e uma estimativa do tempo da conversa. Na sequência, era realizada uma breve apresentação sobre a pesquisa para o Mestrado em Sociologia Política, explicando o objetivo e a importância de cada mulher que estava sendo ouvida para composição da reflexão analítica. A realização das perguntas do roteiro era o próximo passo e a finalização abria espaço para que a entrevistada abordasse algum ponto que julgasse necessário e que não fora contemplado na entrevista.

Uma das conversas foi especialmente favorecida pela já mencionada percepção da aproximação e compartilhamento da intimidade proporcionada pela modalidade online. Era uma manhã de sábado ensolarado durante a primavera no Rio de Janeiro, marcamos com

antecedência (na semana anterior), confirmamos na véspera, ao final da tarde, e entramos, eu e a Pastora Magnólia na sala de reunião da Plataforma Google Meet pontualmente às 11h. Já havíamos percorrido quase todos os pontos do roteiro e estávamos vivenciando um agradável compartilhamento de informações durante a entrevista quando a pastora pediu licença para uma pausa com objetivo de que trocássemos de cômodo porque estávamos na sala da sua casa, ela, acessando a plataforma pelo celular e eu, pelo meu notebook, na sala do meu escritório de casa. O motivo da solicitação de pausa era porque ela precisava dirigir-se à cozinha para dar início à organização do almoço da sua família, composta por seu marido e seus sete filhos. Acordei respondendo que não havia problema algum e assim prosseguimos para o outro cômodo onde teve início a preparação do alimento enquanto conversávamos de forma tranquila.

Vivi ali o que considero um momento de particularidade na experiência da pesquisa qualitativa onde percebi durante a entrevista on-line, realizada na modalidade áudio e vídeo, que a Pastora Magnólia estava mais à vontade para expressar suas opiniões com o celular apoiado na bancada de granito da cozinha enquanto fazia a refeição da família. Seu semblante era leve e a atividade que desempenhava com agilidade me parecia extremamente prazerosa para aquela mulher.

Pontuo que, para além do ganho qualitativo obtido nesta vivência, observei um aspecto muito relevante e recorrente na questão da assimetria de funções domésticas entre homens e mulheres, uma vez que a dupla e tripla jornada estava ali posta aos meus olhos e ouvidos nas declarações da pastora que eram proferidas com muita naturalidade e abnegação da função desempenhada, segundo ela mesma, diariamente, com todo seu empenho e alegria. Cabe ressaltar que optei por suprimir as informações de identificação a até os bairros de residência em razão da manutenção do sigilo sobre o posicionamento das entrevistadas, que nesta análise empírica aparecem de forma anônima identificadas apenas por nomes fictícios.

A pesquisa de campo foi uma importante experiência e relevante exercício desta dissertação não apenas porque apresentou os entendimentos das lideranças religiosas acerca do casamento, da família e das questões referentes à igualdade de gênero, mas porque comprovou a grande heterogeneidade que compõe este grupo de seguidoras da religião evangélica. Mostrou movimentações progressistas e profundas interrelações entre as moralidades, a opressão de gênero (especialmente no aspecto de sobrecarga das mulheres) e a força da fé religiosa evangélica. Impossível não mobilizar nestas análises as considerações de Scott (1996) sobre

gênero na intrincada e primeira maneira de dar significado às relações de poder, dado que o gênero é elemento constituinte das relações sociais.

Das cinco lideranças entrevistadas, uma delas está prestes a se tornar pastora. Hoje, atua como supervisora de distrito. Ela explicou que sua igreja funciona em um modelo de células, quem lidera 5 células é supervisora de setor, quem lidera 15 atua como supervisor de área e quem lidera 50 células, o caso da entrevistada, é supervisora de distrito, “a caminho de ser consagrada pastora” nas palavras da liderança Graça.

Sem qualquer exceção, as entrevistadas se posicionaram contra a possibilidade de aceitação do feminicídio. As pastoras foram unânimes ao citar que apenas Deus é o guardião do direito à vida, mas reconheceram que esta não é a realidade do mundo. Uma das pastoras apresentou um plano de ação em curso em sua igreja com apoio de profissionais externos como mediadores atuando nos lares das fiéis.

Como proposto por Lemos e Souza (2009) o corpo da mulher vítima de violência revela uma história de lutas de poder que se baseiam no direito natural do homem, o pressuposto sociocultural de que as mulheres são inferiores e, portanto, submetidas a uma hierarquia que as controla a ponto de perderem suas vidas.

Não, de maneira nenhuma. Jamais. Isso aí nunca. Está errado. A gente tem visto aí, é revoltante, essa coisa do feminicídio. Isso tem acontecido com gente de igreja. Muitas pessoas com esse sofrimento porque começa pequeno e a liderança fica orientando perdoa, aguenta firme. Deus está no controle. Não, Deus não está nesse negócio, porque Deus não está no meio da maldade. Deus é justo. E o que Ele quer é que tenha posicionamento, atitude, numa hora dessa. Então, eu não concordo. De maneira nenhuma. Ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém. Sou contra. E se chega qualquer mulher com essa fala perto de mim, eu faço questão de levar na delegacia. Não pode. É inadmissível. Isso é muito triste. E a gente que é mulher, você vê que nessa sociedade, a mulher, a maior inimiga da mulher é a mulher. Porque, às vezes, as mulheres, elas derrubam a outra olhando, fazendo reparos. Ai, está vendo? Está com a unha sem fazer. Isso é uma humilhação. Olha só o cabelo dela, ridículo. Outra humilhação. Se a gente se unisse, seria tão bom as mulheres estarem em outro nível. Em outro nível. Lá na igreja, eu faço grupo de mulheres com estudo. Mas eu não trago estudo assim, ah, é só Bíblia? Não. Eu trago estudo de psicologia, cura interior, faço tratamento. Essa semana vai começar lá um grupo terapêutico e vai uma psicóloga, porque não pode ser eu mesma, tem que ser gente de fora, para fazer a terapia de grupo. Então, já tem 12 mulheres para esse trabalho. Por quê? Eu observei mulheres que têm demandas dentro de casa, mas que elas não têm condições de pagar uma psicóloga. E nesse grupo, ele é um grupo acolhedor e sigiloso. (Pastora Nara)

Embora seja de alta relevância que no Brasil exista uma Lei nº 13.104/2015 que dá nome ao feminicídio desde 2015 e que a punição possa chegar a até 40 anos de reclusão, configurando a maior pena prevista no Código Penal Brasileiro, maior do que a incidente sobre o de homicídio qualificado (12 a 30 anos de reclusão)⁹¹ isto não é efetivo no trabalho de controle do problema. Isto porque agravar punição por cometimento de crime hediondo não se apresenta como mecanismo suficientemente eficaz para evitar que mais mulheres sejam assassinadas em função de serem mulheres. Soma-se a isso o registro de que muito mais mulheres negras são mortas em comparação com as brancas em números absolutos o que revela a incapacidade do governo em garantir políticas públicas que abranjam todas as mulheres de forma universal (MORAIS & OLIVEIRA, 2023).

Ainda que as entrevistadas não tenham feito todas elas, com exceção da Pastora Cássia que faz esta relação, uma referência direta ao machismo e ao ódio como causas do feminicídio, todas se posicionaram de modo contundente contra a possibilidade de um homem tirar a vida de uma mulher. Vale a esta altura frisar que a Pastora Cássia, apresentou bastante esclarecimento acerca de termos e conceitos pertinentes ao campo feminista, está casada há 30 anos, foi mãe aos 16 anos e, portanto, se casou aos 15. A maioria das líderes, contudo, citou Deus na resposta como o “único com permissão sobre a vida e a morte das pessoas”.

Não existe justificção (sic) nenhuma. Eu acredito que só Deus pode nos tirar a vida. Só Ele que deveria. Mas infelizmente a gente vê todos os dias situações da prisão, os comentários que homens têm tirado a vida não só de suas esposas, mas de outros vizinhos e de outras pessoas. O que justifica? O homem não tem direito disso. O ser humano não tem direito de tirar a vida de ninguém. (Pastora Magnólia)

A busca pelas causas e origens da subordinação das mulheres levou Gerda Lerner (2019) a questionar a própria natureza da pergunta. Em vez de buscar um momento específico ou um evento que tenha desencadeado a opressão feminina, Lerner argumenta que a verdadeira questão é como e com que propósito a subordinação das mulheres foi estabelecida e observou que o surgimento do patriarcado foi um processo que se desenrolou ao longo de quase dois mil anos, de cerca de 3100 a 600 a.C.

A criação do patriarcado está intimamente ligada à formação dos estados arcaicos, que foram organizados com base na dominação da mulher dentro da família e na escravização das mulheres e de grupos dominados. Os homens tinham sua estima social baseada na relação com

⁹¹ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/10/10/lei-que-pune-feminicidio-com-ate-40-anos-de-reclusao-entra-em-vigor>. Acesso em 06 de fev. 2025.

os meios de produção e as mulheres tinham sua estima social mediada por seu vínculo aos homens. O surgimento do monoteísmo hebraico representou uma desvalorização simbólica das mulheres. De acordo com Lerner (2019) está é uma metáfora fundamental da civilização do ocidente, a metáfora advém da filosofia de Aristóteles que posiciona as mulheres como incompletas e defeituosas, uma categoria diferente dos homens.

Dessa maneira, a opressão das mulheres não ocorre apenas pela violência física, pela escravização ou exploração de sua função sexual, mas principalmente através de dois modelos simbólicos que estão nos primórdios do imaginário da civilização ocidental. A subordinação das mulheres passa a ser naturalizada propiciando a consolidação do patriarcado.

Se o pano de fundo do feminicídio é o machismo alimentado pelo patriarcado, torna-se essencial entender o papel da religião nesta dinâmica, assim como a mútua afetação entre religião e política no atual contexto da sociedade brasileira. Como nos lembra Maria das Dores Campos Machado (2015) construção da identidade de gênero é um processo social influenciado pela cultura, pela religião e pela política.

No caso da influência evangélica na política nacional sobre gênero, é possível observar como a religião é utilizada como ferramenta para legitimar e reforçar as normas, seja para justificar a exclusão das mulheres de posições de poder e liderança, seja para restringir os direitos das mulheres, especialmente em relação à saúde reprodutiva e ao aborto, justificada pela ideia de que a vida é sagrada e que o aborto é um pecado. No entanto, cabe pontuar que esta influência religiosa na política brasileira não é uniforme e que existem muitas vozes dentro da comunidade evangélica que defendem uma visão mais inclusiva e igualitária sobre gênero.

Além de posições genuínas de progressistas comprometidos com os direitos humanos, há também interesses diversos de um perfil missionário como proselitismo, ganhar visibilidade, angariar mais fiéis mulheres, se contrapor ao catolicismo e apresentar novos modelos de prosperidade. Em uma entrevista de 2007, Edir Macedo da IURD se posicionou a favor do aborto e respondeu:

A criança não vem pela vontade de Deus. A criança gerada de um estupro seria de Deus? Não do meu Deus! Ela simplesmente é gerada pela relação sexual e nada mais além disso. Deus deu a vida ao primeiro homem e à primeira mulher. Os demais foram gerados por estes. O que a Bíblia ensina é que se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se farta do bem, além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele (Eclesiastes 6.3). Não acredito que algo, ainda informe, seja uma vida (TEIXEIRA, 2021. p.29)

Nas entrevistas com as pastoras as posições eram muito coerentes com as funções religiosas. Apresentavam um certo conhecimento acerca dos termos relacionados à violência doméstica como ciclo da violência, tipologia e relação tóxica, mas ao mesmo tempo há certo tom de conformismo com as situações, que muitas vezes são adjetivadas apenas como tristes e acompanhadas de um breve suspiro de abnegação. A oração e o seu poder também são algumas vezes mencionados. “Por isso, existe a necessidade da oração, existe a necessidade de conhecer, pra ter certeza quem é a pessoa que é antes de casar (sic)”.

Mas é uma relação tóxica, vamos dizer assim. Eles sempre se separaram, sempre voltam. É o ciclo da violência, como se diz, não é? E aí ele sempre diz para ela que vai ajudar. E aí ele fica na porta do trabalho, esperando-a sair. E, segundo ela, ele tem que falar algumas coisas. Mas é uma relação tóxica, vamos dizer assim. Eles sempre se separaram, sempre voltam. É o ciclo da violência, como se diz, não é? E aí ele sempre diz para ela que vai ajudar. E aí ele fica na porta do trabalho, esperando-a sair. E, segundo ela, ele tem que falar algumas coisas. Quando ela chega em casa, ele agride. As violências que ele fez, não é? Bater, fugir, a violência sexual. Entendeu? Até quando ela recebe o pagamento, dele pegar o dinheiro, dele deixar o seu dinheiro, ele é usuário de drogas, ainda tem esse agravante. E ela não consegue se desvencilhar nessa relação. É, é triste mesmo. (Pastora Magnólia)

Embora a pastora Magnólia fale de relação tóxica, ela é firme no posicionamento de que o casamento deve ser iniciado com uma certeza sobre a escolha e que não cabe uma separação que não seja baseada em motivos consistentes. “Não é, eu me caso hoje, se não der certo, eu separo amanhã”, nas palavras dela. Mas quais seriam estes motivos? Uma “forte violência” ou algo “muito sério” seriam motivos plausíveis para o divórcio, segundo a liderança. E ela completa dizendo que Deus não quer ninguém triste ou infeliz. Outro aspecto muito destacado pela pastora é o investimento do casal na relação que precisa ser de “100%, com diálogo”. Fala também um pouco sobre sua igreja e do grupo de mulheres que conduz. Esta dinâmica de compartilhamento de experiências entre mulheres aparece em quase todas as entrevistas. O que corrobora com um perfil de proximidade entre a igreja e as mulheres.

Lidero um grupo de mulheres, nós fazemos encontros a cada 15 dias, conversamos falando sobre diversos assuntos, a sexualidade, conversamos também sobre a família, sobre os filhos, então é um momento que a gente tira para estar falando também e ouvindo as mulheres que precisam de ajuda, e muitas vezes não são ajudadas. (Pastora Magnólia)

Ao ser perguntada sobre casos de violência em sua congregação a pastora informou que houve apenas um caso que foi apoiado de diversas formas e que possivelmente há outros casos, mas que “A (violência) patrimonial, é mais comum dentro das igrejas do que a gente imagina.”

É fato que um dos mecanismos da Lei Maria da Penha é a reeducação de agressores (prevista nos artigos 22, inciso VI, 35, inciso V, e 45, da lei) e que esta medida promove melhorias e redução de ocorrências Assompção e Salles (2024) ⁹². Contudo, esta ação contribui com uma não reincidência, mas não atende a necessidade de uma promoção de consciência sobre igualdade de gênero que está na raiz do problema.

As interlocutoras quando mencionam a existência do amor nas relações associam com segurança, apoio, com a importância do respeito, do exemplo e da escolha, conforme os exemplos comentados abaixo das pastoras Cássia, Betânia e Graça.

O casamento me traz amor, me traz segurança, me traz apoio. Ele reforça a minha identidade, né? Ele não tira a minha identidade, o que é muito pouco falado hoje dentro de um casamento. E, de igual modo, eu tento fazer pelo meu esposo a mesma coisa. Reforçar a identidade dele, passar pra ele essa segurança amorosa, afetiva, né? Então, para mim, nesse sentido, o casamento foi algo e tem sido algo muito importante. Pra minha vida, tanto pessoal quanto profissional, tem sido algo muito importante. (Pastora Cássia)

O ponto que chama atenção na fala da Pastora Cássia é justamente o papel do casamento como potência de reforço da identidade. E essa função que exerce sobre o *ethos* uma definição de complemento nos âmbitos tanto pessoal quanto profissional da vida aponta para uma importante dinâmica de organização de um modelo tradicional e dentro do regime religioso normativo. Desta maneira, o casal monogâmico unido pelo casamento une também esforços no trabalho que pode promover uma prosperidade familiar, livre de vícios e distrações como traições conjugais, falta de dinheiro e falta de autoridade moral perante filhos e familiares, que afastem potenciais conquistas materiais e simbólicas (COUTO, 2002).

E eu não... Assim, eu também não fiz parte desse grupo, né? Mas... Eu entendo que... Ninguém é obrigado a permanecer num relacionamento onde há desrespeito. Porque a gente não pode falar de amor se não tem respeito. É, eu não consigo... Eu não consigo imaginar isso, entendeu? (Pastora Betânia)

A fala da pastora associa a relevância do respeito para o sucesso de um relacionamento e complementa afirmando que “Não pode falar de amor se não tem respeito”. Este é um interessante aspecto para pensarmos por que, como valor humano, o respeito impede que se

⁹² Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.indexlaw.org/index.php/culturajuridica/article/download/10424/pdf/29446&ved=2ahUKEwjNmu2Egq6NAXXoqpUCHYISCKsQFnoECC8QAQ&usq=AOvVaw2LPbhxD9rihTNVQh3BDwcY>. Acesso em 18 d mai.2025.

faça mal a outro e, por sua vez, se relaciona com uma negação da subjugação ou qualquer tipo de violência. Sob o prisma da religião evangélica, a orientação é justamente que o respeito seja um alicerce para o casamento sólido e feliz.

No site da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), dentre alguns blogs de lideranças, há o do Bispo Renato Cardoso, que traz a palavra de Deus através de diversos assuntos e fala sobre casamento. Entretanto uma publicação de estratégia sensacionalista intitulada “Inacreditável o que ela fez com o noivo no altar” chama atenção justamente porque aventa a possibilidade de um ato de extrema violência relacionado a uma situação ocorrida entre um casal perante o altar. Em resumo, o bispo envolve o leitor em um texto que menciona o salmo 106 (*“Fizeram um bezerro em Horebe e adoraram a imagem fundida. E converteram a Sua glória na figura de um boi que come erva”*) (Salmos 106:19-20) através da história de um triângulo amoroso relacionado a valores humanos como fé, respeito e traição, mas o que salta os olhos são as opções ofertadas ao leitor⁹³:

“Aí, eu pergunto para você: o que é que você acha que este homem deveria fazer com respeito à sua noiva?

- a) Deixá-la ali mesmo, dar meia volta e ir embora.
- b) Criar uma cena, matar os dois.**
- c) Perdoá-la e dizer: “olha, se você quiser voltar para mim, eu volto com você”.

Portanto, existe, no pacote de opções apresentado pelo bispo, a possibilidade de escolher o assassinato da mulher e do terceiro elemento da tríade. Isto seria por si uma contradição aos ensinamentos de Deus? Não estaria contrariando também um dos mandamentos? Ou podemos também pensar no título da publicação e aferir daí uma “legítima defesa da honra” tão utilizada até recentemente (década de 2020) nos tribunais brasileiros? A “legítima defesa da honra” foi uma tese jurídica amplamente utilizada no país para justificar nos tribunais diversos casos de violência doméstica e feminicídios.

Dentre diversos casos envolvendo a figura jurídica para defesa de determinado réu sob a justificativa de crime passional, o mais midiático e emblemático deles talvez tenha sido o ocorrido em 1976, na Cidade de Búzios no Rio de Janeiro, cujos envolvidos eram figuras de alto poder aquisitivo e destaque social, tanto o casal, assassino e vítima, quanto o jurista que

⁹³ Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/inacreditavel-o-que-ela-fez-com-o-noivo-no-altar/>. Acesso em 07 de mar.2025.

utilizou a defesa da honra, estamos falando do famoso caso da praia dos ossos⁹⁴. A referida tese só foi considerada inconstitucional por violar os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero, pelo STF em 2021⁹⁵.

O tratamento distinto para meninas e meninos é por si uma forma de violência, conforme defende Vilhena⁹⁶ e isto ganha um peso maior no ambiente religioso evangélico que tem papel importante na via pessoal e social dos indivíduos Claudia Ritz (2018) informa que a liderança religiosa pentecostal é também portadora de um carisma divino e tem uma autoridade inquestionável o que faz tantas pessoas buscarem seus aconselhamentos.

Eu me casei de forma consciente, eu não me casei por uma imposição social, eu não casei porque eu fui obrigada, não, eu me casei por amor. E quando você se casa por amor, você vai ajustando. Pode ser que você não ame o seu parceiro todos os dias, porque isso acontece, mas eu escolho amar o meu parceiro todos os dias. Então naquele dia em que eu tô mais irritada, alguma coisa do tipo, ô, volta aqui, eu escolhi amar. Então eu vou sempre buscar a conversa, voltar ali para fazer isso, até que a morte o separe. Porque romantizando agora, eu acho que não tem nada mais lindo do que os seus filhos criarem dentro dessa, serem criados dentro dessa relação, sabe? Observando como o casal se trata. Isso aí vai passando de um para o outro, né? Meu marido, ele aprendeu isso com os pais. E ele hoje me trata como uma princesa. Ele aprendeu e ele passou, né? E os nossos filhos hoje observam a gente dançando dentro de casa, a gente brincando, a gente tava ali na sala agora, meu filho tá de férias brincando, abraçado, e meu filho veio pra cima e dançou com a gente. Família. Mas estamos ensinando nossos filhos, são meninos, a serem homens apaixonados pelas suas esposas, que cuidem, que protejam, que casem conscientes e fiquem casados até que a morte os separe, entende? (Pastora Graça)

O relato da pastora Graça remete a um ponto importante da orientação cristã que é a vida conjugal harmoniosa e dessa forma aliada à fecundidade. Friso aqui o fato de que as cinco lideranças entrevistadas são mães. Outro ponto interessante é a pastora fazer uma referência às princesas “E ele hoje me trata como uma princesa” as princesas são estas figuras tão intimamente relacionadas ao imaginário feminino que idealiza o casamento como ritual do encontro com o príncipe encantado. O final da história é o já conhecido “e viveram felizes para sempre” Lemos e Souza (2009).

Nesta temática, o pastor Claudio Duarte, que é nacionalmente conhecido, figurando como um dos líderes religiosos mais influentes do país, o terceiro colocado de acordo com a

⁹⁴ Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>. Acesso em 07 de mar.2025.

⁹⁵ Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/tese-da-legitima-defesa-da-honra-e-inconstitucio>. Acesso em 07 de mar.2025.

⁹⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/06/quando-a-igreja-nao-discute-genero-ela-nega-direitos-humanos-diz-evangelica-feminista.htm>. Acesso em 15 de mai.2025.

plataforma *Influency.me*⁹⁷. Duarte, que tem muitos seguidores em canais de conteúdo nas redes sociais e dezenas de livros publicados, afirma em uma das suas apresentações gravadas e transmitidas pelos canais digitais que tem milhares de visualizações “o homem para ser feliz precisa de duas coisas: barriga cheia e saco vazio”⁹⁸ A frase, repleta de conotações sexuais, mais uma vez define que o papel da esposa está delimitado como responsável por satisfazer seu cônjuge, inclusive sexualmente.

Em totalidade os depoimentos das pastoras entrevistadas são inteiramente contrários a um cenário de violência doméstica e feminicídio. Expressam pilares importantes da relação equânime e quebra de padrões de comportamento de gênero pautados na subjugação das mulheres. Para além da constatação dos problemas, as líderes não elaboram problematizações relacionadas a desigualdade de gênero ou qualquer crítica à estrutura religiosa como elemento de opressão em qualquer nível.

Cabe aqui uma reflexão proposta por Patrik Pharo (2015) sobre o amor, a dependência e as relações tóxicas, que são as que mais fazem mal do que bem. Segundo Pharo, em sua análise sociológica, a dependência amorosa é motivada por desejos, valores e necessidades e pode derivar para uma perda da autonomia e da liberdade (PHARO, 2015). Contudo, o amor romântico é um tema complexo porque mobiliza conceitos de ordem relacional e tem suas origens no século XVIII quando se passou a romantizar com uma mudança essencialmente cultural as relações que antes tinham foco meramente reprodutivo.

Segundo estudos recentes, o cenário supremacista do amor romântico, que é uma construção cultural, tende a mudar. O Escritório de Estatísticas do Reino Unido divulgou em estudo que no país até 2039 o número de pessoas morando sozinhas deve aumentar em mais de 10 milhões. Isto revela uma mudança de entendimento sobre o amor e uma tendência social de diminuição da prioridade ao amor romântico, abertura a outros modelos e tipos de relacionamento⁹⁹.

No que se refere ao ideal de amor romântico, algumas considerações merecem atenção. Primeiro que tem como base as hierarquias de gênero da sociedade, segundo que a

⁹⁷ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/instagram-os-influencers-cristaos-mais-seguidos-evangelicos-dominam>. Acesso em 07 de mar. 2025.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILR32x8tedc>. Acesso em 07 de mar. 2025.

⁹⁹ Disponível em : <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60843147>. Acesso em 13 de fev.2025.

probabilidade (o número de solteiros ultrapassa de casados no país)¹⁰⁰ de não encontrar o parceiro para viver a linda história do conto de fadas da Cinderela ou da Branca de Neve, como nos lembra Souza e Lemos (2009) é muito significativa e pode gerar uma grande frustração. Pior ainda é que esta construção sociocultural pode ser perversa porque em vez de um “e foram felizes para sempre” pode ocorrer um desfecho bastante diferente do harmonioso conto de fadas.

Neste cenário e em uma perspectiva de desconstrução de imaginário sobre realização pessoal via casamento cabe constatar que há uma certa “obrigação” social que pressiona o cumprimento desta etapa de vida e, neste contexto, podem estar envolvidos diversos fatores como estabilidade financeira, busca por status ou validação da sociedade. Porém, esta tarefa se torna ainda mais difícil e complexa quando temos o reforço da religião via enaltecimento da importância da família tradicional heteronormativa formada pela união do casamento. Casamento preferencialmente constituído pelo amor e celebrado nos rituais religiosos com posterior nascimento de filhos e todo protocolo já abordado anteriormente nesta dissertação. As lideranças trouxeram reiteradamente nas suas falas a grande importância dada ao casamento. Até mesmo a Betânia, que é uma liderança divorciada há mais de duas décadas afirma sua crença no casamento.

Eu acredito nesse lance do casamento. Eu acredito mesmo. Porque são duas pessoas que se amam, que se respeitam, que são diferentes. Que vêm de formação diferentes. E que, em algum momento, decidem que vale a pena construir alguma coisa junto. (Betânia)

Betânia faz ainda uma fala calcada na sua experiência sobre a violência contra mulheres:

Mas o que eu observo de outras igrejas e comentários que a gente ouve. Quanto menor o nível de escolaridade deste homem. Quanto mais questões ele tem de autoestima, de questões de lugares que ele não conquistou, de sucesso na sua vida... Ele de uma certa forma... Ele quer colocar um, desculpe o termo, um cabresto nessa mulher. (Betânia)

Esta observação é interessante para pensar sobre dinâmicas de poder nos relacionamentos. Deste modo, podemos refletir, que um robusto arcabouço de sentidos e significados capturam as mulheres na condição de alvo para situações de violência doméstica e feminicídio. As possibilidades de escape desta situação estão muito mais relacionadas a um processo de esclarecimento e letramento de gênero em associação às soluções propostas por mecanismos públicos ou de ordem religiosa. O enfretamento ao machismo estrutural pode

¹⁰⁰ Disponível em: https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/comportamento/numero-de-solteiros-ultrapassa-o-de-casados-no-brasil-o-que-isso-significa,000dc94158e29047e5a3759098b3cb214x2kbygg.html#google_vignette. Acesso em 13 de fev. 2025.

representar uma possibilidade de transformação via educação e releituras de interpretações tradicionais dos textos sagrados e das doutrinas religiosas que perpetuam desigualdades.

A igreja e o estado são importantes porque oferecem condições de amparo e empoderamento feminino. Contudo, a convicção da mulher de que ela não é obrigada a passar por uma subalternização e do homem de que a igualdade de gênero é uma necessidade são prioritárias neste processo de mudança de cenário (BAQUERO, 2006).

Como nos lembra Beauvoir (2019) o opressor não seria tão forte se não tivesse cumplicidade entre os oprimidos, o que vale dizer que muitas vezes observamos as mulheres reforçando os papéis e responsabilidades pautados pela lógica conservadora e, portanto, que muitas vezes as oprime. E o processo de construção social dos papéis a serem desempenhados é o que forja este pensamento de que a realização feminina está atrelada ao casamento e a maternidade de forma prioritária.

Na sociedade brasileira, que é machista e desigual, não é tarefa das mais árduas encontrar no discurso religioso cristão, proferido inclusive por mulheres, a premissa de transformação de uma pessoa em mulher através da maternidade e de suas relações amorosas, mais especificamente o casamento¹⁰¹ o que nos faz recordar, mais uma vez, as ideias de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (2019). Somado a isso está a opressão estética, que coloca as mulheres “na prateleira”, uma vez que são escolhidas pelos homens na sociedade e isto pode trazer inclusive problemas graves de saúde mental¹⁰². Um dos caminhos propostos é o letramento de gênero, que pode provocar uma transformação das gerações no sentido de apresentar possibilidades de vida para além da maternidade e do casamento. O feminicídio, por conseguinte, não tem origem diferente da dominação patriarcal cristã, que foi acirrada com o sistema capitalista e colonizou explorando e sujeitando as mulheres nas Américas. FEDERICCI (2017).

Um estudo recente de 2024 mostrou que 7 em cada 10 brasileiras são mães e que mais da metade delas cria o filho sozinha (55%), ou seja, apenas 45% das mães criam os filhos com seus companheiros ou companheiras¹⁰³ e conclui que é difícil para todas as mulheres viver na nossa sociedade, mas é mais difícil para as mães. Isto porque a maternidade tem impacto direto

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.fabianabertotti.com/maternidade-na-perspectiva-crista-desafios-e-bencaos/>. Acesso em 06 de mar.2025.

¹⁰² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/letramento-de-genero-protege-saude-mental-das-mulheres/>. Acesso em 26 de fev. 2025.

¹⁰³ Disponível em: <https://thinkeva.com.br/quem-sao-as-maes-brasileiras/>. Acesso em 06 de mar. 2025.

no nível educacional e no acesso ao mercado de trabalho. Setor que também tem uma série de questões relacionadas quando o assunto é mulher, como diferença de remuneração e histórico de aumento dos números de demissão após maternidade, por exemplo.

O que explicaria o dado de que no Brasil são registradas nos cartórios por dia quase 500 crianças apenas com o nome de uma mãe? ¹⁰⁴ Esta é uma realidade que suscita muitas reflexões. Vale lembrar que no caso da dupla as como, desde 2017, os cartórios civis passaram a emitir o registro de nascimento adequadamente com o nome das duas mães, sem referência à distinção quanto ascendência paterna ou materna.

Um item que merece ser abordado nesta altura da discussão, para além do simbolismo envolvendo a posição da mulher na desigualdade de gênero, é a questão dos seus corpos porque a violência também se dá nos corpos femininos e é direcionada à sexualidade. Não podemos, desta maneira, dissociar o social de alguma relevância à moldura biológica. Por mais que o gênero seja construção social, o aspecto biológico não é irrelevante. A opressão acontece ao mesmo tempo nos âmbitos simbólico e físico quando os corpos sofrem e são usados nos feminicídios, estupros, explorações em trabalhos e diversões.

A maioria das mulheres entrevistadas frequentam as suas igrejas na companhia dos filhos e do cônjuge, o que reforça o cumprimento de algumas orientações da religião como o provérbio “A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua casa.”¹⁰⁵ Desta maneira, a mulher é a responsável por qualquer coisa que aconteça no seio familiar. Se der tudo certo foi porque ela cumpriu o papel de sábia e edificou o seu lar, mas se ocorrer alguma intercorrência fica subentendido que foi por causa desta mulher que na sua insensatez destruiu algo que poderia dar certo se ela se empenhasse. A liderança Graça menciona a “sabedoria” da mulher em uma fala muito interessante sobre definição de agenda do casal.

O meu marido, ele é o pastor da minha casa, né? Ele organiza a minha casa, assim, temos tantos eventos esse mês, vem, esse a gente dá pra fazer, esse a gente dá pra fazer, esse a gente dá pra fazer, esse aqui não dá, não se comprometa. Entende? Que eu só vou com o meu marido, ele vai comigo, tá? Se ele marcar lá que nós podemos nos comprometer a 10 compromissos, ele vai comigo aos 10. Mas eu não me comprometo a 11, por quê? Porque eu sei que 11 eu não posso, porque o meu marido disse que eu posso 10. A 10 ele vai comigo. Entende como ele é o cabeça? Por mais que ele, de repente, não vá dar a palavra, ele vai comigo a todos. Ele participa comigo de retiros, ele participa comigo, quando eu sirvo na igreja eu participo de todos. Mas eu só vou

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/08/5116706-por-dia-quase-500-criancas-sao-registradas-sem-o-nome-do-pai-no-brasil.html>. Acesso em 06 de mar.2025

¹⁰⁵ Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/proverbios_14_1/. Acesso em 05 de mar.2025.

àqueles que ele diz, olha, esse mês nós podemos a tantos. Ok, esse mês nós podemos a tantos, nós vamos a tantos, está tudo bem. Mesmo que eu tenha o desejo de ir a todos. Eu respeito. Ele falou, ok, nós vamos a tantos. Faz parte da sabedoria da mulher também, né? (Graça)

É um peso e tanto pensar que a mulher carrega geralmente todas as responsabilidades em uma relação, mas pontuo o risco da repetição destas frases sem o devido questionamento porque são formas de aprisionamento do papel da mulher e reforço de uma concepção de desigualdade de gênero fundamentada em um preceito religioso.

Então, o meu esposo, eu o conheci no meio evangélico. E nós nos casamos e criamos os nossos filhos também ali naquele mesmo ambiente. E é um ambiente que eles estão até hoje por escolha própria. O meu genro, ele não frequenta a igreja, porém não vejo nenhum problema nesse sentido, entendeu? Desde que ele seja um homem respeitoso, amoroso, com minha filha e com meu neto que vai chegar, não vejo problema nenhum, não. (Pastora Cássia)

Não é raro encontrar provérbios que definam a mulher virtuosa aos olhos de Deus. Quase sempre o papel desta mulher é subalternizado como a parte mais frágil. A ela é dito como deve ser e o que fazer para que consiga ser bem-vista aos olhos da religião. Um provérbio chama atenção especialmente por congregar todos estes aspectos, embora voltada ao esposo em complemento ao que havia sido orientado à mulher: “Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações¹⁰⁶.” Curioso que os homens precisam ser sábios, como a fragilidade feminina é destacada e como fica marcada uma coparticipação da mulher, que deve, portanto, orar.

Assim, a Bíblia se apresenta como um guia de vida, especialmente para que as mulheres consigam cumprir o papel de uma boa esposa no casamento e este guia foi a referência durante todas as entrevistas realizadas com as líderes, que mencionaram o livro sagrado e as palavras do ensinamento religioso repetidas vezes.

Então, eu acredito que a Bíblia, ela é um manual, sabe? Onde nós temos que ter muita sabedoria pra entender. (Graça)

Pela Bíblia, se for esta mulher trabalhadora, temente a Deus, esperançosa a ponto de confiar que Ele cuidará da sua família, respeitosa para com seu marido e boa conselheira

¹⁰⁶ Disponível em: https://www.bibliaon.com/papel_da_mulher/. Acesso em 05 de mar.2025.

podendo orientá-lo com prudência, sensatez, sabedoria e cuidado, o pacote estará completo e a mulher terá cumprido os preceitos da esposa ideal.

A Bíblia mesmo, ela fala isso, né? Que a partir do momento que você casa ali, né? Você tem que viver aquilo ali. Então a minha igreja, mas não só a minha igreja, a minha formação e a minha criação acreditam que a família é a base de tudo. Então ela é a prioridade dentro até mesmo da igreja. A gente fala que o nosso primeiro ministério dentro da igreja é a nossa família. (Graça)

Todavia, a principal questão para refletirmos nesta dissertação é sobre os usos dessas narrativas bíblicas com intuito de fortalecer um discurso moralizante, visando o controle de corpos e mentes femininos. Levando em consideração interesses neoliberais que sejam capazes de manter metade da população longe do mercado de trabalho, da sua independência financeira e psicológica (SILVA, 2023).

Quem lucra com a submissão das mulheres? Esta pergunta é basilar para que a gente entenda os interesses envolvidos neste mecanismo que está em funcionamento desde o nascimento do capitalismo, para termos um recorte histórico mais próximo do atual neoliberalismo em expansão¹⁰⁷ e para refletirmos sobre que grupos foram subalternizados para sustentar a expansão capitalista.

O controle das vidas e corpos das mulheres acontece de muitas maneiras, o feminicídio e o aborto são dois pontos de reflexão. A despeito de termos no Brasil, desde 2015, a Lei do Feminicídio, que classifica o assassinato de mulheres em razão de gênero como crime hediondo, esta lei não tem qualquer efeito prático no controle dos números de ocorrências que são crescentes ano a ano¹⁰⁸.

No país, o aborto é considerado crime, sendo apenas permitido em casos de estupro, quando a gravidez oferece risco à vida da mulher e em casos de anencefalia fetal. Contudo, a pauta do aborto é um imbróglio que nem todo político quer encarar porque envolve profundas questões relacionadas às ideologias e posicionamentos religiosos que mobilizam valores como família e as moralidades. Os principais militantes antiaborto são justamente os parlamentares cristãos e a realidade das igrejas é de que o aborto está mais presente nelas do se possa imaginar.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/25/silvia-federici-a-exploracao-das-mulheres-e-o-desenvolvimento-do-capitalismo/>. Acesso em 05 de mar.2025.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/07/brasil-femicidios-em-2023.ghtml>. Acesso em 05 de mar.2025.

A antropóloga Débora Diniz coordenou a Pesquisa Nacional do Aborto de 2016 e demonstrou que das mulheres que abortam no Brasil, 25% são evangélicas e 56% são católicas¹⁰⁹. E de acordo com os dados do DataSUS, entre 2018 e 2023, 407 meninas e adolescentes de dez e 19 anos morreram no país por complicações na gravidez e as gestações foram resultado de estupro de vulnerável¹¹⁰. Este dado por si já deixa uma pista de que existe uma questão de saúde pública urgente a ser enfrentada, além de trazer a reflexão sobre a cultura do estupro, que é mais um sintoma da machista e misógina sociedade brasileira baseada no patriarcado.

A cultura do estupro culpabiliza a mulher por ter sido estuprada, seja porque estava vestida inadequadamente, tinha ingerido bebida alcoólica em excesso ou porque estava sozinha em um local inapropriado, citando alguns exemplos observados de forma recorrente¹¹¹. Outro elemento que merece destaque neste pensamento é a revitimização, que consiste em expor a mulher a um sofrimento contínuo ou repetido após o fim do ato violento. A revitimização pode acontecer instantaneamente, horas, dias ou até muitos meses ou anos depois da violência sofrida e envolve um tratamento de descaso, insulto ou qualquer tipo de humilhação da vítima.

A pastora Cássia foi a única liderança que falou mais diretamente sobre cultura de estupro e machismo de forma aberta, demonstrando conhecimento acerca das causas do problema em análise.

O machismo, infelizmente, eu lido com muitas jovens, eu lido com muitas mulheres vítimas de abuso, de estupro e, infelizmente, eu ainda ouço essa frase que ela fez alguma coisa para isso acontecer. Alguma coisa, ela fez alguma mensagem, ela mandou para que isso acontecesse. Isso é repugnante. Isso é algo inaceitável nesses dias que nós estamos vivendo. Então, eu vejo que se nós não voltarmos lá atrás e começarmos a educar famílias, a educar os pais, a educar os filhos na formação dessa criança, nós vamos continuar vendo o índice de violência aumentar e não vamos dar conta de tanta dor, de tanto sofrimento e a verdade é essa. É algo doído demais. É muito sofrimento que a gente está vendo hoje na nossa sociedade. São mães chorando a morte das suas filhas, são pais chorando a morte das suas princesas e são filhos, filhos órgãos perdendo suas mães. E tudo isso é muito triste. Muito, muito triste. Estamos num país hipócrita porque fala que não é machista, mas é. (Pastora Cássia)

A revitimização está coberta pela Lei de Crime de Violência Institucional, criada em 2022, visa punir o servidor que “submeter qualquer vítima de infração ou testemunha de crimes violentos a procedimentos desnecessários, repetitivos ou invasivos, que as levem a reviver,

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-aborto-e-as-mulheres-evangelicas/>. Acesso em 05 de mar.2025.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.observatorioevangelico.org/defensores-da-pec-da-vida-querem-a-morte-das-mulheres/>. Acesso em 05 de mar.2025

¹¹¹ Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cultura-do-estupro-no-brasil/>. Acesso em 05 de mar.2025.

revitimização sem estrita necessidade, a situação de violência ou outras situações potencialmente geradoras de estigmatização e sofrimento”¹¹².

Diversos problemas colaterais foram diagnosticados em mulheres e meninas que sofreram abuso sexual. Pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) identificaram em um estudo que metade das vítimas deste tipo de violência, com ou sem penetração, desenvolvem um transtorno de estresse pós-traumático específico e diferente dos causados por outros traumas como um assalto a mão armada, por exemplo. Além do desenvolvimento de um quadro de depressão, há uma inflamação leve e duradoura que pode levar ao envelhecimento do organismo¹¹³. No mundo inteiro, de acordo com a OMS, mulheres tem duas vezes mais chances de desenvolver ansiedade e depressão devido muitas vezes à dupla jornada e trabalho e à pressão social, além de menores índices de testosterona¹¹⁴. A mesma instituição aponta que no Brasil cerca de 10% da população sofre com estas patologias e que sete em cada dez pessoas são mulheres¹¹⁵.

Não obstante, para além da questão do abuso sexual, há outras razões para que tantos casos de gravidez aconteçam como não existir educação sexual nas escolas, o difícil acesso a métodos anticoncepcionais eficazes, a falta de informação e o não cumprimento da Lei de Planejamento Familiar (Lei Nº 9.263)¹¹⁶, que é um direito constitucional brasileiro e deveria ser de todo cidadão, portanto.

Como discuti ao longo do capítulo, não podemos esperar que os sistemas jurídico e penal ofereçam únicas e supremas soluções para problemas sociais, trata-se de ressaltar a necessidade de uma mudança que clame por políticas públicas capazes de proteger e empoderar meninas e mulheres. Todas as pastoras entrevistadas, sem exceção, se mostraram totalmente repulsivas ao feminicídio, posso dizer que tom era até mesmo de indignação. Além de reconhecimento do

¹¹² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-04/nova-lei-preve-prisao-para-servidor-que-destratar-vitima-de-violencia>. Acesso em 08 de mar.2025.

¹¹³ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/estresse-provocado-pelo-estupro-causa-sofrimento-psiquico-e-gera-inflamacao-que-pode-acelerar-o-envelhecimento/>. Acesso em 7 d e mar.2025.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czkekymmv55o#:~:text=Mulheres%20s%C3%A3o%20mais%20susce,t%C3%ADveis&text=Segundo%20a%20OMS%2C%20elas%20apresentam,doen%C3%A7a%20do%20que%20os%20homens>. Acesso em 08 de mar. 2025.

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sete-em-cada-10-pessoas-com-depressao-ou-ansiedade-sao-mulheres-aponta-pesquisa/#:~:text=pesquisa%20%7C%20CNN%20Brasil-,Sete%20em%20cada%2010%20pessoas%20com,ansiedade%20s%C3%A3o%20mulheres%2C%20aponta%20pe,squisa&text=Dados%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de,a%20preocupa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20ainda%20maior>. Acesso em 08 de mar.2025.

¹¹⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9263.htm. Acesso em 05 de mar.2025.

problema e um certo cunho de lamento resignado, muitas citaram Deus, em uma referência ao poder divino sobre a vida dos seres humanos.

O aspecto religioso é assim o viés que potencializa a necessidade de mais diálogo e, sobretudo, de não situar a discussão sobre o feminicídio e a respeito violência doméstica como fatos da contemporaneidade, mas sim como sintomas contínuos históricos da sociedade, ancorados no machismo e na misoginia.

4. Capítulo III - Mediação religiosa sobre o casamento, vale tudo em nome da manutenção da união?

Neste capítulo realizo uma reflexão analítica sobre os encaminhamentos pastorais e os entendimentos das mulheres acerca do casamento, família, infidelidade e demais dinâmicas conjugais relacionando com teorias e conceitos.

A mediação religiosa sobre casamento é um dos papéis desempenhados pelas lideranças evangélicas entrevistadas. Todas enumeram pré-requisitos que julgam fundamentais para o sucesso de um casamento, mas o que lidera o número de citações é o diálogo, como podemos observar no relato da pastora Magnólia destacado abaixo.

O casamento precisa ser algo em que os dois estejam participando, os dois estejam juntos realmente, não adianta pessoas estarem casadas, mas cada um para o seu lado, então o que eu vivo hoje no meu casamento é uma participação 100% dos dois, a conversa, o diálogo que tem que existir, a ajuda e a troca com relação ao outro. A gente está sempre perguntando o que o outro acha, o que o outro pensa, pedindo mesmo, a gente conversa muito sobre tudo e vem pra essa. O que eu vejo muitas vezes em outros casamentos que a gente acaba tendo contato com outras pessoas é que infelizmente as pessoas não querem ceder. A gente sabe que quando você tem duas pessoas, são duas pessoas diferentes, com costumes diferentes, foram criadas em famílias diferentes, porém quando você tem a vontade, quando você tem o desejo de se juntar, de se casar, como precisa ceder um pouco a cada dia para que esse casamento venha a dar certo. (Pastora Magnólia)

O diálogo pode ser entendido como um processo que possibilita, de forma colaborativa, se chegar a um entendimento sobre determinado assunto. Serve também na resolução de problemas, dentre outros objetivos, e muitas vezes pressupõe uma condição de igualdade entre os envolvidos. Todavia, nas respostas obtidas, as pastoras não saíram do que é normativo para os lares onde prevalece a fé cristã evangélica praticante, uma vez que não questionaram a importância do casamento ou seu valor para vida das mulheres. De um modo geral, repudiam a existência da violência doméstica, mas não são defensoras da separação, colocando esta condição como última alternativa, depois que se esgotam as possibilidades de conciliação.¹¹⁷ Embora haja uma série de fatores em torno da separação como desgaste emocional e custos financeiros, o que está em foco nesta dissertação é o peso da religião evangélica nas mediações sobre casamento realizadas pelas lideranças entrevistadas, que não aconselham separação por motivos não justificados pela bíblia. As falas demonstram isso. Seja da pastora Magnólia “pra se pedir um divórcio, uma separação, tem que ter algo muito sério, o casamento é um projeto

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.observatorioevangelico.org/a-violencia-contr-a-mulher-nao-tem-cor-classe-social-ou-crenca/>. Acesso em 4 de mar.2025.

de Deus, a família é um projeto de Deus”, seja das lideranças Nara e Graça, conforme transcrevo abaixo.

A Bíblia é contra o divórcio. A Bíblia é, mas eu sou a favor daquilo que não se sente bem, se está sofrendo, é melhor separar. Porque ninguém vive uma vida, hoje, no século XXI, para agradar outro. E eu dou o conselho. O que o pastor não está dando, o que está acontecendo? Aí é relatado. Dá para andar mais uma milha com ele, com ela? Dá. Não dá? Então, vamos ter um outro diálogo aqui. Passo a lembrar. Aí tem um bate-papo bem legal para a pessoa entender o que ela está fazendo, entendeu? A gente dá uma volta, lembra do dia do casamento, da trajetória dos filhos que nasceram. Essa discussão hoje é por quê? Aí é financeira, é por causa de dinheiro. Aí a gente vai ajustando. Mas quando tem violência, ele me humilha, ele me invade, ele me xinga, ele me maltrata, falta comida. Aí é outro departamento. (Nara)

Se em algum momento você se casou com aquela pessoa, você tem que aprender a lidar com essa pessoa. Então, pra mim, é muito difícil. Falar pra assim, se separa, se divorcia, porque não está dando certo. Porém, a pessoa está sofrendo uma agressão física, está sendo traída. Então, aí eu acho que o Senhor também não criou pra gente ficar sendo infeliz, apanhando, sendo traída, com risco de contrair uma doença, dentro de um casamento que não é harmonioso, dentro de um casamento que não funciona como se deve funcionar. Então, aí eu sou a favor do divórcio. Nessas duas condições. Sim. (Graça)

“A família é o alicerce de tudo”

Pauta nacional, território de disputa de narrativas pelas forças políticas da direita e da esquerda no país, e por mais que seja observada a utilização desta temática como plataforma de convencimento pela via da moral, a família mobiliza a todos porque opera no campo do afeto e das humanidades. Comprovando uma conexão já prevista, foi uníssono nas entrevistas a grandiosa importância e valor da família e do casamento para as líderes. O que corrobora com fundamentos muito fortalecidos pelo viés religioso, conforme observamos na resposta da Pastora Graça.

Depois, quando você tem uma família estruturada, organizada, aí sim você pode viver outros ministérios dentro da sua igreja. Mas se você não tiver a sua família ali, né? Ali cercada, cuidada, né? Todos os outros caminhos da sua vida não funcionam também de uma forma organizada para sua vida. Então, para mim, a família é o alicerce de tudo. (Pastora Graça)

Sendo estas mulheres participantes vívidas do evangelismo, já era esperado que suas visões sobre estes pontos reforçassem o que sua religião profere. O versículo bíblico (Mateus 19:6) “O que Deus uniu, jamais o homem o separe” já enuncia o significado do casamento para os evangélicos, algo que foi unido por Deus, portanto, não deve ser desfeito. Vale lembrar que

o modelo de união via casamento foi se tornando estruturante ao longo da história, em função do reforço e afirmação pelo Estado, escola, mídia, família e pela própria religião. A pergunta realizada para as cinco líderes evangélicas “Qual a sua opinião a respeito do casamento?” recebeu como resposta uma alta valorização do papel do casamento, inclusive como elemento de reforço de identidade e complemento de vida. Uma das lideranças chegou a responder **“Então, o casamento pra mim é até que a morte me separe, né?”** e a liderança divorciada foi categórica “Eu acredito nesse lance do casamento. Eu acredito mesmo.”

O casamento é algo muito importante. O casamento me traz amor, me traz segurança, me traz apoio. Ele reforça a minha identidade, né? Ele não tira a minha identidade, o que é muito pouco falado hoje dentro de um casamento. E, de igual modo, eu tento fazer pelo meu esposo a mesma coisa. Reforçar a identidade dele, passar pra ele essa segurança amorosa, afetiva, né? Então, para mim, nesse sentido, o casamento foi algo e tem sido algo muito importante. Pra minha vida, tanto pessoal quanto profissional, tem sido algo muito importante. (Pastora Cássia)

Viver feliz para sempre é incutido no imaginário feminino desde muito cedo e este “para sempre” parece ser desta maneira algo inquestionável. A manifestação da Pastora Cássia reforça o valor da união pelo casamento para formação da família.

E o casamento na Bíblia não é mais visto como um acontecimento comum, é visto como um acontecimento especial. É o início de uma família, é o início de uma geração, aonde dois nomes se unem, aonde duas carnes se unem para se iniciar uma nova geração, uma nova história, uma família. (Pastora Cássia)

Portanto, isto ocorre, em certa medida, simplesmente porque ninguém vai além desta parte das histórias, que, geralmente, acabam com belas exhibições de cerimônias religiosas para selar a união com quase invariável posterior gravidez, representando a felicidade advinda “naturalmente” do casamento (SOUZA, 2009, p.18). Ao longo da história da colonização ocidental a mulher esteve sempre sob controle masculino, sai da responsabilidade de um homem para outro e assim passa das “mãos” do pai para o marido sem ter tempo de tornar-se uma pessoa no sentido da fundação da sua própria individualidade e autonomia antes de ser esposa e mãe.

Na pesquisa, sistematicamente, as respostas obtidas sobre casamento e família foram atribuídas ao campo do sagrado, à vontade e projeto de Deus, assim como surgiram menções à indissolubilidade do casamento e “a família é o mistério”, em referência bíblica ao que é incompreensível, ao que é um “chamado espiritual”. Mas também “A base da sociedade” foi

uma resposta que reforçou a unanimidade do significado fundamental da família como fruto do casamento sob o ponto de vista religioso.

As cinco entrevistadas relataram também a adesão dos filhos e esposos à rotina da igreja evangélica, o que aponta para uma coesão entre as suas atribuições dentro e fora de suas casas, regidas pelas normas religiosas nos âmbitos privado e público, tanto como mães de família, quanto como lideranças religiosas em suas igrejas. Notei todas muito imersas em suas vivências evangélicas nas suas respectivas comunidades. O que coloca em evidência inclusive uma característica das denominações evangélicas que possuem um significativo índice de assiduidade dos seus fiéis e por consequência maior exposição às influências das autoridades dos seus locais de culto de uma forma geral no Brasil, conforme nos apresenta Bohn (2004). A dimensão da ocupação territorial evangélica também é superlativa pela presença em todas as regiões do país continental, com avanços acentuados nas regiões Norte e Centro-Oeste¹¹⁸.

A chamada capilaridade da igreja evangélica é uma característica da religião, que é urbana, mas que outrossim está presente no interior do Brasil, e com esta capilaridade ocupa lugares onde o Estado não está assumindo relevância, a ponto de, por vezes, utilizar uma parceria para alcançar a população¹¹⁹. Um outro elemento observado nas entrevistas é que marca esta religião no país é o senso de pertencimento, que faz com que seus membros se sintam parte da igreja e tenham um sentimento de comunidade que cria forte cultura entre os fiéis. Soma-se a isto uma dimensão social com o fato histórico da igreja evangélica ter um papel de contribuição no processo de alfabetização até os anos 1950 realizado nas igrejas com a leitura da bíblia, fundação das escolas paroquiais pelos missionários que chegaram no século 19 fortalecendo o pilar de assistência social¹²⁰.

Mesmo com todas essas características citadas, contudo, é importante lembrar que os evangélicos não podem ser olhados como um grupo homogêneo, muito ao contrário disso, a diferença é que representa a verdadeira marca desta religião.

Um aspecto da pesquisa que merece abordagem é o que se refere a adesão dos companheiros às igrejas cujas esposas exercem papel de liderança. Das cinco entrevistadas

¹¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/09/11/es-e-estado-com-maior-concentracao-de-igrejas-evangelicas-do-pais-17-tempos-foram-abertos-por-dia-no-brasil-segundo-pesquisa.ghtml>. Acesso em 22 de fev. 2025.

¹¹⁹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/governo-firma-acordo-com-evangelicos-para-combater-fome-e-pobreza>. Acesso em 06 de nov. 2024.

¹²⁰ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2023/01/22/o-tema-da-familia-foi-capturado-pela-extrema-direita>. Acesso em 03 de nov. 2024.

apenas uma delas iniciou o marido na religião evangélica. Outras três conheceram o companheiro no meio da religião e uma delas foi introduzida na igreja pelo marido na adolescência, quando era, na época, seu namorado.

Entretanto, o que a literatura apresenta como mais comum nesta dinâmica social é que o ingresso na religião evangélica ocorre quase sempre por meio da mulher companheira. Muitas vezes, em função de uma busca pela cura e pela salvação, seja da pobreza, seja do alcoolismo (MARIZ,1994) ou de qualquer outro mal que o poder divino consiga livrar este homem para se tornar um crente, fazendo aqui uma referência a nomenclatura atribuída à pessoa que enfrentou o processo de conversão onde se passa a ter fé e vivenciar (como crente) uma nova vida de convicção e obediência¹²¹.

No que se refere ao ideal de família imaginado pelas lideranças evangélicas entrevistadas, o conceito se consolida como um pilar na vida dessas líderes em uma visão que é profundamente alinhada aos preceitos tradicionais, normativos e até mesmo conservadores difundidos por representantes da religião evangélica em posicionamentos públicos, que representam intensa e decisiva força política na contemporaneidade brasileira¹²².

Sendo na família onde se manifesta em primeira instância a hierarquia entre os sexos, a religião entra como camada de reforço dos papéis de gênero rígidos. Homens são vistos como protetores e mulheres como cuidadoras, onde as mulheres seguem frequentemente de joelhos seja por adoração aos seus maridos, seja por adoração a Deus. As mulheres são socializadas para serem submissas e dependentes dos homens e essa subordinação é reforçada por normas culturais e religiosas, conforme nos informa Beauvoir (2019). A Pastora Graça chega a afirmar que o seu marido é o pastor dentro da sua casa “Meu marido é um cara incrível, super parceiro. Então, embora a supervisora de distrito seja eu, não seja ele, ele é o pastor dentro da minha casa”.

A família é a nossa base, então às vezes, nós precisamos, estamos tristes, acontece alguma coisa, mas a gente encontra dentro do núcleo familiar, dentro da nossa casa, aquilo que a gente precisa, às vezes é um abraço, uma conversa, porque os dias são muito difíceis, e estar à frente de uma igreja também não é fácil, e são inúmeros problemas, inúmeras situações, em que a gente precisa realmente desse apoio familiar, eu e meu esposo, a gente conversa muito, a gente troca muito, e principalmente com

¹²¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/sobre-crentes-protestantes-evangelicos-e-rubem-alves/> Acesso em 06 de nov. 2024.

¹²² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/20/voto-evangelico-alem-de-religiao-familia-e-seguranca-importam-para-um-segmento-que-e-diverso> Aceso em 06 de nov.2024.

ele, eu encontro, como posso dizer para você, como se fosse a base mesmo, o apoio.
(Pastora Magnólia)

De uma maneira geral, as respostas das entrevistadas apontam para um papel de família que cumpre um sistema de purificação próprio da religiosidade cristã, no qual as condutas estão corretas, as famílias tradicionais normativas formadas, as regras divinas seguidas e todo escopo de preceitos evangélicos atendidos. Houve unanimidade na exposição de uma alta responsabilidade envolvida entre o papel de esposa perante Deus e a igreja como uma espécie de fluxo natural de toda dinâmica regida pelo evangelismo. A Pastora Cássia, fala sobre respeito. Atribui importância a este elemento na relação conjugal. O que faz valer uma reflexão: respeito é uma atitude, enquanto igualdade de gênero é um objetivo social e político que busca a eliminação de disparidades e desigualdades entre homens e mulheres. O que está envolvido na questão da violência doméstica está intimamente ligado ao conceito de gênero, neste sentido o desequilíbrio do poder entre gêneros e subjugação das mulheres.

Bom, o casamento é uma bênção a partir do momento que se respeita, né? O respeito, eu olho hoje, com 60 anos, eu olho o casamento que é um conjunto, mas ele não é o sexo, não é só o sexo. Como muitas pessoas têm aquele olhar que vai se casar para ter sexo. Não. Ele é um conjunto, ele é amizade, ele é a cumplicidade, é o companheirismo, é o afeto, é tudo. O casamento é isso. E aí, hoje, eu e meu esposo, nós somos eu e ele na casa, é um ajudando o outro, eu o ajudo, ele me ajuda, meu companheiro, o amiguinho, é a minha rede, eu sou a rede dele. Entendeu? (Pastora Cássia)

Como uma instituição fundamental na sociedade brasileira, a família desempenha um papel na construção de valores, crenças e identidades. Sob os aspectos políticos e religiosos temos a família figurando de maneira central na história recente, tanto durante a ditadura militar, quando foi valorizada como uma estrutura basilar para sociedade reforçando a ideologia conservadora, quanto no contexto bolsonarista, que utilizou o lema “Deus, Pátria, Família” como oposição a qualquer movimento progressista da chamada pauta de costumes. Em ambos os momentos destacados, o apoio da igreja foi de grande importância para mobilização social. Durante o golpe militar as Marchas da Família com Deus pela Liberdade¹²³, que ocorreram por todo país entre os meses de março e junho de 1964, apoiavam o regime autoritário combatendo o “comunismo”, reforçando os valores tradicionais, conservadores e consolidando a aliança entre a igreja Católica e o Estado.

¹²³ Disponível em: <https://querepublicaeessa.an.gov.br/index.php/que-republica-e-essa/assuntos/secoes-especiais/80-serie-especial-o-golpe-de-1964/541-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade>. Acesso em 08 de dez. 2024.

Já no contexto bolsonarista, além da igreja católica, temos a relevância do apoio evangélico posicionando a igreja como valor central, se opondo a chamada “ideologia de gênero”¹²⁴ e defendendo a moralidade e a tradição (MISKOLCI & CAMPANA, 2017).

Vale lembrar que o lema utilizado pela extrema direita recentemente no Brasil sintetiza a ideologia política e religiosa do governo, remete a legitimação divina por Deus, a instituição básica da sociedade pela família e ao nacionalismo com a pátria, que são os mesmos termos contidos no lema do Movimento Integralista Brasileiro, fundado em 1930 (GONÇALVES & NETO, 2020) com inspiração no fascismo italiano¹²⁵. Assim sendo, temos a família como um sustentáculo social capaz de contribuir com a promoção de mobilizações significativas com vieses políticos e religiosos.

“Eu e minha casa servimos ao Senhor”

A visão de que a igreja acomoda, de certa maneira, as mulheres no casamento e na família dentro das diretrizes da moral cristã e através de seu papel como instituição que produz sentido merece ser problematizada quando levamos em consideração a questão da violência doméstica. Principalmente, atribuindo um olhar à esfera doméstica como o principal campo de dominação das mulheres.

O lar, aparentemente intocável, associado à família na Bíblia, se configura como local onde as desigualdades de gênero são perpetuadas e as mudanças das relações sociais são tecidas em nossa sociedade (SOUZA, 2009, p.22). Contudo, a fala de uma das lideranças deixa clara a função da casa e da família na relação com a religião quando diz:

Tudo que eu faço, eu não faço sozinha. Eu e a minha casa servimos ao Senhor, como diz a palavra. Estamos juntos. (Pastora Graça)

Se esta acomodação feminina ocorre, isto se dá justamente em função da influência que a religião possui sobre as identidades de gênero, contribuindo para uma perpetuação da

¹²⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/10/sem-considerar-origem-historica-bolsonaristas-negam-que-slogan-do-fascismo-seja-fascista.shtml>. Acesso em 08 de dez.2024.

¹²⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/10/sem-considerar-origem-historica-bolsonaristas-negam-que-slogan-do-fascismo-seja-fascista.shtml>. Acessado em 08 de dez.2024.

violência doméstica porque a mulher que vive uma relação violenta vai buscar sentido no seu sofrimento e tentar justificar, via religião, a sua permanência na relação seja através da fé na melhora e transformação do companheiro, seja pela exorcização do marido que pode ser liberto do demônio causador da violência, do vício e do desamor (SOUZA, 2009). A pastora Cássia corrobora com esta visão ao mencionar que não concorda com a interpretação que é feita da bíblia ao afirmar “Eu sei que tem muitos casais que, por causa dessa palavra, eles permanecem unidos e acreditam que isso é o certo, porque está na Bíblia, mas não é dessa maneira. Não foi nesse sentido que essa palavra foi dita”.

A manifestação da pastora Cássia sinaliza a necessidade de reinterpretações bíblicas de maneira que não aprisionem as mulheres em situações opressoras ou de submissão na dinâmica do casamento apenas por orientação da palavra. Por outro lado, atribuindo uma complexidade à dinâmica, estas mulheres buscam também a benção ou legitimação não só para permanecer na relação, mas para seguir com uma separação que possa interromper um sofrimento insuportável (SOUZA, 2009, p.19).

Nessa perspectiva, a pesquisa pontua um posicionamento muito similar de todas as lideranças sobre a questão do divórcio. De uma maneira geral as respostas sintetizaram a visão de que Deus é bom, não quer ninguém infeliz, o que demonstra o entendimento de um Deus misericordioso e compreensivo. Assim, sob determinadas condições que seriam inadmissíveis em uma relação conjugal, o rompimento estaria autorizado como respondeu a Pastora Graça.

A pessoa está sofrendo uma agressão física, está sendo traída. Então, aí eu acho que o Senhor também não criou para a gente ficar sendo infeliz, apanhando, sendo traída, com risco de contrair uma doença, dentro de um casamento que não é harmonioso, dentro de um casamento que não funciona como se deve funcionar. Então, aí eu sou a favor do divórcio. Nessas duas condições, sim. (Pastora Graça)

A Pastora Cássia, por sua vez, amplia a interpretação bíblica quando atribui à transgressão dos mandamentos os diferentes atos que oprimem a mulher no casamento. Ela adota, dessa maneira, um posicionamento mais progressista em relação à permissão do divórcio, mas sempre aceitando esta condição como uma última alternativa depois de todo processo de aconselhamento e tentativas de resgate da relação. Importante salientar que o papel da mulher como submissa, sem poderes definidos e dependente do cuidado do marido, é evidente nas falas das lideranças entrevistadas.

A Pastora Cássia menciona que o fato de o marido não cumprir com o papel de provedor da casa é similar a uma traição. Mediante as diferentes formas de traição e adultério que podem ocorrer e tendo o casal esgotado as possibilidades de acordo, a separação é o caminho a ser seguido:

A Bíblia é contra o divórcio. A Bíblia é. Mas eu sou a favor de encerrar aquilo que não se sente bem, se está sofrendo, é melhor separar. Porque ninguém vive uma vida, hoje, no século XXI, para agradar outro. E eu dou o conselho. O que está acontecendo? Aí é relatado. Dá para andar mais uma milha com ele, com ela? Dá. Não dá? Então, vamos ter um outro diálogo aqui. Passo a lembrar. Aí tem um bate-papo bem legal para a pessoa entender o que ela está fazendo, entendeu? A gente dá uma volta, lembra do dia do casamento, da trajetória dos filhos que nasceram. Essa discussão hoje é por quê? Aí é financeira, é por causa de dinheiro. Aí a gente vai ajustando. Mas quando tem violência, ele me humilha, ele me invade, ele me xinga, ele me maltrata, falta comida. Aí é outro departamento. E eu não tenho problema nenhum de encaminhar para separar, não. A Bíblia condena porque o adultério não é o marido trair a mulher. O adultério é transgredir a lei. Quando esse marido transgrede de não cumprir com a provisão, é adultério. Quando ele transgrede em maltratar a esposa, é adultério. Por quê? Porque Jesus amou a igreja. Ele fala, maridos, amai a vossa mulher, como Cristo amou a igreja. Então, já é infidelidade se ele maltratar ela. Então, é dentro do contexto bíblico que eu falo, dentro de toda forma. Aí quando diz que não tem jeito, aí é outro departamento. (Pastora Cássia)

Podemos afirmar que para as mulheres evangélicas entrevistadas existe uma coesão entre seus papéis de líderes evangélicas, mães de família e esposas, pois todas posicionaram suas condutas dentro e fora dos seus lares de acordo com as normas e procedimentos religiosos. Em muitos momentos com a importância de deixar este legado para os filhos como mencionou a entrevistada.

O sentido do núcleo familiar é essa importância que a família tem de passar para geração futura, né? Justamente essa união, sabe? Essa importância de um tendo cuidado com o outro, do amor-próprio junto com o amor mútuo. Porque eu acredito no amor-próprio mesmo dentro do seio da família, né? Você além de ensinar os seus a amar, é você se amar também, né? Então, eu acho que a família, o sentido da família vem muito disso, sabe? Dessa importância de formar essa geração para que essa futura geração consiga passar também isso pros seus. (Pastora Nara)

A pastora menciona também a questão do amor-próprio e do amor mútuo, que são ensinamentos e orientações encontrados na bíblia. O amor mútuo assim como o respeito estão em Efésios 5:33. O respeito também é um ponto a ser observado na análise das entrevistas, a única liderança divorciada chega a contar que se separou em razão do desrespeito.

Algo muito interessante observado na pesquisa de campo foi a unidade em uma prévia iniciação religiosa, assim como o desenvolvimento dentro da igreja até alcançar a posição de pastora, uma espécie de trajetória na igreja até o atingimento do lugar de destaque como

liderança. De um modo geral, as mulheres já eram ligadas à fé ou se converteram muito novas ao evangelismo.

Esta convergência entre o relacionamento com o marido e com Deus é um elemento importante a se observar porque às mulheres parece estar garantido socialmente este papel de devoção no casamento ou na religião, colocando a mulher sempre rendida e entregue a sua devoção. A autoridade do esposo tem a mesma representação sagrada da “glória de Deus” sobrando às mulheres a sujeição sem questionamentos (SOUZA, 2009, p.57). Como conta a pastora Betânia, a iniciação na igreja se deu ainda na adolescência:

Bom, eu venho de uma família evangélica, né? Mas os meus pais, quando se casaram, eles não frequentavam nenhuma igreja. E quando eu tinha 16 anos, o meu primeiro namorado, a gente estudava junto, né? Acho que era primeiro grau. A gente não era no segundo grau na época, não. E aí a gente começou a namorar e ele tinha as atividades de final de semana. E aí a gente estava junto. E aí eu comecei a frequentar a igreja. E a gente começou a se envolver com atividades que eu curti muito. E aí quando eu vi, eu entrei para a igreja, né? Comecei a minha jornada na igreja evangélica aos 16, 17 anos mais ou menos. E estou até agora. (Pastora Betânia)

Uma outra entrevistada teve uma iniciação marcante na religião evangélica pelo caminho da fé após sofrer um acidente, a religião entrou em sua vida preenchendo lacunas e como elemento de transformação de propósitos, trazendo empoderamento e descortinando possibilidades. Este papel da religião no fortalecimento psicológico e no ganho de uma espécie de autoconfiança para traçar e conquistar objetivos é muito significativo, conforme a liderança expressa em seu relato:

Eu sofri um acidente. E quebrei a perna esquerda. E no hospital eu recebi orações. E eu estava muito desesperada porque eu tive fratura exposta. E dali um sofrimento muito grande, seis meses na cama. Quando eu me levantei, não tinha nada assim que me preenchesse. Se não fosse para a igreja. Eu fiquei muito desnorteada, porque eu sempre fui muito ativa, mas eu não era crente. Eu sempre tive temor da igreja católica. Nesse acidente eu acordei para a vida. Porque eu só vivia naquelas quatro paredes ali, com meu marido, ajudando-o. Eu achava que era só aquilo, a vida. E depois fui para a igreja. Esse encontro com Deus abriu uma visão panorâmica da minha vida. Deu uma virada. Eu acordei em todos os sentidos. Em estudar, na formação dos meus filhos, na minha formação, na minha caminhada, a respeito do meu casamento, que era uma cegueira que eu tinha. E depois eu vi que não era nada aquilo. Que eu precisava ter um posicionamento. E aí eu fui para a igreja. Estou lá até hoje. E o número de mulheres da minha igreja é bem considerável, porque eu olho pela questão de eu ser mulher. É um número grande. E essas mulheres também, por conta de me ver estudando, foram motivadas a estudar. É um bairro, você não conhece, mas é um bairro carente onde as pessoas têm um olhar assim. Quem mora aqui, está bom. Ganha um salário-mínimo, está bom. Sabe ler e escrever, está bom. Se não souber, também está bom, porque aqui é roça. Só que esse olhar, para mim, não serviu. Eu encarei de outra forma. E hoje a igreja, o número de formandos lá, eu acredito que foi por causa dessa influência, de eu estudar. E muitas mulheres, a maioria que vai para a formação, vai para serviço social, porque a gente tem uma carência muito grande no bairro a

respeito. A gente lida com várias demandas dentro da igreja que chegam e a gente já tem aquele olhar aguçado, que ou é um abuso, ou é uma violência no casamento. E aí, eu peguei essa visão e estou ainda aí. (Pastora Cássia)

Este depoimento chama atenção para o papel indiscutível da religião na existência das mulheres que precisam de um estímulo para suas lutas e através da igreja se fortalecem para enfrentar as diferentes dificuldades impostas pela vida. Sendo assim, estas pessoas vislumbram por meio da prática religiosa a possibilidade de prosperar tanto em aspectos socioeconômicos quanto em âmbito pessoal com aumento da autoestima, da confiança em si mesma e do autorrespeito.

Ao permitir que mulheres assumam cargos de liderança, a igreja evangélica promove um empoderamento significativo no papel social das mulheres, embora ainda permaneçam existindo muitas dificuldades ao pastorado feminino até mesmo no espectro mais progressista evangélico. Valéria Vilhena (2017) nos mostra pouco espaço para diálogo dentro do meio evangélico quando a pauta é gênero¹²⁶.

O papel de liderança impacta diretamente a vivência dessas mulheres sob o ponto de vista das diferentes questões de opressão de gênero, pela possibilidade de ocupar cargos decisórios, passando pela dependência financeira até chegar na segurança pessoal. Sendo assim, as pastoras são extremamente relevantes, inclusive simbolicamente.¹²⁷ A pastora Nara expressa sua vivência no evangelismo desde criança, culminando com sua atual posição.

Então, quando eu nasci em berço evangélico, eu sempre vivi ali, eu nunca me desviei. Então eu fui galgando, fui crescendo dentro do meio evangélico, dentro das normas da igreja. Então fica, assim, meio complicado pra mim falar quando que isso começou. Porque desde a infância que eu me vejo na igreja fazendo parte do movimento de trabalho. Na infância, aos 9 anos, eu já trabalhava auxiliando a professora, infantil, já trabalhava nas festinhas com animação infantil. Na juventude, eu liderei a juventude, então assim, eu fui aos poucos, né, galgando esse caminho. Então não tem como eu te dizer, assim, que iniciei nessa época. A infância já foi na igreja. (Pastora Nara)

A moralidade é um conceito que permeia todos os posicionamentos das entrevistadas. Este ponto é especialmente importante de ser explorado porque as disputas políticas estão, de modo acirrado na contemporaneidade brasileira, ancoradas nas pautas de costume que tem uma

¹²⁶ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em 20 de mai 2025.

¹²⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60312039> Acesso em 06 de nov. 2024.

função clara de estímulo do medo, ativando nas pessoas receios e angústias que mobilizam a sociedade em prol do combate a tudo que ameaça os valores morais.

Sendo assim, conceitos como pânico moral (MISKOLCI & CAMPANA, 2017), que são potencializados pelas redes sociais e novas tecnologias, acabam sendo utilizados para mobilizar a sociedade no alinhamento a uma direita conservadora em concordância a valores antiprogressistas. Os discursos têm, normalmente, um viés religioso conservador e giram em torno de supostas ameaças a determinada ordem social, neste caso específico observado na pesquisa, a ameaça à família.

Vale lembrarmos a importância deste elo que a família representa com o reforço da religião, que preserva a estrutura indissolúvel capaz de domesticar os corpos femininos e manter o modelo patriarcal de organização familiar (SOUZA, 2009, pg. 27). A disseminação deste discurso pode ser observada como um processo contínuo da vida do país e geralmente é realizada por celebridades midiáticas alçadas ao patamar de autoridades, com crédito de sobra perante o público evangélico. Contudo, esta condição não é restrita a contemporaneidade porque a igreja católica desde a formação da sociedade brasileira interfere e molda o estilo de vida e controla as mulheres, seja pela repressão sexual, pela limitação ao acesso à educação ou o que diz respeito ao controle da reprodução, que limita o acesso ao aborto, por exemplo (DEL PRIORI, 2009).

Podemos afirmar que mais uma vez estamos observando sob o espectro evangélico uma junção de fatores capaz de romper as barreiras das comunidades religiosas. Ganha espaço político através da retórica do terror que prega a moralidade religiosa conservadora sobre os corpos das mulheres, rejeita seus direitos sexuais e reprodutivos, nega o combate à violência de gênero e, sobretudo, representa uma grande ameaça a tudo que contradiga o modelo tradicional de família¹²⁸. Como defende Freston (2006), há três modelos de atuação política evangélica, o institucional, o autogerado e o comunitário, que permite uma atuação mais ética e responsável, sem comprometer a credibilidade da igreja ou da fé cristã. O modelo institucional pode gerar problemas de confiabilidade à medida que a igreja se envolve institucionalmente com a política na tentativa de defender seus interesses e fica a mercê das contingências do mundo político. Por sua vez, o modelo autogerado ocorre quando um político apela ao voto dos evangélicos e depois de eleito pode não atender as expectativas de seus eleitores.

¹²⁸ Disponível em: [*livro religiao e politica 27 03.pdf](#) Acesso em 19 de nov. 2024.

Importante também problematizar o papel das mulheres evangélicas neste cenário complexo para que não sirvam como uma espécie de bode expiatório da análise acerca do discurso conservador, uma vez que suas posições estão muito mais próximas ao de pessoas oprimidas agindo como vetores da opressão (FREIRE, 2019) do que responsáveis primordiais pela manutenção dos papéis sociais.

Podemos avaliar o que a Pastora Graça fala sobre a família como uma ilustração de alguns entendimentos das mulheres sobre determinadas condições que cancelam a dissolução do casamento e, portanto, da família no ambiente evangélico sempre dotada de resiliência e imbuída no firme propósito de resolver as questões adversas do casamento em nome de Deus:

Eu acredito que a família é um projeto de Deus. Então, casamo-nos, mas descobrimos que temos incompatibilidade de gênios. A gente é muito diferente, a gente não se entende. Vamos aprender a lidar. Existem vários meios de você aprender a conviver com uma pessoa. Se em algum momento você se casou com aquela pessoa, você tem que aprender a lidar com essa pessoa. (Pastora Graça)

“A infidelidade conjugal dentro dessa caixinha chamada desrespeito”

Todas as entrevistadas desaprovam e reputam a infidelidade conjugal como um problema grave no casamento. Em uma sociedade misógina e machista o número de traições conjugais tende a ser maior entre os homens, assim como a tendência de perdão em maior número de ocorrências está entre as mulheres¹²⁹. Contudo, o aplicativo *Gleeden*, que chegou ao país em 2021, criado para encontros discretos e pensado especialmente para mulheres, realizou uma pesquisa sobre infidelidade e apurou que sete em cada 10 brasileiros consideram que é possível amar e ser infiel¹³⁰. O Brasil é o país líder em usuárias na América Latina. Uma das líderes evangélicas entrevistadas deu o seguinte depoimento:

Eu coloco a infidelidade conjugal dentro dessa caixinha chamada desrespeito. Eu posso falar de mim. Eu nunca vivi uma situação... Eu acho que a gente pode evitar... Eu não posso impedir uma ave de pousar na minha cabeça. Mas eu posso impedir essa ave de fazer um ninho. Então, a partir do momento que você percebe que você está se envolvendo com uma outra pessoa... Eu não vejo... Eu não acho justo que essa terceira pessoa não saiba desse envolvimento. Entendeu? Eu acho que é um risco que quem quer se envolver tem que assumir. Então, se eu tenho a pretensão, estou curtindo um

¹²⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/viveu-uma-traicao-psicologa-explica-tipos-consequencias-e-se-homem-ou-mulher-trai-mais/> Acesso em 06 de nov. 2024.

¹³⁰ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2022/06/30/interna_bem_viver,1376856/pesquisa-revela-que-brasil-e-o-pais-mais-infiel-da-america-latina.shtml Acesso em 06 de nov. 2024.

lance com uma outra pessoa e sou casada e o meu marido não sabe... Eu não sei se... Eu nunca passei por isso, tá? Mas, eu não sei se eu não falaria. (Pastora Betânia)

Durante as entrevistas as posições das lideranças foram muito similares no quesito desaprovação da traição no casamento. Todas as mulheres afirmaram que a infidelidade é uma questão que exige enfrentamento e apontaram caminhos para contornar o problema, sempre via diálogo e negociação entre o casal, sempre esgotando as possibilidades na tentativa da reconciliação antes da decisão pela separação.

No noticiário cotidiano não é raro encontrar o tema de casos de traição entre pessoas famosas, inclusive, quando as parceiras estão gestantes como foi o caso do jogador de futebol Neymar JR, que traiu a esposa grávida e da cantora Iza, que foi traída pelo parceiro também durante sua gravidez, ambos os casais se reconciliaram depois das traições. Algumas pesquisas apontam que 1 em cada 10 futuros pais traem suas companheiras¹³¹. Além disso, estudos apontam que estes acontecimentos podem deixar sequelas mentais nas pessoas que sofrem a traição¹³². As pastoras entrevistadas algumas vezes aconselham os fiéis a romperem o casamento no caso de traição:

Se uma das partes não aceitar a continuação, não suportar a continuação após uma traição, eu vou aconselhar o rompimento. Porque eu entendo que, no casamento, o casal deve estar feliz. Não consigo ver um casamento onde um é melhor que o outro ou onde um deve estar feliz e o outro deve estar meio que feliz ou meio incomodado. Eu não consigo ver um casamento dessa maneira. Se é uma só carne, tem que haver um só pensamento. Tem que haver alegria mútua, sabe? A fidelidade mútua. Então, eu vou aconselhar o rompimento. (Pastora Nara)

Nas respostas, encontramos ainda estímulo ao diálogo e ênfase na tentativa de reconciliação. Em uma das respostas, a Pastora Graça que é também formada em psicologia, afirma que o adultério é fruto de uma falta de caráter, mas que a questão central para o afastamento do casal seria a falta de diálogo. Esta resposta é especialmente interessante na pesquisa porque não considera diretamente o aspecto religioso.

Eu acho que tudo se resolve com conversa. Eu sou formada em psicologia também. Então, eu entendo que muitas vezes o casal se afasta, por incompatibilidades, pela falta de diálogo, por outros motivos. Mas eu acho que tudo acaba se direcionando pela falta de diálogo mesmo do casal. Então, assim, eu não acredito no adultério. Eu acho que é falta de caráter também. Mas é mais sobre isso. É sobre a falta de diálogo ali do

¹³¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/noticia/2024/07/13/caso-iza-1-em-cada-10-homens-trai-durante-a-gravidez-mostra-estudo-entenda.ghtml> Acesso em 07 de nov. 2024.

¹³² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/traicao-pode-gerar-impactos-negativos-para-a-saude-mental-psicologa-explica/> Acesso em 07 de nov. 2024.

casal que desistiu. É um casal que desistiu para mim, sabe? Que desistiu de tentar, e por isso um deles partiu para o adultério. Eu realmente não acredito, e sou a favor da conversa, do entendimento, de se resgatar, do resgate do casal. (Pastora Graça)

Uma das respostas enfatizou o papel do perdão que é inclusive um mandamento bíblico e um conceito central da religião porque demonstra o amor e a misericórdia divinos. Sendo o maior exemplo de perdão o de Jesus Cristo àqueles que o crucificaram e o que é clamado a Deus “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Então, infidelidade conjugal, eu chamo, quando chega para mim, eu converso. Pergunto o que está acontecendo, por que houve. E se de ambas as partes têm como acontecer um conserto ali. Por quê? Porque ninguém merece uma traição. Mas tem aí também, dentro do contexto, uma história do casamento, uma trajetória. E dentro dessa trajetória tem a família. E às vezes nesse contexto que aconteceu essa aventura, foi porque ele distraiu a mente ou ela, ou por um momento foi aquela coisa dentro de casa que o marido humilhou, não dá carinho, não fala uma palavra bonita para ela ou para ele, e lá fora ouviu e se encantou. Mas e aconteceu? E se há possibilidade de um perdão, é entre eles. Entendeu? Se não tem como ajustar, aí resolvo a questão lá na justiça. A parte espiritual, sempre eu vou dar um conselho, eu vou fazer mais de um, dois, três, quatro, cinco gabinetes. Mas se não der, aí não é comigo. Mas sempre dá certo, entendeu? Sempre dá certo. Sempre as coisas se encaminham para o lado de Deus e é o perdão. E eu tenho vários casos que foram resolvidos com perdão. (Pastora Cássia)

A relação monogâmica é um parâmetro de comportamento que preza pela exclusividade conjugal¹³³. Normativa na religião evangélica, é inclusive um mandamento divino, conforme a Bíblia, em I Coríntios 7: “Seu corpo não pertence a ti, mas ao seu marido”. A adoção da monogamia está diretamente relacionada com as moralidades impostas pelas religiões cristãs, assim como permeia um histórico ocidental das civilizações. Mas sem entrar neste mérito e com um foco mais específico na dominação masculina e subjugação das mulheres, um elemento da pesquisa demanda análise porque se deu justamente com uma fiel que está traindo o marido e tem se aconselhado no pastoreio sobre a questão, conforme relata uma das entrevistadas.

Embora em uma avaliação baseada na lógica exista uma tendência em atribuir as traições no casamento aos homens em função do machismo que oprime as mulheres socialmente, as pesquisas comprovam que infidelidade não tem gênero¹³⁴. Foi especialmente ilustrativo, portanto, encontrar este relato na pesquisa de campo porque demonstra que há

¹³³ Disponível em: https://www.faje.edu.br/simposio2013/textos/doutores/renata_almeida.pdf Acesso em 01 de nov. 2024.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2024/07/22/o-que-a-ciencia-diz-sobre-traicao-e-fidelidade.htm#:~:text=Trai%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20tem%20g%C3%AAnero,j%C3%A1%20tra%C3%ADram%20o%20parceiro%20atual> Acesso em 10 de nov. 2024

complexidade no campo investigado e reforça o papel da igreja na vida das mulheres como elemento de amparo e suporte de suas existências na sociedade. Importante situar a sexualidade no campo do hedonismo em contraponto com as regras e normas religiosas. Esta dualidade complexa é apresentada no estudo que demonstra a busca dos evangélicos pelo equilíbrio entre a adesão aos valores religiosos e o prazer pessoal, assim como a tentativa de lidar com estas tensões (Natividade e Gomes, 2006). O relato da pastora Nara sobre o caso de adultério cometido por uma fiel da sua denominação é, portanto, bastante ilustrativo desta dinâmica.

Se eu não me engano, já deve ter uns três anos que ela falou que está com essa relação extraconjugal e não consegue sair. Mas como é que é esse relacionamento do esposo com ela em casa? Por que ela está nesse outro relacionamento? Qual é o motivo? Não tem motivo. Entendeu? Ela diz que não tem motivo, que o marido trata super bem, que não falta nada, e a gente não consegue entender o porquê desse outro relacionamento. Ela não consegue sair, ela não consegue largar, vamos dizer assim. (Pastora Nara)

Este dado evidenciado na pesquisa de campo reforça o papel da igreja como lugar de acolhimento e amparo para as mulheres porque a busca da benção e da proteção divinas se sobrepõem, em determinadas vezes, aos valores moralizantes ditados como exemplares ao comportamento das fiéis. Neste sentido, a premissa feminista de igualdade de gênero nos apresenta, em conjunto com ideias religiosas retrabalhadas, a possibilidade de avaliar as relações ambíguas e contraditórias próprias deste espaço social complexo que é a religião (ROSADO, 2001, p.87).

A religião se apresenta como prisão ou benção, uma vez que as estruturas religiosas podem tanto empoderar quanto restringir mulheres. A ordenação das pastoras evangélicas seria capaz de ressignificar o papel das mulheres dentro da igreja ou este fato seria capaz de promover uma reverberação social em termos de delegação de poder destas mulheres perante suas famílias e respectivos grupos sociais? Aqui também nos interessa observar os sentidos e significados mobilizados nesta dinâmica e, sobretudo, as mudanças, mesmo aquelas sutis, que ocorrem sejam para transformar, sejam para manter estruturas de dominação.

“Ele é meu marido, mas é minha ovelha”

Os papéis sociais desempenhados dentro e fora de casa pelas mulheres entrevistadas demonstram a necessidade de empenho e dedicação tanto nos cuidados com a residência e responsabilidades com a família, quanto na execução das atividades de liderança religiosa evangélica. A manifestação da pastora sobre a relação com seu cônjuge no que tange sua posição como líder na igreja serve para ilustrar que esta ocupação do espaço do poder tem

relevância na dinâmica do casal. Não se passando como algo trivial, mas sim como um acontecimento que enfrentou um processo até ser de algum modo pacificado:

E meu esposo, hoje, ele é o meu fã, **ele é meu marido, mas é minha ovelha**, senta-se na cadeirinha, fica lá me olhando, diz que quando eu não estou lá o culto não é a mesma coisa, porque ele se tornou fã, né? Mas foi difícil chegar a fã, foi bravo. É isso. (Pastora Cássia)

Pensar sobre as relações de poder e em que medida as lideranças religiosas mulheres são relevantes na questão de gênero dentro do campo religioso requer mobilizar conceitos como a teoria estruturalista, cunhada por Giddens, que serve como ferramenta de análise e compreensão da ordenação de mulheres pastoras. O que representa ao mesmo tempo uma conquista e um desafio, uma vez que as estruturas sociais e religiosas influenciam a prática, mas também são desafiadas e transformadas por estas mulheres promovendo mais igualdade e inclusão feminina na igreja evangélica (GIDDENS, 2003).

Outro conceito relevante para o entendimento desta dinâmica é o feminismo cristão que faz parte da Teologia Feminista. Nele a reivindicação da igualdade de gênero em uma estrutura hierárquica patriarcal é um desafio à lógica religiosa evangélica. Como uma das teologias de libertação, representa uma leitura do texto bíblico que considere a disposição baseada no patriarcado e que contextualize no machismo as passagens da Bíblia. Nesta leitura, Deus é pai e mãe e não há distinção sobre os dons e ministérios doados por Deus a qualquer pessoa, de forma independente de ser um homem ou uma mulher.

Assim, a interpretação bíblica não pode ser utilizada para justificar a exclusão das mulheres dos espaços de poder, neste caso, o ministério pastoral. As pastoras podem ser interpretadas como agentes de mudança ao desafiar estruturas e promoverem a justiça de gênero, mas também podem reforçar, com base na sua relevância de influência como líderes, limitações e opressões às mulheres ditadas pela religião.

A Teologia Feminista faz parte de uma revolução que está em seus primeiros passos e a quantidade de problemas que as mulheres enfrentam sob o campo religioso demanda um feminismo religioso também plural. As justificações bíblicas são sempre de homens sobre mulheres, dizendo o que elas devem pensar, definindo o que elas podem ser ou não, os homens

representam o universal e as mulheres são incluídas neste universo, por muito tempo se sujeitando a serem subalternizadas, como explica Ivone Gebara¹³⁵.

A liderança religiosa entrevistada apresenta em sua fala a clareza com a qual a sua família entende o seu papel de pastora evangélica. Evidencia como foi a responsável em conduzir tanto o marido quanto os filhos a acompanharem, desde pequenos, a sua trajetória e começarem a frequentar a igreja. Esta atitude da pastora corrobora com aquilo que é apresentado pela literatura, que demonstra a importância de inserção do marido e os filhos na igreja sob o ponto de vista da prosperidade familiar e do bom convívio do casal. Principalmente quando pensamos nas mulheres de classes sociais mais desfavorecidas, levar para igreja pode representar o afastamento dos filhos dos riscos relacionados ao consumo ou comércio de drogas, por exemplo. Do ponto de vista do cônjuge, pode ser um afastamento de eventuais relacionamentos extraconjugais, do uso de álcool ou outras drogas e cabe pontuar o estímulo à leitura para que acompanhem a Bíblia no culto promovendo assim, em certa medida, um letramento ¹³⁶:

Meus filhos foram ensinados desde pequenos, que eu tenho esse tempo na igreja. A minha filha foi com 5 anos, o menino tinha 8 anos já ia comigo. E o meu esposo, demorou um pouco, foi também. Eu defino que a minha família, junto comigo, eles são braços, né? Me dão um suporte. Meu filho, ele hoje mora longe. Já não dá aquele suporte, mas em todo o tempo esteve perto. Eu penso até que, no tempo oportuno de Deus, foi bom ele estar ali, porque ele tinha que seguir a vida dele, e eu tenho esse olhar também. A partir do momento que o filho, a filha casa e quer ter sua vida, eu não obrigo seguir comigo. Eles continuam na jornada cristã, mas não junto comigo. Só a minha filha que vai. Agora está de resguardo, não está indo, mas é muito legal. (Pastora Cássia)

É importante reiterarmos a heterogeneidade dos evangélicos, sua diversidade e, sobretudo, a grande variedade de denominações no país, além do crescimento acelerado. São muitas propostas e nomes distintos entre as denominações, que em comum têm apenas o mesmo livro, a Bíblia. No ano de 2019 foram abertos 17 templos por dia no Brasil¹³⁷. Esta acelerada

¹³⁵ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/teologia-feminismo-e-filosofia/>. Acesso em 16 de dez. 2024.

¹³⁶ Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/619582-evangelicos-no-brasil-a-difusa-e-complexa-teia-de-uma-religiosidade-estereotipada-entrevista-especial-com-juliano-spyer>. Acesso 16 de dez. 2024.

¹³⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/07/15/por-que-existem-tantas-igrejas-evangelicas.htm>. Acesso em 16 de dez. 2024.

abertura de igrejas se dá pela facilidade em termos burocráticos e pela isenção fiscal o que já faz com que no Brasil se contabilize mais igrejas que hospitais e escolas juntos ¹³⁸.

“Ele precisa ser o provedor financeiro?”

Uma questão aparece de maneira recorrente na fala das pastoras entrevistadas: o papel do homem como provedor financeiro e as responsabilidades das mulheres com os cuidados domésticos. Esta divisão de funções entre homens e mulheres é algo muitas vezes normalizado em um contexto familiar que reproduz uma dinâmica com muitas possibilidades de análise sobre a relação entre gênero, trabalho e patriarcado.

Nesse sentido, podemos afirmar que o patriarcado está interligado ao capitalismo e ao salário, assim como o trabalho doméstico não remunerado das mulheres é essencial para reprodução da força de trabalho (FEDERICI, 2017). Em todo o mundo as mulheres enfrentam maior dificuldade no que se relaciona ao seu tempo de vida e atividades laborativas, seja no que se refere a remuneração, seja sob o aspecto da empregabilidade¹³⁹.

Os dados estatísticos comprovam que a sobrecarga de trabalho feminino acontece em escala mundial e diz respeito às responsabilidades laborais remuneradas e não remuneradas que recaem sobre as mulheres de maneira desproporcional¹⁴⁰. Este descompasso entre gêneros no que se refere a carga de trabalho causa exaustão e estresse impactando a saúde mental e física das mulheres, além de diminuir a qualidade de vida e limitar as possibilidades de evoluir profissionalmente, o que retroalimenta uma dependência financeira e limita a autonomia das mulheres.

No entanto, cabe pontuar uma evolução na capacitação e oferta das oportunidades profissionais às mulheres, que hoje ocupam posições de destaque em diversas áreas mesmo com o enfrentamento da múltipla jornada em função dos trabalhos atribuídos a elas. Esta mulher

¹³⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/02/15/quem-pode-abrir-uma-igreja.htm>. Acesso em 22 de fev.2025.

¹³⁹ Disponível em <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/diferen%C3%A7as-de-g%C3%AAnero-no-emprego-s%C3%A3o-maiores-do-que-se-pensava-segundo> Acesso em 20 de nov. 2024.

¹⁴⁰ Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=Enquanto%2091%2C3%25%20das%20mulheres,entre%20os%20homens%20em%202022.> Acesso em 20 de nov. 2024.

que tem responsabilidade no funcionamento da casa e nos cuidados familiares, tem as tarefas fora de casa e na igreja, o que se torna uma inegável sobrecarga.

Desta forma, as perspectivas para uma mudança de cenário com menor opressão às mulheres no âmbito laboral passa por políticas que garantam igualdade salarial, compartilhamento de licença parental, distribuição equitativa de responsabilidades domésticas e, principalmente, educação e conscientização sobre divisão sexual do trabalho¹⁴¹. Uma das entrevistadas, a Pastora Graça, questiona o papel do marido como provedor financeiro da família e chega a sugerir que a função do companheiro deveria ser a de gerir as finanças e suprir a parte emocional.

Importante destacar que embora a Pastora Graça deixe claro em sua fala que o marido não precisa ser o responsável pelo orçamento familiar, é ele quem define a agenda do casal e a quantos eventos a liderança pode ir durante o mês, já que ele a acompanha em todas as atividades da igreja, em uma evidente dinâmica de dominação de gênero e cerceamento de autonomia. No entanto, estudos com lideranças evangélicas (SILVA, 2010, pg. 61) demonstram que existe, sim, uma releitura de passagens bíblicas reposicionando o papel da mulher e abrandando o protagonismo masculino, as vezes com interpretações não necessariamente religiosas. Nesse sentido, a Pastora Graça elabora um questionamento com base no trecho bíblico no qual o Apóstolo Paulo oferece uma justificativa à submissão das mulheres.

Quando a gente diz assim, né, o marido ele é a cabeça, né, o que é ele ser a cabeça? É ele ser o provedor. Ele é o provedor financeiro, **ele precisa ser o provedor financeiro?** Hoje nós vivemos em uma realidade onde mulheres e homens, ainda que sejam muito diferentes, né, na sociedade, eu te digo assim, no trabalho e tudo mais, as mulheres elas têm crescido cada vez mais dentro dessas áreas, né? Então, tem mulheres que acabam se destacando um pouco mais profissionalmente até do que o homem. Então, eu não vejo mais o homem como o cabeça, o provedor da casa, tendo aquela tempestade, aquela responsabilidade dessa forma. Eu vejo que ele precisa ser o provedor emocional, o provedor afetivo, sabe? A paz dentro da casa, aquele que vai direcionar. Ele não necessariamente precisa ganhar o maior salário, mas ele precisa administrar o salário, entende? A casa, ele precisa ter ali as finanças, sabe? Então eu entendo o homem como a cabeça da mulher dessa forma, sabe? Ele sendo o provedor emocional, espiritual, tudo. Eu vou te dar um exemplo dentro da minha casa, tá? Dentro da minha casa, foi o que eu falei pra você, eu sou a líder do distrito. O meu marido, ele não é, por quê? Porque ele trabalha, ele não tem tanto jeito pra falar com as pessoas, assim, não é formado em psicologia também. Eu tenho ali as minhas formações, o meu jeito de falar com as pessoas, eu tenho, eu tô dentro da igreja, assim, desde que eu entrei, eu já fui inserida pra cuidar de pessoas, pra tratar pessoas, e foi o que eu disse pra você, o meu marido, ele é o pastor da minha casa, né? Ele organiza a minha casa, assim, temos tantos eventos esse mês, vem, esse a gente dá pra fazer, esse

¹⁴¹ Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf Acesso em 20 de nov. 2024.

a gente dá pra fazer, esse a gente dá pra fazer, esse aqui não dá, não se comprometa. Entende? Que eu só vou com o meu marido, ele vai comigo, tá? Se ele marcar lá que nós podemos nos comprometer a 10 compromissos, ele vai comigo aos 10. Mas eu não me comprometo a 11, por quê? Porque eu sei que 11 eu não posso, porque o meu marido disse que eu posso 10. A 10 ele vai comigo. Entende como ele é o cabeça? Por mais que ele, de repente, não vá dar a palavra, ele vai comigo a todos. Ele participa comigo de retiros, ele participa comigo, quando eu sirvo na igreja eu participo de todos. Mas eu só vou àqueles que ele diz, olha, esse mês nós podemos a tantos. Ok, esse mês nós podemos a tantos, nós vamos a tantos, tá tudo bem. Mesmo que eu tenha o desejo de ir a todos. Eu respeito. Ele falou, ok, nós vamos a tantos. Faz parte da sabedoria da mulher também, né? (Pastora Graça)

Um ponto que chama atenção na fala da pastora é que ela destaca a sua formação em psicologia o que em boa medida a credencia a assumir o papel de pastora, e que esta tarefa não veio como um “chamado de Deus”, mas como resultado de uma série de atributos que ela reúne para a função. Importante mencionar que as interpretações bíblicas para as lideranças entrevistadas, algumas vezes demonstram um posicionamento muito claro de não sujeição à submissão masculina em totalidade, como podemos ver na resposta da Pastora Magnólia:

Então, eu costumo dizer que o marido é o cabeça e a mulher é o pescoço. Porque assim, a gente que é mulher, a gente também segura essa relação. E quando a gente vê que o marido é o cabeça, não é com relação a essa questão de ser totalmente submissa, que muitas mulheres falam, ah, é o cabeça, mas eu não tenho que ser submissa. Jesus é o cabeça da igreja, e a gente precisa estar sempre reputando, orando e pedindo para que ele venha nos responder, para que ele venha ouvir as nossas orações. E com o nosso marido, a gente precisa estar sempre conversando sobre diversas situações que acontecem. (Pastora Magnólia)

Contudo, vale ressaltar que as pastoras entrevistadas manifestam total alinhamento aos preceitos bíblicos e se tornam imbuídas de reproduzir em seus lares os ensinamentos do Evangelho, que na fala da Pastora Nara assume um lugar de libertação e a responsabilidade por amenizar demandas emocionais:

Quem foi Cristo? Quem foi Cristo para a igreja? Ele foi aquele que veio para libertar. Apesar de as religiões hoje agirem de forma diferente, mas o que realmente Cristo veio fazer foi libertar. O Evangelho, ele liberta. Ele não prende ninguém. Quem prende o outro é o homem. É o homem, é a cultura. Isso é que prende o outro. Jesus, não. Jesus veio para trazer libertação. Quando ele encontrou a mulher no poço, foi para libertar ela das suas demandas emocionais, das suas necessidades emocionais. Eu entendo um Jesus que veio para tirar o jugo, como ele mesmo diz isso. O meu jugo é suave, o meu fardo é leve. Eu vejo um Jesus que veio para proteger, que veio para cuidar e que amou a ponto de dar a própria vida. Então, quando Paulo diz para as mulheres de Éfeso, para os homens de Éfeso, que eles deveriam amar suas esposas como Cristo amou a igreja, e que as mulheres deveriam tratar seus esposos e respeitar seus esposos como cabeça, eu entendo que ele precisa ser esse papel de Cristo para receber esse respeito e ele precisa conquistar esse lugar de cabeça para receber essa honra. (Pastora Nara)

Esta condição de acolhimento pela fé cristã citada pela pastora Nara é muito relevante para contribuir com o entendimento da adesão intensa de mulheres à religião. Como, muitas vezes, a busca por uma teodiceia leva as mulheres às igrejas para se fortalecer mediante diversas situações e desafios, múltiplos deles relacionados a opressão de gênero (SOUZA & LEMOS, 2009. p.19).

Nessa perspectiva, podemos mencionar dois fatores que aparecem reiteradamente ao longo da pesquisa de campo, as dependências emocional e financeira das mulheres como elementos do pano de fundo para situação de subalternização¹⁴². Estas dependências, em determinados tipos de relação, podem contribuir para situações em que as mulheres se tornem vítimas. Estudos apontam que há uma relação muito íntima entre a dependência financeira e os casos de violência doméstica contra mulheres¹⁴³. No que concerne a possibilidade de denúncia, a condição de dependência anula a tomada de decisão de muitas vítimas¹⁴⁴.

Dada a complexidade da temática, quando um caso de violência doméstica acontece no âmbito da religião evangélica, quase nunca há um estímulo imediato ao divórcio e sim a tentativa de apaziguamento, manutenção do casamento, o que é lido como promoção de subordinação, observado na fala da pastora Graça “É um casal que desistiu para mim, sabe? Que desistiu de tentar, e por isso um deles partiu para o adultério”. Esta lógica de tentar de tudo antes de optar pela separação faz sentido para a perspectiva das mulheres de classe média e alta, que possuem formação técnica, bons níveis de escolaridade ou profissão consolidada, que garantam uma independência financeira.

No entanto, se pensarmos que mulheres pobres estão muito mais expostas aos riscos inerentes aos locais onde vivem, a conversão e a possibilidade de levar o companheiro para igreja pode ser uma saída oferecida pela religião, que vai acolher este casal em outra dinâmica social na busca por prosperidade familiar, orientada por regramentos que impeçam uso abusivo de álcool e outras drogas e favoreçam uma maior organização da vida familiar (MACHADO & BARROS, 2009).

Contudo, a literatura aponta uma dificuldade de o homem aderir a fé porque na cultura brasileira eles ocupam o lugar da liberdade, que é a rua e não a igreja, mas em certa medida esta resistência pode representar também um peso em ser homem, uma vez que nossa sociedade é

¹⁴² Disponível em: <https://gedes-unesp.org/subalternidades/>. Acesso em 20 de nov. 2024.

¹⁴³ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/ppp/article/view/1463>. Acesso em 21 de fev. 2025.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/1463> Acesso em 20 de nov. 2024.

marcada pela ideia do homem como provedor. Ocorre que muitas vezes além de provedor financeiro este homem é também responsável pela violência.

Principalmente, mas não apenas, nas religiões pentecostais há uma orientação a fortalecer nos homens atributos como humildade, docilidade e bondade, associados de forma histórica ao gênero feminino. Assim, podemos afirmar que, dependendo do tipo de recorte, os homens podem também encontrar alívio na religião caso sintam-se oprimidos pelos papéis sociais que desempenham¹⁴⁵.

Esta dinâmica comprova a amplitude do que estamos tratando nesta dissertação quando colocamos o foco no evangelismo, que comporta uma heterogeneidade gigantesca, inclusive no aspecto ideológico. Todavia, há uma visível associação entre evangélicos e católicos no que se refere ao combate de pautas progressistas no campo político apesar das também existentes tensões entre estes dois grupos. O que demonstra que a política religiosa não é homogênea, mas mutável e estratégica (MACHADO, 2012).

“A gente vai continuar enxugando o gelo”

A realidade da fiel evangélica, em sua maioria, é fazendo valer a sua crença religiosa em pequenas igrejas de até 200 membros, são mulheres negras, trabalhadoras e que vivem com renda de até três salários-mínimos¹⁴⁶. Um contexto repleto de desafios impostos pela desigualdade social e de gênero. Nesta condição a violência é uma constante assim como a necessidade de superação diária visando a própria sobrevivência e, muitas vezes, a manutenção dos seus dependentes.

Para além dos discursos oficiais, os encaminhamentos e os relatos de casos emblemáticos são um item de suma relevância porque apresentam meandros que geralmente não são explorados nas análises realizadas sobre a temática da violência doméstica e do feminicídio. Embora a construção social acerca do amor romântico seja baseada nas hierarquias de gênero em uma

¹⁴⁵ Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/moralizacao-e-manutencao-privilegios-movem-lideres-evangelicos-na-politica-diz-nina-rosas>. Acesso em 16 de dez. 2024.

¹⁴⁶ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/07/mulheres-negras-sao-maioria-nas-igrejas-evangelicas-paulistanas-aponta-pesquisa-datafolha.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em 19 de fev.2025.

dinâmica onde a mulher se entrega e o homem a possui (SOUZA, 2009, p.65), os relatos sobre casos de violência doméstica da pesquisa seguiram uma espécie de padrão de entendimento das líderes de que a questão é grave, vai além do tipo físico e requer encaminhamento criminal. Na pesquisa, podemos observar como ocorrem os encaminhamentos de casos através das respostas da Pastora Nara “Quando chega para mim isso eu penso pra não ir à delegacia comum, porque tem covardia. Eu falo, vai para a delegacia da mulher e de lá você vai ser encaminhada pra resolver essa questão”, e da Pastora Betânia “Essas mulheres chegam com relato de seus relacionamentos anteriores (ex-namorados, ex-maridos). Num primeiro momento tenho uma escuta empática, e encaminho para um profissional tecnicamente habilitado”.

O problema do machismo como pano de fundo foi mencionado, assim como a relevância do papel da igreja como primeiro apoio para estas mulheres. Conforme apresenta a liderança Cássia abaixo, que não deixa de orientar a mulher a pedir ajuda, mas deixa clara a sua observação da violência doméstica, que muitas vezes é direcionada para providência divina por outras pastoras.

E aí eu vejo que muitas mulheres, hoje elas têm a força de falar, de se expressar um sofrimento naquilo que vivem. Mas eu prezo o núcleo familiar, marido, mulher, filhos, eu prezo, eu ajudo naquilo que é espiritual, sabe? E digo mais a você, quando há violência, eu sou a primeira pessoa a mandar ir para a delegacia. Eu sou a primeira pessoa a dizer, se está hoje batendo, amanhã vai matar. Tem um ciclo aí. Hoje bate, amanhã tem uma lua de mel, tem um carinho, daqui a pouco bate de novo, daqui a pouco enfia uma faca. Então vai para a delegacia, se resolve lá. Aqui a gente vai orar, vai aconselhar, mas lá é o lugar onde você vai resolver essa causa. Entendeu? Porque eu vejo que lá no bairro onde moro, os pastores, as lideranças lá, principalmente os homens, ou então aquelas pastoras que são, elas entendem submissão a marido como se estivessem debaixo do perigo. Então elas mandam as irmãs das igrejas delas lá orar. Vai orar e Jesus vai dar vitória. Só que não funciona assim. No campo espiritual, você, não sei o seu credo religioso, mas eu acredito que você tem temor. Deus só faz o que é impossível. Aquilo que é possível, faça você. (Pastora Cássia)

Uma das formas de combate à questão é através da conscientização das pessoas. Falar sobre o problema, os tipos, causas e consequências se apresenta como um caminho para mudança de comportamento. No entanto, a forma mais efetiva de combate a violência doméstica contra mulheres, em média e longa escala de tempo, é através da abordagem educacional de jovens e crianças tendo em vista as questões estruturais da sociedade, como exemplo as que se referem ao machismo e ao patriarcado.

Nessa mesma linha, a reflexão da Pastora Nara reforça a necessidade da educação como forma de combate à violência doméstica contra mulheres porque o problema precisa ser olhado

de uma perspectiva mais ampla e não apenas sob o momento atual. Especialmente, se o objetivo é promover uma mudança social mais efetiva a partir da desconstrução de discursos que utilizam a Bíblia, a fé e o nome de Deus para perpetuar as condições de subalternização na sociedade.

O que eu observo hoje na sociedade é que se fala muito em violência doméstica, é se falado muito de projetos educativos no sentido de orientar tanto mulheres quanto homens sobre o que está acontecendo, mas eu vejo a falta dessa educação na criança. Esse homem, ele não se tornou violento da noite para o dia. Esse homem, ele não entende que ele tem a mulher como posse da noite para o dia. Esse homem, ele não entende que ele pode fazer com essa mulher o que quer da noite para o dia. Isso teve um início. Alguma coisa faltou ou alguma coisa errada foi acrescentada lá na criação, lá na formação do caráter dessa criança, desse homem. Então, o que eu vejo hoje é que se fala muito do agora, só que você não educa um adulto agora, você educa a criança para amanhã. Então, eu vejo que hoje a sociedade não se despertar para já desde o momento infantil, da criação, da formação psicológica, emocional, do caráter, da personalidade dessa criança. Se não for trabalhado isso, **a gente vai continuar enxugando o gelo.** (Pastora Nara)

As iniciativas de enfrentamento da violência doméstica, geralmente, buscam a desconstrução do machismo e o envolvimento dos homens no processo, uma vez que já existe o entendimento, principalmente no âmbito jurídico, de que apenas as medidas protetivas e punitivas não são suficientes para combater o problema que demanda uma abordagem educacional¹⁴⁷.

Nas palavras da pastora Nara encontramos muitos elementos interessantes para análise porque mesmo sem mencionar opressão de gênero ela pontua a necessidade de lutar contra as adversidades que a vida impõe. Todo depoimento foi muito profundo e genuíno, dava para entender a empatia e até mesmo certo grau de sororidade da pastora, que deixou clara a importância de um incentivo de resistência às mulheres.

A sororidade é um pacto. A palavra, que foi de modo relativamente recente incorporada ao vocabulário das mulheres que lutam pela igualdade de gênero e aos principais dicionários de língua portuguesa teve sua origem no contexto religioso (FERNANDES, 2021). Podemos entender no ambiente contemporâneo a sororidade como um compromisso político de gênero entre mulheres, portanto, social, ético e emocional. Algo de muita relevância porque permite que se fortaleçam, busquem mais representatividade para suas necessidades e denunciem as violências que sofrem para evitar a continuidade do sofrimento com outras mulheres.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/justica-usa-educacao-para-reduzir-machismo-e-violencia-domestica/>. Acesso em 21 de fev. 2025.

Eu, na minha caminhada, o que eu mais venho lutando é eu vou me superando. Eu vou buscando, assim, dentro das minhas limitações, me superar e dizer assim, ah, eu vou conseguir. Ah, isso aqui é difícil, mas eu vou passar. Eu vou vencer. Entende? Então, é isso. As mulheres precisam ter esse toque na vida delas. E despertar. E existe um amanhã que vai conseguir, que consegue vencer, sim. Porque a vida é muito cruel para a gente. Especialmente a gente mulher, né? Se a gente colocar em foco aquilo que a gente almeja, a gente consegue. (Pastora Nara)

A fala da pastora Nara é um convite à luta pela igualdade de gênero. Dotada de consciência acerca da discrepância encontrada hoje na sociedade no que se refere a oportunidades para mulheres. A falta de políticas públicas nesta mudança de cenário é inegável. Um fato que nos afasta de uma perspectiva de melhora neste sentido, simplesmente porque não há participação das mulheres na tomada de decisões, é que o Brasil figura como um dos piores do mundo em representatividade política feminina, entre os países signatários da ONU¹⁴⁸. Uma série de barreiras podem ser citadas para este quadro de falta de liderança política das mulheres como limitação de acesso a recursos e redes políticas, resistência dos partidos, mas o que está em jogo nesta análise da dissertação é a limitação pelas normas sociais que prejudicam as mulheres e os estereótipos de gênero, que geram a violência e o assédio às mulheres também na política. A violência política de gênero, embora seja considerada crime desde 2021, continua afastando as mulheres dos espaços decisórios¹⁴⁹. Contudo, cabe um pensamento. Como podemos questionar a dominação se ela não é percebida como tal pelos sujeitos dominados?

¹⁴⁸ Disponível em:

https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2025/04/IPU_WomenInPolitics_2025_PT-1.pdf. Acesso em 30 de jun.2025.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/09/05/violencia-politica-de-genero-e-tema-de-audiencia-publica>. Acesso em 30 de jun.2025.

5. Considerações Finais

O Supremo Tribunal Federal (STF), em fevereiro de 2025, redefiniu a abrangência da Lei Maria da Penha, que no Brasil passa a ser estendida a casais homoafetivos e pessoas transgênero. Esta decisão é de suma importância no acolhimento das pessoas GLBTQIA+ uma vez que abrange o sexo e o gênero feminino no entendimento do que significa ser mulher para além dos aspectos físicos.

Assim, significa um salto no âmbito dos direitos humanos uma vez que considera papéis sociais de subalternização e garante a proteção das pessoas via provimento de juizados especiais, medidas protetivas e assistência às vítimas.¹⁵⁰ Este movimento corrobora com a necessidade de enfrentamento de problemas que posicionam o país nas listas das nações que mais matam e violentam no mundo, de acordo com dados do Observatório de Mortes e Violência contra LGBTI+¹⁵¹.

As políticas públicas são, desta maneira, algo muito recente no que se refere a questão de gênero e o direito das mulheres no país. Aquelas que se engajaram na luta pelo direito reprodutivo foram perseguidas, violentadas ou exiladas durante a ditadura. A violência doméstica só começa a ser discutida a partir dos anos 1980 com o retorno de algumas mulheres que foram exiladas e trouxeram as experiências feministas europeias (CUNHA, 2017).

Apenas a partir da redemocratização os avanços aconteceram na área civil e a Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, representa um marco no sentido de extrapolar a questão para o âmbito criminal, determinando mecanismos para enfrentar a violência doméstica contra mulheres.

O que a pesquisa sob o prisma da religião evangélica aponta é que precisamos ampliar ainda mais o leque de observação. Percebi durante o percurso que os evangélicos são os brasileiros, cada vez mais, literalmente, em toda sua complexa heterogeneidade. Em função da profusão de características, grandiosa diversidade e variações de correntes, o que permite uma

¹⁵⁰ Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-02/lei-maria-da-penha-se-estende-casais-homoafetivos-e-mulheres-trans#:~:text=O%20Supremo%20Tribunal%20Federal%20\(STF\)%20decidiu%20que%20a%20prote%C3%A7%C3%A3o%20conferida,a%20mulheres%20travestis%20e%20transexuais](https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-02/lei-maria-da-penha-se-estende-casais-homoafetivos-e-mulheres-trans#:~:text=O%20Supremo%20Tribunal%20Federal%20(STF)%20decidiu%20que%20a%20prote%C3%A7%C3%A3o%20conferida,a%20mulheres%20travestis%20e%20transexuais). Acesso em 22 de fev.2025.

¹⁵¹ Disponível em: https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/?gad_source=1&gclid=CjwKCAiA5pq-BhBuEiwAvkzVZcpoJe96ZaREYwdUhQlYpgz4euNpFn9_fURGeT3l7xoGLXWucAHxhoCWsYQAvD_BwE. Acesso em 04 de mar.2025.

observação mais séria é justamente levar em consideração estes aspectos de pluralidade¹⁵². Mas o que mobiliza de uma forma mais evidente parte da mídia e da sociedade no sentido de ter “um pé atrás” com os evangélicos é justamente a faceta conservadora que galgou posições de poder político nos últimos anos e têm imposto uma série de questões com impacto direto na sociedade, a maioria delas relacionadas às chamadas pautas identitárias¹⁵³. Alguns fatores contribuem para esta “tempestade perfeita” como o crescimento das novas tecnologias e redes sociais, o surgimento do fenômeno das *fakenews* e a polarização política à moda brasileira como apresentam Fuks & Marques (2022).

Apesar disso, o crescimento evangélico segue seu fluxo e deixa no percurso muito mais perguntas do que respostas. Em um artigo publicado em 2013 no jornal Folha de São Paulo, o sociólogo Reginaldo Prandi utiliza uma imagem interessante de que o evangelismo se moldará à cultura brasileira “Na trilha para se tornar a força religiosa dominante no país, ele terá de se dobrar ao *éthos* nacional”. Em outro trecho afirma, corroborando com a ideia, “em vez de o Brasil virar culturalmente evangélico, a religião evangélica pode bem se converter ao Brasil”¹⁵⁴. Aspectos da articulação e transformação das tradições religiosas no país são apresentados também por Sanchis (2017), que destaca características como diversidade, sincretismo e recomposição em novos contextos sociais. Esta adaptação em certa medida já acontece quando observamos mais atentamente o modelo evangélico ágil, adaptável e capilarizado, que é muito mais agregador e promotor de pertencimento que o católico.¹⁵⁵ Cito como exemplo os cultos que incorporam estilos musicais diferentes, produtos culturais como composições musicais, peças de teatro e até espaços como academias de ginástica, conforme já citado anteriormente nesta dissertação. Para além da extensa oferta de bens e serviços já se fala sobre uma Indústria Cultural Evangélica, tamanha é a oferta de produtos culturais relacionados à religião (PAEGLE, 2011).

A diversidade é assim uma marca dos evangélicos. Mas se há figuras que personificam o conservadorismo, temos também os progressistas como a Ministra do Meio Ambiente Maria

¹⁵² Disponível em: <https://www.observatorioevangelico.org/um-olhar-sobre-as-diversas-formas-de-ser-evangelico/>. Acesso em 04 de mar.2025.

¹⁵³ Disponível em: [Pautas identitárias, sim! Qual o problema? - Le Monde Diplomatique](#). Acesso em 09 de mar.2025.

¹⁵⁴ Disponível em: em vez de o Brasil virar culturalmente evangélico, a religião evangélica pode bem se converter ao Brasil. Acesso em 9 de mar.2025.

¹⁵⁵ Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/tres-fatores-que-explicam-o-fenomeno-do-boom-evangelico-no-brasil#google_vignette. Acesso em 09 de mar.2025.

Silva (Rede) e o Pastor Henrique Vieira (PSOL). Este último nos lembra de que a mensagem do cristianismo é uma mensagem do oprimido que passou a ser interpretada pelo opressor¹⁵⁶.

O que não se pode fazer em uma análise desta natureza é deixar de observar este segmento que poderá se tornar um dia maioria no país, mas esta observação requer um olhar de “caleidoscópio”. Um olhar que permita observar os matizes que compõem o contexto.

Cabe considerar que ao mesmo tempo em que o Brasil é um dos líderes dentre os países que mais acredita em Deus ou em um poder superior, acompanha um movimento global de aumento gradativo de pessoas que não têm religião¹⁵⁷. Constatamos no país o crescimento das expressões típicas evangélicas como “tá amarrado” convivendo com as interjeições que tiveram origem na colonização católica como “vixe Maria” e hoje ambas as expressões estão na “boca do povo” permeando a cultura.

Importante ponderarmos ainda sobre uma característica que é a fluidez religiosa dos brasileiros. Segundo estudos, há uma histórica multiplicidade de pertencimento religioso e não é raro encontrar uma pessoa católica que toma passe em centro espírita, frequenta culto evangélico ou participa de evento em terreiro de candomblé, sem necessariamente se converter à outra religião¹⁵⁸. Isto remete à necessidade permanente de uma análise sistêmica complementar aos dados censitários.

No entanto, dada complexidade já mencionada, há também muita intolerância religiosa no Brasil e os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, lideram os três primeiros lugares em números de ocorrências respectivamente. As religiões de matriz africana são as mais atacadas (candomblé e umbanda), mas a religião evangélica, por sua vez, aparece na lista com aumento do número de ocorrências¹⁵⁹. A razão da discriminação a outras crenças passa pelo desconhecimento de diferentes culturas e pode ser considerada inclusive como xenofobia¹⁶⁰.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2021/05/28/pastor-henrique-teologia-negra-e-devolver-biblia-a-origem-social-os-oprimidos/>. Acesso em 08 de mar.2025.

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o#:~:text=Vida%20religiosa,-Mas%20acreditar%20em&text=Enquanto%2089%25%20dos%20entrevistados%20no,76%25%20afirmaram%20seguir%20uma%20religi%C3%A3o..> Acesso em 08 de mar.2025.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/12/mais-catolicos-frequentam-cultos-evangelicos.shtml>. Acesso em 08 d emar.2025.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>. Acesso em 08 de mar. 2025.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>. Aceso em 08 d emar.2025.

Este olhar multifacetado deve ser direcionado igualmente de maneira crítica aos movimentos progressistas e conservadores que ressoam na política nacional causando impacto na vida das mulheres. Podemos traçar uma breve linha do tempo em que alguns marcos políticos no país merecem atenção como os anos 2013 e 2014, quando relevantes projetos de lei e campanhas foram impulsionados por lideranças evangélicas conservadoras em articulação com os católicos e não religiosos como Bolsonaro, que na época era do PP (Partido Progressista), atual PSC (Partido Social Cristão).

As pautas eram variações da mesma temática moralista (aborto, família tradicional, casamento gay etc.) visando plantar na sociedade a lógica do terror contra o governo de Dilma Rousseff. A primeira mulher a ocupar a posição de presidente do Brasil foi destituída do cargo pelo golpe em 2016 com um argumento econômico que a acusava do crime de improbidade administrativa por ter realizado pedaladas fiscais. Dilma foi absolvida da acusação pelo STF em 2023¹⁶¹.

Este movimento simboliza a mais proeminente exclusão das mulheres dos espaços de poder e o surgimento de uma nova direita no país, com notável força evangélica e destaque para figuras como Eduardo Cunha, Bispo Macedo, Marco Feliciano, Pastor Everaldo e Silas Malafaia, para citar alguns nomes na análise. Conjuntamente este é um momento de acirramento da polarização.

A partir de então, temos uma perda progressiva de direitos construídos nos anos pós ditadura culminando na era do cristofacismo, apresentado por PY (2021) no contexto brasileiro como a aliança entre igrejas cristãs e bolsonaristas com objetivo de implantar um governo autoritário com atributos neofacistas e ultraliberais. O fenômeno, observado no governo de Bolsonaro, que foi apoiado pela bancada evangélica, foi impulsionado pelo pânico moral e pelas *fakenews*¹⁶², marcou negativamente a vida de significativa parcela dos brasileiros, principalmente quando o então presidente fazia publicamente de modo sádico elogios a torturadores e ameaças de um retorno à ditadura militar¹⁶³.

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-mantem-decisao-que-isenta-dilma-rousseff-de-pedaladas-fiscais/>. Acesso em 07 de mar. 2025.

¹⁶² Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/evangelicos-no-brasil-do-impeachment-de-dilma-rousseff-ao-tempo-presente>. Acesso em 07 de mar.2025.

¹⁶³ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/03/31/bolsonaro-defende-ditadura-militar-e-manda-cala-a-boca-a-stf>. Acesso em 09 de mar.2025.

Os anos de pandemia foram vivenciados de uma forma traumática no país, verificou-se que apenas no primeiro ano 120 mil mortes poderiam ter sido evitadas com adoção de medidas preventivas adequadas¹⁶⁴. Para as mulheres, como parte mais vulnerável da sociedade em função do desequilíbrio de gênero, este período foi especialmente marcante porque os números de casos de violência doméstica, feminicídio, perda de autonomia financeira, renda e trabalho aumentaram sensivelmente configurando uma precarização da vida¹⁶⁵.

Neste contexto, assistimos a divulgação do sensível aumento dos números de casos de violência doméstica contra mulheres. A sistematização, mapeamento e controle dos números de ocorrência são importantes para direcionar ações, tomadas de decisão e formulação de políticas, além do que apresentam os dados alarmantes e chamam atenção para o problema. Todavia, questiono a efetividade em apenas conhecermos os números e sabermos que tanto a violência doméstica quanto o feminicídio só aumentam ano a ano no país se não complementarmos com a abordagem da urgência de políticas públicas que abranjam estas questões e um aprofundamento crítico das causas que colocam o país nesta situação.

O que fica evidente nesta pesquisa é que apresentar os dados não é o mais importante se não qualificarmos concomitantemente as discussões acerca das origens, dos mecanismos de perpetuação e da análise dos avanços e retrocessos ocorridos no campo da igualdade de gênero.

Não podemos promover um esvaziamento do problema do feminicídio com a mera apresentação de números e dados quantitativos, por mais volumosos que sejam e impacto midiático que possam causar, sob pena de nos perdermos como sociedade em uma espécie de retórica do caos sem reflexão crítica. Retórica situada sob o risco do seu inerente potencial de criar uma opinião pública superficial sobre determinado fato (ARENDT, 1993). Precisamos de uma abordagem mais ampla para enfrentar essa questão, que inclua múltiplos mecanismos, a compreensão da dimensão de fé das mulheres e a promoção da igualdade de gênero dentro das comunidades religiosas.

Faz-se necessário aproximar o feminicídio e a violência doméstica contra mulheres da análise da história e de uma visão crítica que não se resuma a comportamentos meramente punitivistas, mas que promova avanços sociais através da reflexão conjunta. Embora a Lei

¹⁶⁴ Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/especiais/mortes-evitaveis-por-covid-19-no-brasil/>. Acesso em 08 de mar.2025.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/especiais/mortes-evitaveis-por-covid-19-no-brasil/>. Acesso em 07 de mar.2025.

Maria da Penha seja de grande importância, também não é suficiente judicializar a discussão, que requer aprofundamento e envolvimento de todos os componentes da sociedade.

Percebi nas entrevistas com as pastoras atitudes firmes e acertadas em termos protocolares com os casos ocorridos em suas denominações religiosas. Muitos encaminhamentos para as delegacias especializadas no atendimento à mulher, acolhimento da igreja e pouca ou nenhuma tolerância com casos de violência. Atitudes que são positivas e adequadas ao papel de aconselhamento das lideranças, mas que não questionam devidamente, conforme necessário, os motivos e causas da questão. É como observar mulheres que defendem igualdade de gênero sem se autointitular feministas (ARAÚJO, 1999).

Analisando as entrevistas realizadas e visitando o excelente site da IURD, me deparei com uma postagem sobre a temática que de certa maneira espelhava o que tinha encontrado durante o processo de avaliação crítica do conteúdo coletado na pesquisa de campo. Este material, em texto e vídeo, publicado em 2020, se baseia em dados numéricos, em layout de notícia, sobre casos de feminicídio e continua com um aviso em negrito: Portanto, é importante se proteger! A postagem é cheia de hiperlinks. A escritora Cristiane Cardoso, coautora do livro *Casamento Blindado*, em que pese, um fenômeno de vendas¹⁶⁶, lançado em 2012, aborda na sequência em um texto o feminicídio como resultado da violência doméstica, informa o número da central de atendimento à mulher (180) e deixa o vídeo de divulgação com canais de atendimento do Raabe, programa social da Universal voltado às mulheres vítimas de violência¹⁶⁷. O programa tem o mesmo nome de uma prostituta, personagem do antigo testamento, que ajudou os hebreus e se tornou uma das poucas mulheres mencionadas na genealogia de Jesus Cristo¹⁶⁸.

O foco do programa social é no atendimento jurídico e psicológico para quem não tem condições de pagar, oferece ainda cursos de cura emocional para mulheres vítimas de violência. Aliás, este programa renderia uma dissertação à parte. Nele, trabalham voluntárias de diferentes formações como advogadas e assistentes sociais, que atuam como conselheiras proporcionando apoio emocional, psicológico, esclarecimentos de questões jurídicas e sociais, além de orientação espiritual. O projeto também desenvolveu ações com presidiárias e mulheres

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/06/02/casal-que-escreve-unido#:~:text=Desde%20que%20foi%20lan%C3%A7ado%2C%20em,mais%20de%20250%20mil%20exemplares>. Acesso em 08 de mar.2025.

¹⁶⁷ Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/total-de-feminicidios-bate-recorde-historico-em-2019/>, Acesso em 07 de mar.2025.

¹⁶⁸ Disponível em: [Quem Foi Raabe Na Bíblia – Bíblia da Bíblia](#). Acesso em 08 de mar.2025.

de bairros carentes. Pesquisando mais sobre o Raabe, no entanto, há uma nova atividade em divulgação nos links antigos. O nome do novo projeto é *Godllywood*, também voltado para mulheres, conduzido pela Cristiane Cardoso e que acontece gratuitamente aos sábados no Templo de Salomão, em São Paulo. É composto por bastante conteúdo de texto e vídeo, um formato mais moderno com modelo de autoajuda e proposta de desafios divididos em etapas¹⁶⁹.

Voltando a página em análise, há um link para um vídeo publicado no canal do Youtube¹⁷⁰ onde Cristiane ao lado de Renato Cardoso, seu cônjuge e coautor do livro já citado, dentre outros que o casal publicou, explica como se proteger da violência doméstica no canal de nome sugestivo ‘Escola do Amor’, que conta com mais de um milhão de inscritos. Em todas as abordagens, o aviso geral é o mesmo para as mulheres, “a responsabilidade de se proteger é sua” o que se assemelha ao incentivo dado à autonomia financeira do fiel evangélico. O vídeo inicia com um pedido de orientação de uma mulher que já foi agredida quatro vezes pelo companheiro e não sabe como proceder. O aconselhamento do vídeo segue como protocolo: procurar um lugar seguro e contar para algum familiar ou reportar o caso a alguém. A mensagem finaliza com “não fique sozinha nesta situação”. O pastor ainda menciona de uma forma um pouco velada para que a mulher não se prenda ao casamento se está sendo agredida, uma postura similar a das pastoras entrevistadas desta dissertação. Em ambas as situações as orientações de socorro são corretas, mas a reflexão e o aprofundamento das causas e motivos do problema não são abordados. As lideranças pesquisadas não resolvem o problema das mulheres, mas oferecem uma maneira de lidar com ele de alguma forma. A IURD faz o mesmo.

A religião evangélica para as mulheres, no que se refere ao tema violência doméstica, pode ser uma potência de acolhimento, espaço de apoio e força ou uma prisão perigosa, local de opressão e convivência com a violência e risco de terminar em feminicídio. Outrossim, pela análise das entrevistas, mesmo que a separação não seja a primeira opção, a necessidade de afastamento do agressor é uma unanimidade entre as lideranças.

Aferi na pesquisa que a Bíblia opressora e que sacrifica é a mesma que liberta e acolhe. O que vai fazer a diferença é a maneira como as lideranças vivenciam esse Deus e com base nesta vivência vão realizar os encaminhamentos e mediações sobre casamento.

O conceito de família, que é também um valor universal, tem sido usado no Brasil há muito tempo, desde a colonização, com propósitos de mobilização social e política,

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.universal.org/godllywood/auto-ajuda/>. Acesso em 09 de mar.2025.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5jIPdwUzCI>. Acesso em 07 de mar.2025.

especialmente pela direita conservadora quando aliada da religião de matriz cristã. Isto faz com que uma normatização dos papéis sociais, que de forma recorrente subalternizam mulheres, sejam perpetuados. Neste sentido, a heteronormatividade assume o lugar da “família tradicional brasileira”. Conceito capturado pela extrema direita, que serve a moralidade patriarcal cristã e que se opõem aos direitos GLBTQIAPN+ e demais avanços necessários como o combate à violência doméstica e feminicídio e o direito ao aborto, entre outras lutas inerentes aos direitos humanos¹⁷¹.

O crescimento da religião evangélica no Brasil se deve a sua estrutura descentralizada e flexível, que ocupa lacunas onde o Estado não está e cria um pertencimento a partir das vivências comunitárias e das redes de confiança e auxílio estabelecidas pelas igrejas.

O perfil dos deputados federais evangélicos à esquerda eleitos em 2022 demonstra uma maioria oriunda da participação em movimentos sociais, urbanos ou do campo, em torno de causas sindicais, ambientais, de moradia/favelas, no combate à fome e à pobreza. Defender o acesso à cultura, o combate ao racismo e a defesa da igualdade de gênero e da diversidade sexual ganharam força em termos da atuação política de parlamentares evangélicos à esquerda ao longo dos anos. Na maior parte dos casos, o engajamento dos parlamentares ocorreu pela experiência religiosa ligada ao Cristianismo da Libertação^{172 173} espaço teológico de reunião de evangélicos progressistas, populares ou à esquerda¹⁷⁴. No que se refere ao alinhamento evangélico à direita, algumas pesquisas associam o governo Bolsonaro como o primeiro a estabelecer uma afinidade ideológica com a bancada da bíblia, embora já houvesse apoio dos evangélicos a governos anteriores¹⁷⁵.

Já no Hemisfério Norte, o mundo observou no início de 2025 os primeiros momentos do Presidente Donald Trump à frente do Governo dos Estados Unidos, fazendo valer uma série de promessas já alardeadas durante a campanha presidencial. Decisões que vão impactar a vida

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/progressistas-devem-mostrar-que-seu-projeto-e-o-que-realmente-protege-e-valoriza-as-familias/>. Acesso em 14 de mar.2025.

¹⁷² A Teologia da Libertação é uma expressão intelectual e espiritual do Cristianismo da Libertação, um movimento sociorreligioso que surgiu na América Latina nas décadas de 1950 e 1960. O Concílio Vaticano II e a revolução cubana de 1959 influenciaram a formação da Teologia da Libertação, que hoje orienta a ação de pastorais sociais e da juventude. A prática sociorreligiosa precedeu a produção teológica, e a partir dos anos 1970, há uma relação recíproca entre as duas.

¹⁷³ Disponível em: [ttosta1,+64381-Apresentação-Cristianismo+da+Libertação+e+Teologia+da+Libertação.pdf](https://www.ttosta1.com.br/wp-content/uploads/2025/02/Apresentacao-Cristianismo-da-Libertacao-e-Teologia-da-Libertacao.pdf). Acesso em 09 de mar.2025.

¹⁷⁴ Disponível em: da participação em movimentos sociais, urbanos ou do campo, em torno de causas sindicais, ambientais, animais, de moradia/favelas, no combate à fome e à pobreza. Acesso em 09 de mar.2025.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2025-02/bancada-da-biblia-consolidou-forca-mas-vive-novos-desafios>. Acesso em 30 de jun.2025.

de milhares de indivíduos subalternizados como migrantes, negros e pessoas LGBTQIA+ e que reverberam pelo mundo dado o poderio econômico e político americano. As medidas anunciadas e em processo de implementação promovem incômodo em qualquer cidadão comprometido com a defesa e garantia dos direitos humanos.

O fato curioso, e porque não dizer, emblemático nesta dissertação, é que a primeira manifestação pública de resistência tenha vindo de uma liderança cristã mulher. A Reverenda Marrian Edgar Budde pediu misericórdia ao presidente e citou "Há crianças gays, lésbicas e transgêneros em famílias democratas, republicanas e independentes, algumas que temem por suas vidas"¹⁷⁶. Não demorou muito para que a equipe de Trump se manifestasse pelas redes sociais dizendo que a bispa era uma radical de esquerda que o odiava. Importante mencionar que durante a campanha o presidente convocou os cristãos evangélicos e donos de armas para que comparecessem às urnas durante a votação¹⁷⁷.

A fala da religiosa foi repercutida em formato audiovisual para o mundo, que assiste aos mandos e desmandos do presidente ultradireitista, vale dizer, reverenciado pelos políticos brasileiros alinhados à extrema direita, embora o Trump mesmo não saiba muito bem onde se localiza o nosso país no globo terrestre. Uma comitiva composta por cerca de vinte deputados¹⁷⁸ e a própria esposa do ex-presidente Bolsonaro, ela também uma evangélica praticante da Igreja Batista Atitude no Rio de Janeiro, seguiu para acompanhar a posse nos EUA como representante do marido, uma vez que ele estava impossibilitado de sair do Brasil no período, em virtude da retenção do seu passaporte pelo STF.

Sabemos que a história de lutas pelos direitos humanos é composta por avanços e retrocessos, que a dinamicidade e complexidade da sociedade não comportam determinismos que deixem de lado a análise da influência individual e coletiva criando e recriando as estruturas sociais. Portanto, essas estruturas funcionam de maneira interdependente e são ao mesmo tempo o meio e o resultado das ações humanas¹⁷⁹.

Nesse sentido, avalio que a exaltação da fé, persistência e garra das mulheres, narrativa que está imersa na religião evangélica e rege a maioria dos discursos analisados, não é o mais

¹⁷⁶ Disponível em: <https://www.observatorioevangelico.org/respiro-de-resistencia-a-trump-veio-de-uma-bispa/>. Acesso em 04 de mar.2025.

¹⁷⁷ Disponível em: <https://www.newsweek.com/donald-trump-calls-out-gun-owners-evangelical-christian-voters-1964623?ref=observatorioevangelico.org>. Acesso em 04 de mar.2025.

¹⁷⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/01/19/sem-bolsonaro-parlamentares-da-oposicao-organizam-comitiva-para-posse-de-trump-nos-estados-unidos.ghtml>. Acesso em 04 de mar.2025.

¹⁷⁹ Disponível em: [Giddens Anthony A constituicao da socied\[1\].pdf](#). Acesso em 09 de mar.2025.

relevante no empoderamento feminino desde grupo. As suas maneiras de condução do pastoreio e conexão com a comunidade refletida na maneira como genuinamente exercem suas funções, entendendo as necessidades, os desafios e trabalhando para atendê-los constituem o verdadeiro empoderamento. Empoderamento, termo que surge na reforma protestante¹⁸⁰ passa do conceitual para a ação e ao longo do tempo ganha abrangência que transcende o individual, assumindo dimensões coletivas para se mostrar eficaz¹⁸¹.

A ocupação de cargos de liderança e espaço no púlpito podem representar uma mudança significativa do ponto de vista simbólico, sim. Contudo, em termos práticos, sob o ponto de vista da Teoria da Estruturação (GIDDENS, 2003), há que se perceber a manutenção de opressões de gênero, perpetuação de papéis sociais subalternizados e, sobretudo, questionar a adoção de uma certa dinâmica, que visa manutenção e estabilidade institucional da igreja.

Friso que hoje as mulheres evangélicas (e todas as demais) lutam para sobreviver no Brasil. E o simples fato de que uma mulher consiga resistir às violências devido a desigualdade de gênero, em uma sociedade que as odeia, já representa um ato de bravura a ser reconhecido.

Durante a pesquisa pude concluir que, ao contrário dos homens, que quando sofrem algum tipo de violência isto ocorre geralmente na rua, as mulheres sofrem violência na maior parte das vezes dentro da própria casa. De acordo com estudo de 2022 realizado por Vinícius Batista, que analisou a tabulação dos bancos de dados de violência contra a mulher na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), a residência é o local onde ocorrem 61,26% dos casos de violência contra mulher (367.165 casos), seguida pela via pública (19,47% ou 116.693) e outros locais (14,46% ou 86.641). Isso comprova o ambiente doméstico como o mais potencial para a mulher sofrer algum tipo de violência, pois neste espaço a violência física (21,46%) é preponderante, próxima à psicológica (20,30%). A Pastora Nara nos conta um encaminhamento de violência doméstica ocorrida em sua congregação, que segundo a liderança iria acabar em feminicídio.

E aí, essa irmã foi pra delegacia, ele continuou maltratando-a, e disse que não ia sair da casa. E aí, ela me procurou e falou, ah, pastora, ele disse que não vai sair da casa. Eu falei, você retorna lá, na delegacia da mulher, e bate firme com isso aí. Aí, ela foi e encontrou a delegada lá, muito abençoada. A delegada mandou a viatura na hora tirar ele de dentro de casa. E só retirou, só foi retirada a viatura de frente da casa quando o cara tirou tudo de dentro de casa. Ele já estava se preparando pro próximo

¹⁸⁰ Disponível em: estelalopesferreira.pdf. Acesso em 09 de mar.2025.

¹⁸¹ Disponível em: [Vista do EMPODERAMENTO: INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL? – UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL](#). Acesso em 09 de mar.2025.

passo, matar ela. Ele tinha ferramenta dentro de casa que ela nunca viu, umas barras de ferro, e ia matar. (Pastora Nara)

A violência doméstica contra mulher ainda é silenciada por uma cultura religiosa e uma interpretação errônea da Bíblia. Como nos lembra Vilhena em entrevista concedida ao Portal UOL (2017) a igreja nega os direitos humanos quando não discute gênero e o acolhimento da chamada ideologia de gênero por parte dos evangélicos prejudica o debate sobre as violências contra mulheres quando se tira esse gênero da educação.¹⁸² Os aconselhamentos ainda são frouxos no que se refere ao combate ao problema no sentido de não questionar origens e causas e reforçarem uma certa resiliência alimentada pela fé em Deus. Esta conclusão vem da análise das falas das lideranças que ao mesmo tempo que verbalizam a não aceitação da violência doméstica ou do feminicídio, deixam a escolha da separação para uma última opção, permitida apenas sob determinadas condições. Elas também posicionam o casamento “acima de tudo” e a família como o bastião da própria existência como mulher.

Outro aspecto que chama atenção é o que as mulheres entendem como o papel da família e o sentido do núcleo familiar. As palavras mais recorrentes foram, “base”, “alicerce” e “sentido”, as cinco entrevistadas enalteceram a importância da família dentro da visão cristã e algumas mencionaram que entendiam como “projeto de Deus” e como o “mistério” em referência ao mistério da fé, que representa as verdades que só podem ser aceitas pela fé, para além da compreensão humana. Embora não tenha sido parte do questionamento, não houve qualquer esboço de comentário que considerasse família de modo distinto ao modelo “tradicional”, nuclear e heteronormativo. A liderança Nara pode ser um bom exemplo das manifestações das entrevistadas porque expressou com veemência seu entendimento.

Eu prezo o núcleo familiar, marido, mulher, filhos, eu prezo, eu ajudo naquilo que é espiritual, sabe? E digo mais a você, quando há violência, eu sou a primeira pessoa a mandar ir para a delegacia. Eu sou a primeira pessoa a dizer, se está hoje batendo, amanhã vai matar. (Pastora Nara)

Foi surpreendente não obter em qualquer das entrevistas um posicionamento mais abrangente quanto ao entendimento de família para além do modelo ditado pela igreja evangélica. Ressalto isso porque as cinco entrevistadas eram mulheres articuladas em suas falas, profissionais com experiência de atuação no mundo do trabalho e nível superior completo,

¹⁸² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/06/quando-a-igreja-nao-discute-genero-ela-nega-direitos-humanos-diz-evangelica-feminista.htm>. Acesso em 18 de mai.2025.

falaram pelo tempo que quiseram e abordaram, por conta própria, outros temas que nem sempre estavam inseridos nas perguntas. Entretanto, em todas as respostas vincularam família ao casamento e à heteronormatividade, inclusive a líder divorciada. Outro ponto importante para mencionar é que as questões psíquicas estão muito mais relacionadas às consequências da violência doméstica do que às causas, que são ligadas à desigualdade de gênero e manutenção de privilégios. “patologizar” a violência doméstica, neste sentido, pode ser uma forma de tirar o foco da discussão pela necessidade da igualdade de gênero.

Sabemos que o modelo de família tradicional (pai, mãe e filhos), que é tão defendido por parte da igreja evangélica, é um pilar bíblico e uma construção que diversas vezes favorece a dominação masculina. E podemos entender que, nessa dinâmica social que defende a família, a moralidade está profundamente envolvida porque dela advém as condenações. Portanto, a ideia de família hegemônica é na realidade uma maneira de encarar a vida que vai muito além do entendimento daquilo que acontece na realidade, do conhecimento dos fatos. Mais que isso, pode representar uma forma velada de negação ao que acontece e sempre aconteceu na sociedade. As ditas novas configurações familiares não são tão novas assim porque as mulheres abandonadas por seus maridos sempre existiram, por exemplo. Relembro que mais da metade dos lares brasileiros são mantidos e liderados por mulheres, conforme já abordei nos capítulos anteriores.

Mais uma vez, trago uma ilustração pinçada da cultura popular brasileira. Na sua música *Fé*, lançada em 2022, a cantora IZA reúne a função da religião como elemento capaz de fortalecer o indivíduo e a mulher no papel da mãe solo, perfil que compõe maioria da sociedade como já abordado anteriormente. Esta música foi responsável pela indicação da Iza, que iniciou sua trajetória musical cantando em igrejas evangélicas, ao Grammy Latino de 2023 na categoria Melhor interpretação Urbana em Língua Portuguesa. Outro sucesso relacionado a obra foi a inclusão no setlist da turnê de shows Caetano & Bethânia, que os irmãos estão realizando juntos pelo Brasil.

Fé

(...)

A minha coroa me criou sozinha
Levantando sempre no raiar do dia, bem cedo

Sempre aprendi com ela
A ser grata pelo que ainda vem

Hoje tu só vê os close, nunca viu meus corre (sic)
Mas pra quem confia em Deus, o sonho nunca morre, é, é

(...)

Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta

Fé no proceder, na luta e na lida
Enquanto a gente não conquista
Segue em frente firme que a nossa firma é forte
Nunca foi sorte, irmão, sempre foi Deus, sempre foi Deus

(...)

A feminista evangélica Valéria Vilhena, fundadora do coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero - EIG – destaca, em entrevista concedida em 2021¹⁸³, como a aliança entre as elites religiosa e econômica – político - militar perpetuou uma realidade social desigual e opressora. Esta realidade se manifesta até os dias atuais no Brasil seja em forma de misoginia, seja em forma de sexismo ou racismo.

Podemos aferir que parte do problema relacionado a violência doméstica pode ser atribuído às questões de desigualdade de gênero. Outra parte está relacionada a existência de um esquema político que visa a manutenção de privilégios. Esta estrutura é majoritariamente regida por homens conservadores e algumas vezes ligados a segmentos da bancada e das lideranças evangélicas, que pregam os valores bíblicos opressores, moralistas e reforçam as normas sociais que vão de encontro a maioria das questões de direitos humanos. Em 2025, a Frente Parlamentar Evangélica tem papel relevante na discussão das matérias que são votadas no Congresso Nacional Brasileiro e reúne 219 deputados e 26 senadores¹⁸⁴.

Conforme nos apresenta Mariano (2023) o ativismo político evangélico conservador tem ocupado cada vez mais espaço e influenciado a política no Brasil. É marcado por uma maioria pentecostal, que enxerga sua atuação como uma missão religiosa, combate o feminismo, assim como todos os direitos de gênero e pautas progressistas. Para Vilhena (2017) "Quando a bancada evangélica sai pregando nos púlpitos que está lá para representar a vontade

¹⁸³ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opinio/2021/11/27/conhecendo-os-evangelicos-progressistas-valeria-vilhena-por-pastor-ze-barbosa-jr-106761.html>. Acesso em 24 de mai.2025.

¹⁸⁴ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1136508-gilberto-nascimento-e-eleito-presidente-da-frente-parlamentar-evangelica>. Acesso em 24 de mai.2025.

de Deus ou para proteger o único modelo de família, está pautando, na realidade, homofobia, racismo, sexismo".

Pontuo também que há raízes muito profundas na misoginia e em boa medida elas têm relação com a religião de matriz cristã. Afinal, Eva foi aquela que serviu como interlocutora do demônio, o que faz a mulher carregar simbolicamente este peso da negatividade. As mulheres acabam, neste processo, sendo capturadas de diferentes maneiras em uma dinâmica de manutenção da subjugação delas mesmas.

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. CADERNOS PAGU, v. 50, p. 5-30, 2017.

_____. Evangélicos à direita. Horizontes Antropológicos, v.26, n.58, 2020:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/QMLCv3b6fv6kGDfb86CgJ3J/>;

_____. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangélicos e a crise brasileira. Novos Estudos. CEBRAP, v. 38, p. 185-213, 2019.

ANDRADE, Leticia Ésther de. A consolidação do patriarcado no Brasil: a origem das desigualdades entre homens e mulheres. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 11, Vol. 07, pp. 25-39. Novembro de 2021.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade em relações de gênero. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>

ARENDT, Hannah. *A Dignidade da Política*. Trad. Helena Martins, Frida Coelho, Antonio Abranches, César Almeida, Claudia Drucker e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

BAQUERO, Rute. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. Redes, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 77-93, maio-ago. 2006.

BEAUVOIR, Simone de, 1908-1986. O segundo sexo: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. 1908-1986. O segundo sexo: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. Opinião Pública (UNICAMP), Campinas, v. X, n.2, p. 288-338, 2004.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

CECCARELLI, Paulo Roberto. As bases imaginárias da família. In: FÉREZ-CARNEIRO, Terezinha. Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

DEL PRIORI, Mary. Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidade no Brasil Colônia. Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993.

_____. História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Trad de Paulo Neves. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

_____. “Determinação do fato moral”. In: Sociologia e filosofia. Trad. de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2015.

ELIADE, Mircea. História das crenças e das ideias religiosas, volume I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1994.

FEDERICI, Silvia. O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo. Elefante, 2017.

FERNANDES, Evelin Blaut. Publicação de: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU Área: Ciências Humanas Versão impressa ISSN: 0104-8333 <https://doi.org/10.1590/18094449202100630009>

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Tese de doutorado, Universidade de Campinas, 1993.

_____. "Pentecostalism in Latin America". In *Social Compass* Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, vol.45, nº 3, 1998.

_____. Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2022

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

HAGUETTE, Maria Teresa Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. 4ª edição. São Paulo: Editora Vozes, 1992.

LERNER, Guerda. A Criação do Patriarcado. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

LOBO, Andrea; CARDOSO, Maria Eduarda. “Em nome da família brasileira”: sobre políticas de governo, (re)produção de elites e disputas narrativas. ANTROPOLÍTICA: REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ANTROPOLOGIA, v. 53, p. 53-82, 2021.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

_____; BARROS, Myriam. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. Rev. Estud. Fem. 17 (2), 2009.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal. Estudos Avançados (USP. Impresso), São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.

_____. Neopentecostais: sociologia do novo. pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARIZ, C. L. CEBs e Pentecostalismo: novas reformas da religião popular no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 51, n. 203, p. 599–611, 1991. DOI: 10.29386/reb.v51i203.2952. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2952>. Acesso em: 18 maio. 2025.

_____. Alcoolismo, Gênero e Pentecostalismo. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 16, n.03, p. 80-93, 1994.

NATIVIDADE, Marcelo ; GOMES, Edlaine. RELIGIÃO E SOCIEDADE, 2006.
<https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N26.02-2006.pdf>

PASINATO, Wânia. Acesso à justiça e violência doméstica e familiar contra as mulheres: as percepções dos operadores jurídicos e os limites para a aplicação da Lei Maria da Penha. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-2432201518>

PHARO, Patrick. Sociologia moral das dependências motivadas: o caso da dependência amorosa. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 17, no 39, mai/ago 2015.

PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0202, 2021. ROBBINS, Joel. Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 17, no 39, mai/ago 2015.

ROSADO - NUNES, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos PAGU*, 2001.
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/YnYKS3QPKG5YhdjXbzWnhdw/?format=html&lang=pt>

_____. Gênero e religião. *Cadernos PAGU*, 2005.
<https://www.scielo.br/j/ref/a/nRcbPDMxNSx4v3nYSfvFxFd/>

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.28-43, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de [org.]. *Pensamento Feminista – Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, Janine Targino da. Lideranças Pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu- RJ. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. *Latinoamérica*, Ciudad de México, n. 64, p. 223-256, jun. 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-85742017000100223&lng=es&nrm=iso>. acessado em 02 abr.2025. <https://doi.org/10.22201/cialc.24486914e.2017.64.56799>.

SOUZA & LEMOS, 2009. *A casa, as mulheres e a Igreja: relação de gênero e Religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SOUZA JUNIOR, Paulo Gracino de; SOUZA, Carlos Henrique Pereira de. Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1188, 2020. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p1188. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/24173>. Acesso em: 18 maio. 2025.

VILHENA, Valéria Cristina. *Pela voz das mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2009.

_____. *Uma igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas*. São Paulo: Fonte Viva, 2019.

VOLDMAN, Daniele. “Definições e usos”. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes, (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Lista de sites consultados:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia#:~:text=ouvir%3A,PI%2C%20RJ%2C%20SP>)

<https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/subnotificacao-de-violencia-contras-mulheres-uma-analise-de-duas-fontes-de-dados/18899?id=18899>

<https://www.agazeta.com.br/todaselas/violencia-contras-mulher-trafico-impede-vitimas-de-pedir-socorro-1223>

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/>

<https://www.cofen.gov.br/brasil-registra-106-mil-feminicidios-em-oito-anos/>

[Religioa_democracia_e_a_extrema_direita.pdf](#)

<file:///C:/Users/oppel/Downloads/zeluiz,+a10v1852.pdf>

file:///C:/Users/oppel/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/IUPERJ/PP/tese%20Paul%20Freston%201994-1.pdf

<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/50111/30507#figures>

<https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/?format=pdf&lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/soc/a/3GbLLcLp6h6mVNC8GxbHvD/?format=pdf&lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/soc/a/CBM4hf5VSRzJQzDVDJJQ5VJ/?format=pdf&lang=pt>

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/55666/751375151511>

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000200005/11343>

<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/50111/30507#figures>

<https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31/31>

Universal.org - Portal Oficial da Igreja Universal do Reino de Deus

<https://philpapers.org/rec/BACEIA-2>

https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf

[file:///C:/Users/oppel/Downloads/zeluiz,+a10v1852%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/oppel/Downloads/zeluiz,+a10v1852%20(1).pdf)

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/576301-como-o-patriarcado-se-impos-ao-matriarcado>

<https://www.scielo.br/j/ref/a/nRcbPDMxNSx4v3nYSfvFxFd/>

<https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2011/10/HISTORIA-GERAL-DAS-RELIGIOES-karina-Bezerra.pdf>

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/download/8932/5432/38012>

<https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31/31>

<https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/26526/17686>

<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0202>

[https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300856723_ARQUIVO_artigoanpuh2011usp21mar2011\(2\).pdf](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300856723_ARQUIVO_artigoanpuh2011usp21mar2011(2).pdf)

<https://www.scielo.br/j/op/a/SCmKT44FzwmGMp6jtBZ3Dfk/>

<https://www.scielo.br/j/rs/a/6D8smMDxPsddMZqLj45vzgQ/?format=pdf&lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/nec/a/wL7SCTsbMpthYn4SRNfqMXq/>

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/9qWCTLfW8Qvr9bTspS9dSsd/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Scott%20argumenta%20que%20o%20conceito,das%20defini%C3%A7%C3%B5es%20normativas%20da%20feminidade%E2%80%9D>

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/30691/18534>.

<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/130730/88212>

<https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?format=pdf&lang=pt>

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2857/1/2310-3525-1-PB.pdf>

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/YnYKS3QPKG5YhdjXbzWnhdw/>

<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZZ7mhVDBZCMGLmnDMpBMhNS/?lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/ha/a/QMLCv3b6fv6kGDfb86CgJ3J/?format=pdf&lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/abstract/?lang=pt>.

https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-85742017000100223

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/47356/49904>

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3752/3816>

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/v7yZpbwHsxxycN5ZCywY5m/>

<https://www.scielo.br/j/op/a/n4WbzcvpzQYfwgd643NMQdq/>

https://drive.google.com/file/d/1HjKW_kc_MQB46pHhM72OBejBncoouopZ/view

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23584/19240>

<https://editora.fgv.br/produto/o-fascismo-em-camisas-verdes-do-integralismo-ao-neointegralismo-3543>

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/kzKGbt3svhfMHF96CNrVSnJ/?format=pdf>

<https://globaldialogue.isa-sociology.org/uploads/imagen/3320-v12i3-portuguese.pdf>

<https://orcid.org/0000-0002-8717-8332>

<https://doi.org/10.1590/1982-0259.2023.e91614>

<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5280?mode=full>

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/59445/1/HOMICÍDIO%20OU%20FEMINICÍDIO%20F%20Um%20estudo%20sobre%20a%20transformação%20da%20letra%20morta%20da%20lei%20em%20práticas%20sociais%20-%20IsabellaMatosinhos.pdf>

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/600562-mulher-vai-tudo-bem-contigo-campanha-apoia-mulheres-no-enfrentamento-a-violencia-domestica>

<https://ihu.unisinos.br/78-noticias/553106-contradicao-violencia-contramulheres-em-lares-religiosos-ihuadital>

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/600562-mulher-vai-tudo-bem-contigo-campanha-apoia-mulheres-no-enfrentamento-a-violencia-domestica%20%20%20https://ihu.unisinos.br/78-noticias/553106-contradicao-violencia-contramulheres-em-lares-religiosos-ihuadital%20%20%20https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/563718-quando-a-igreja-nao-discute-genero-ela-nega-direitos-humanos-diz-evangelica-feminista>

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/consolidacao-do-patriarcado>

<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/529/1/Valeria%20Vilhena%20Mestrado>

https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.scielo.br/j/ref/a/p7Gfdb7Nb3FdW74ZGzfYtTw/&ved=2ahUKEwjzmvlyLjaSNAXWJGLkGHeDFNioQFnoECClQAQ&usg=AOvVaw3SuZHST78P_frPzgGr5Ksa

<https://br.boell.org/pt-br/2023/07/13/ativismo-politico-evangelico-conservador-e-de-direita-panorama-recente>

<https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.indexlaw.org/index.php/culturajuridica/article/download/10424/pdf/29446&ved=2ahUKEwjNmu2Egq6NAXXoqpUCHYISCKsQFnoECC8QAQ&usg=AOvVaw2LPbhxD9rihTNVQh3BDwcY>

7. Anexos

Roteiro de entrevistas

Informações gerais:

Idade:

Escolaridade:

Tem alguma ocupação profissional, realiza algum tipo de atividade remunerada?

Estado civil: (se casada, há quanto tempo?)

Tem filhos? Se sim, quantos?

Perguntas sobre igreja e família

Qual igreja você frequenta?

Você exerce algum cargo/função na igreja que frequenta? Se sim, qual?

Como foi a sua entrada na igreja, pode fazer um breve histórico da sua iniciação religiosa?

Poderia descrever como você vê o papel da família, qual o sentido do núcleo familiar para você?

Sua família também frequenta a igreja? Se sim, como você define a participação deles na religião?

Qual a sua opinião a respeito do casamento?

(Caso seja uma mulher casada) Como você relaciona o casamento com suas atribuições na/da igreja?

O que você pensa sobre separação e divórcio?

Qual a sua opinião sobre infidelidade conjugal?

Em Efésios 5:23-32 NVT encontramos o seguinte: “o marido é o cabeça da esposa assim como Cristo é o cabeça da igreja”. Como você interpreta este versículo bíblico?

“Até que a morte os separe” é uma citação inspirada em uma passagem do livro de Mateus, no Novo Testamento. Como você entende esta citação?

Você considera que um marido pode, sob alguma condição específica, tirar a vida da esposa? Existe alguma situação que possa justificar este ato no seu entendimento?

Você gostaria de fazer mais alguma colocação ou comentar algo que não conversamos aqui?

1. Entrevista - Graça

Faixa etária ou idade da entrevistada.

Eu tenho 39 anos.

E a sua escolaridade?

Pós-graduação.

Você tem alguma ocupação profissional? Você realiza algum tipo de atividade remunerada?

Sim, eu sou consultora de estilo e imagem.

Qual o seu estado civil? Casada.

Há quanto tempo? 11 anos.

Você tem filhos? Se sim, quantos?

Tenho dois filhos.

E você exerce algum cargo ou função na igreja que frequenta? Se sim, qual?

Sim, eu sou supervisora de distrito.

Você podia me explicar um pouco o que significa, dentro do escopo do trabalho, a supervisão de distrito?

Sim. A nossa igreja é dividida por células. Células são pequenas igrejas dentro de casa. Então, nós temos o culto domingo e nos reunimos durante a semana dentro de casa. Na minha igreja, quando você tem cinco células, como você chega a cinco células? Você vai multiplicando. A sua célula fica tão grande que ela não comporta mais as pessoas. Então, você tem que multiplicar e ir para uma outra casa. Ficou grande, você multiplica e vai para uma outra casa. Então, quando você tem cinco células, você é uma supervisora de setor. Quando você tem 15 células, você é uma supervisora de área. Quando você tem mais de 50 células, você é uma supervisora de distrito. Já se encaminhando para ser consagrada uma pastora dentro da nossa igreja. Então, eu tenho mais de 50 células.

Eu queria perguntar agora, por favor, como foi a sua entrada na igreja? Você poderia fazer um breve histórico da sua iniciação religiosa?

Claro. Eu fui criada numa família católica, né? Por muitos anos. Fui católica, sou crismada, batizada, fiz a primeira comunhão. Católica, né? E com 30 anos, 32 anos, conheci, através da minha cunhada, uma célula. Que era de uma igreja cristã. E eu fui a essa célula. Ali naquela célula eu me identifiquei muito, gostei muito. E aí eu comecei a frequentar a igreja XPTO. E ali eu já estou já há 9 anos.

E você poderia descrever como você vê o papel da família? E qual o sentido do núcleo familiar para você?

A família é a base de tudo. Eu acho que não só... A Bíblia mesmo, ela fala isso, né? Que a partir do momento que você casa ali, né? Você tem que viver aquilo ali. Então a minha igreja, mas não só a minha igreja, a minha formação e a minha criação acreditam que a família é a base de tudo. Então ela é a prioridade dentro até mesmo da igreja. A gente fala que o nosso primeiro ministério dentro da igreja é a nossa família.

Depois, quando você tem uma família estruturada, organizada, aí sim você pode viver outros ministérios dentro da sua igreja. Mas se você não tiver a sua família ali, né? Ali cercada, cuidada, né? Todos os outros caminhos da sua vida não funcionam também de uma forma organizada pra sua vida. Então pra mim a família é o alicerce de tudo.

E a sua família também frequenta a igreja?

A minha família também frequenta a igreja. Deixa eu deixar claro pra você que a minha família, pra mim, né? São os meus filhos eu e o meu marido.

Eu, meu marido e os meus filhos, né? No restante eles são parentes, né? Minha mãe e meu pai, eles são meus parentes, né? A minha família frequenta a igreja, que é o meu marido e os meus filhos, tá? A minha mãe, ela continua no segmento católico, meu pai no segmento católico, meus avós. Mas eu, que tenho esse entendimento de família, como eu e meu marido, frequentamos a igreja.

E como você define a participação deles na religião?

Ativos. Meu marido e meus filhos? Ativos. Ativos. Participam comigo de tudo. Tudo que eu faço, eu não faço sozinha. Eu e a minha casa servimos ao Senhor, como diz a palavra. Estamos juntos.

E qual a sua opinião a respeito do casamento?

Então, o casamento pra mim é até que a morte me separe, né? Eu sei que há muitas coisas, né, que... que poderiam ser ditas assim... Ah, a traição... Tem aquelas brechas. Tipo assim, a Bíblia mesmo diz, tá? Eu estou falando biblicamente pra você agora, né? Que o Senhor abomina o adultério, e quando você tá ali, você foi adulterada, você tem respaldo bíblico para a separação. Mas a gente também fala muito sobre perdão. Sobre uma nova oportunidade.

Então assim, pra mim, o casamento, ele é algo que... Se ele for um casamento funcional, ele é pra vida inteira. Mas são as brechas. Eu acho assim, um casamento que você sofreu uma agressão. Que você tá sofrendo... Tem outras coisas que sim, né? Eu entendo que você não consegue caminhar dentro de um casamento dessa forma, mas eu acho que tudo tem que ser feito para a restauração do casamento. Tentamos tudo. Nada deu certo. Eu tenho respaldo bíblico, que foi ou um adultério, né? Ou uma agressão. Aí, infelizmente, eu não posso, dentro do meu aconselhamento pastoral, dizer pra pessoa ficar casada se ela tá apanhando. Entendeu? Mas se for algo que eu veja que dentro do meu aconselhamento eu consigo contornar com eles como um casal que tá sofrendo crise financeira, um casal que tá... Sabe, a gente vai tentando contornar, porque isso aí dá pra contornar o casal. Ele precisa, assim, ter... Eles casaram, bem. Agora é pra vida. Então, eu tento contornar de todas as formas. Fora essas brechas que eu tô te falando. Entendeu? O casamento também. É isso.

E como você relaciona o casamento com as suas atribuições na igreja?

Então, como eu já disse, meu marido participa ativamente comigo de tudo que eu faço. Então, eu não tenho problema dentro do meu casamento com o meu ministério.

Meu marido é um cara incrível, super parceiro. Então, embora a supervisora de distrito seja eu, não seja ele, ele é o pastor dentro da minha casa. Então, a gente funciona muito bem dentro do ministério da nossa igreja, porque somos um casal forte. Entendeu? Onde a gente caminha numa mesma direção. Onde a gente fala uma mesma linguagem. Então, eu não tenho esse problema com ele ministerialmente, dentro da igreja.

E agora eu queria te perguntar o que você pensa sobre separação e divórcio.

Então, foi o que eu disse pra você quando você me perguntou sobre casamento. Eu acredito no casamento. Eu acredito que a família é um projeto de Deus. Então, casamo-nos, mas descobrimos que temos incompatibilidade de gênios. A gente é muito diferente, a gente não se entende. Vamos aprender a lidar. Existem vários meios de você aprender a conviver com uma pessoa.

Se em algum momento você se casou com aquela pessoa, você tem que aprender a lidar com essa pessoa. Então, pra mim, é muito difícil. Falar pra assim, se separa, se divorcia, porque não está dando certo.

Porém, a pessoa está sofrendo uma agressão física, está sendo traída. Então, aí eu acho que o Senhor também não criou pra gente ficar sendo infeliz, apanhando, sendo traída, com risco de contrair uma doença, dentro de um casamento que não é harmonioso, dentro de um casamento que não funciona como se deve funcionar. Então, aí eu sou a favor do divórcio. Nessas duas condições. Sim.

E eu também gostaria de saber a sua opinião sobre infidelidade conjugal.

Infidelidade conjugal. Difícil, né? Eu não sou a favor da infidelidade. Eu acho que tudo se resolve com conversa. Eu sou formada em psicologia também. Então, eu entendo que muitas vezes o casal se afasta, por incompatibilidades, pela falta de diálogo, por outros motivos. Mas eu acho que tudo acaba se direcionando pela falta de diálogo mesmo do casal. Então, assim, eu não acredito no adultério. Eu acho que é falta de caráter também. Mas é mais sobre isso. É sobre a falta de diálogo ali do casal que desistiu. É um casal que desistiu para mim, sabe? Que desistiu de tentar, e por isso um deles partiu para o adultério. Eu realmente não acredito, e sou a favor da conversa, do entendimento, de se resgatar, do resgate do casal.

Em Efésios 5:23-32 NVT encontramos o seguinte: “o marido é o cabeça da esposa assim como Cristo é o cabeça da igreja”. Eu gostaria de saber como você interpreta esse versículo bíblico.

Quando a gente diz assim, né, o marido ele é a cabeça, né, o que é ele ser a cabeça? É ele ser o provedor. Ele é o provedor financeiro, ele precisa ser o provedor financeiro? Hoje nós vivemos em uma realidade onde mulheres e homens, ainda que sejam muito diferentes, né, na sociedade, eu te digo assim, no trabalho e tudo mais, as mulheres elas têm crescido cada vez mais dentro dessas áreas, né? Então tem mulheres que acabam se destacando um pouco mais profissionalmente até do que o homem. Então, eu não vejo mais o homem como o cabeça, o provedor da casa, tendo aquela tempestade, aquela responsabilidade dessa forma. Eu vejo que ele precisa ser o provedor emocional, o provedor afetivo, sabe? A paz dentro da casa, aquele que vai direcionar. Ele não necessariamente precisa ganhar o maior salário, mas ele precisa administrar o salário, entende?

A casa, ele precisa ter ali as finanças, sabe? Então eu entendo o homem como a cabeça da mulher dessa forma, sabe? Ele sendo o provedor emocional, espiritual, tudo. Eu vou te dar um exemplo dentro da minha casa, tá? Dentro da minha casa, foi o que eu falei pra você, eu sou a líder do distrito. O meu marido, ele não é, por quê? Porque ele trabalha, ele não tem tanto jeito pra falar com as pessoas, assim, não é formado em psicologia também.

Eu tenho ali as minhas formações, o meu jeito de falar com as pessoas, eu tenho, eu tô dentro da igreja, assim, desde que eu entrei, eu já fui inserida pra cuidar de pessoas, pra tratar pessoas, e foi o que eu disse pra você, o meu marido, ele é o pastor da minha casa, né? Ele organiza a minha casa, assim, temos tantos eventos esse mês, vem, esse a gente dá pra fazer, esse a gente dá pra fazer, esse a gente dá pra fazer, esse aqui não dá, não se comprometa. Entende? Que eu só vou com o meu marido, ele vai comigo, tá? Se ele marcar lá que nós podemos nos comprometer a 10 compromissos, ele vai comigo aos 10.

Mas eu não me comprometo a 11, por quê? Porque eu sei que 11 eu não posso, porque o meu marido disse que eu posso 10. A 10 ele vai comigo. Entende como ele é o cabeça? Por mais que ele, de repente, não vá dar a palavra, ele vai comigo a todos.

Ele participa comigo de retiros, ele participa comigo, quando eu sirvo na igreja eu participo de todos. Mas eu só vou àqueles que ele diz, olha, esse mês nós podemos a tantos. Ok, esse mês

nós podemos a tantos, nós vamos a tantos, está tudo bem. Mesmo que eu tenha o desejo de ir a todos. Eu respeito. Ele falou, ok, nós vamos a tantos. Faz parte da sabedoria da mulher também, né?

Até que a morte o separe. Eu gostaria de saber como você entende essa citação.

Eu posso romantizar ela para você, ou posso falar biblicamente, mas eu vou te dizer o que eu penso, tá? Sem romantizar. Eu acho que quando você faz uma escolha para a sua vida, você tem que estar muito consciente daquilo que você está fazendo, sabe? Senão o mundo vira uma promiscuidade, né? A cada momento estou com um, a cada... Então, se sou uma mulher madura, que tenho uma inteligência emocional sobre mim, entendo como funciona as coisas, eu vou fazer uma escolha segura para mim.

E eu escolho para mim o até que a morte o separe. Por quê? Não só porque está na Bíblia, mas porque é o mais seguro. Quando eu amo, eu falo sobre família, eu ministro muitas vezes sobre família, a coisa mais linda que tem é você ver um casal que está casado há 50 anos e aquele homem ainda protegendo a sua mulher, cuidando da sua família.

Esses dias eu estava fazendo uma reunião e tinha alguns casais e tinha um casal de idosos na reunião, era uma reunião online. Enquanto eu falava, eu o observava beijando-a com a cabeça assim, ele beijando-a, sabe? Isso para mim é o significado do “até que a morte o separe”. Não é porque é algo que é penoso, sabe? Casou-se, tem que ser infeliz para sempre.

Não é sobre isso. É sobre você fazer de uma forma linda, que você vai ter prazer de ficar com aquela pessoa até que a morte o separe, sabe? Eu me casei de forma consciente, eu não me casei por uma imposição social, eu não casei porque eu fui obrigada, não, eu me casei por amor. E quando você se casa por amor, você vai ajustando.

Pode ser que você não ame o seu parceiro todos os dias, porque isso acontece, mas eu escolho amar o meu parceiro todos os dias. Então naquele dia em que eu tô mais irritada, alguma coisa do tipo, ô, volta aqui, eu escolhi amar. Então eu vou sempre buscar a conversa, voltar ali para fazer isso, até que a morte o separe.

Porque romantizando agora, eu acho que não tem nada mais lindo do que os seus filhos criarem dentro dessa, serem criados dentro dessa relação, sabe? Observando como o casal se trata. Isso

aí vai passando de um para o outro, né? Meu marido, ele aprendeu isso com os pais. E ele hoje me trata como uma princesa.

Ele aprendeu e ele passou, né? E os nossos filhos hoje observam a gente dançando dentro de casa, a gente brincando, a gente estava ali na sala agora, meu filho tá de férias brincando, abraçado, e meu filho veio pra cima e dançou com a gente. Família. Mas estamos ensinando nossos filhos, são meninos, a serem homens apaixonados pelas suas esposas, que cuidem, que protejam, que casem conscientes e fiquem casados até que a morte os separe.

Entende?

Eu agora vou fazer uma pergunta que tem a ver com a questão da violência que você já mencionou. E eu quero saber o seguinte, você considera que um marido pode, sob alguma condição específica, tirar a vida da esposa? Existe alguma situação que possa justificar este ato, no seu entendimento?

Nenhuma. Nenhuma. Nem para mim, nem na Bíblia, nenhuma. Ele não tem o direito.

Eu queria saber agora se você gostaria de fazer mais alguma colocação. Você queria comentar algo que nós não conversamos aqui?

Então, eu acredito que a Bíblia, ela é um manual, sabe? Onde nós temos que ter muita sabedoria pra entender. Porque cada um que lê, lê e interpreta de uma forma, né? Eu posso ler um versículo, e você lê o mesmo versículo, e você tem um entendimento, e eu tenho outro entendimento.

O que nós não podemos esquecer nunca é do que é correto e do que não é correto. Sabe? Porque quando você entende o que é correto, o que é certo, você parte do princípio do que é certo, do que é errado, sabe? Quando você lê a Bíblia, as coisas ficam mais claras, e aí você não interpreta de uma forma diferente. Entende? Então, eu acho que acima de todas as coisas, acima até da palavra de Deus que está ali, que é a Bíblia, e que é sim o manual, você precisa ter um caráter muito firme, muito aprovado.

Entender o que é certo e o que é errado. E aí sim, dessa forma, você vai ter uma leitura bíblica muito mais transparente, de muito mais fácil entendimento, para que você não fique questionando e tomando atitudes, tentando se basear naquilo que você disse que entendeu da palavra. Sabe? Porque eu já presenciei muito isso.

Então, eu acho que acima de tudo, a gente tem que ter um entendimento do que é certo, do que é errado. O que é que eu quero ensinar? Do que é legado. O que é que eu quero deixar para os meus filhos? Qual é a base? Pra quem tem filhos, mas pra quem... A gente pode falar para quem não tem também. O que tu queres deixar de legado? O que é certo.

Sabe? Num mundo de hoje, num mundo tão violento, num mundo onde as pessoas são mais mesmo. Você sai, você não sabe nem se você vai voltar pra casa. Então, se houvesse mais pessoas que tivessem esse discernimento do que é certo, do que é o errado. Tentassem pensar isso. Não. Isso aqui é certo, isso aqui, vamos lá. Isso aqui, esquece. Isso aqui não vai valer a pena.

Eu acho que nós estaríamos vivendo num mundo muito melhor. Então, dentro da minha casa, na minha família, o que nós tentamos ensinar para os nossos filhos é o que é certo. Vamos viver aqui, ó. Nessa linha, juntos.

Isso aqui é certo. E dessa forma, eles vão passar pros filhos deles, pros filhos dos filhos deles. Eu acho que é muito isso que eu e meu marido queremos ensinar pros nossos filhos: o que é certo.

Entrevista - Betânia**Sua idade e a sua escolaridade**

Tenho 56 anos, superior, completo e pós-graduada em mediação de conflito.

Você tem alguma ocupação profissional? Você realiza algum tipo de atividade remunerada? E qual o seu estado civil?

Eu sou servidora pública municipal e sou divorciada.

Você tem filhos? Se sim, quantos?

Tenho um filho de 27 anos.

Qual igreja você frequenta? E você exerce algum cargo ou função na igreja que frequenta? Se sim, qual?

Hoje eu congrego na Igreja XPTO. Exerço cargo de liderança na igreja, já fui líder de células. Já ministrei curso de restauração da identidade feminina das mulheres.

Como foi a sua entrada na igreja? Você poderia fazer um breve histórico da sua iniciação religiosa?

Sim. Bom, eu venho de uma família evangélica, né? Mas os meus pais, quando se casaram, eles não frequentavam nenhuma igreja. E quando eu tinha 16 anos, o meu primeiro namorado, a gente estudava junto, né? Acho que era primeiro grau.

A gente não era no segundo grau na época, não. E aí a gente começou a namorar e ele tinha as atividades de final de semana. E aí a gente estava junto. E aí eu comecei a frequentar a igreja. E a gente começou a se envolver com atividades que eu curti muito. E aí quando eu vi, eu entrei para a igreja, né? Comecei a minha jornada na igreja evangélica aos 16, 17 anos mais ou menos. E estou até agora. É óbvio que há momentos em que a gente oscila, né? Momento em que filho nasce, que a gente trabalha um pouco demais. Mas eu continuo vinculada à igreja evangélica.

Você poderia descrever como você vê o papel da família? Qual o sentido do núcleo familiar para você?

Olha, Ticiane, eu entendo a família como a base da nossa sociedade. Se a gente quer uma sociedade mais... Não sei se o termo correto seria robusta, sabe? Porque uma sociedade saudável, digamos assim... Não sei também se o termo seria esse. A gente precisa de famílias mais saudáveis, mais sólidas. A gente precisa ter uma boa estrutura familiar. Quando eu falo uma boa estrutura familiar, eu quero passar longe dessa ideia de família perfeita. Porque a gente sabe que a perfeição não existe. Mas uma família... Algo mais saudável, mais concreto, mais real, entendeu?

A sua família também frequenta a igreja? E se sim, como você define a participação deles na religião?

Meus pais são falecidos. Já no finalzinho, meu pai teve um câncer de pulmão. No final, ele até ia com a gente à igreja.

A minha mãe já estava envolvida na igreja há mais tempo que ele. Meu filho também hoje está envolvido com a igreja evangélica. A esposa dele também. Eu tenho uma netinha de quatro meses.

O João... Como é que eu vou falar do meu filho? Eu entendo que a igreja precisa ter uma certa relevância na sociedade. A gente não pode ficar dentro de quatro paredes.

Então hoje, ele conquistou faixa preta de jiu-jitsu. Então, a gente se coloca à disposição com talentos que a gente tem para apoiar a igreja, né? Ou com a formação que a gente tem para alcançar a nossa sociedade, ajudar com algumas necessidades que essas pessoas têm. Ou de recreação, ou de um reforço escolar. Enfim.

E qual a sua opinião sobre o casamento?

A respeito do casamento. Olha, eu... Como é que eu vou te dizer? Porque muda bastante também, né? Hoje, a sociedade chama de casamento a união entre duas pessoas que decidem estar juntas.

Então, o questionamento seria... O termo que as pessoas usariam seria casamento. Eu acredito nesse lance do casamento. Eu acredito mesmo.

Porque são duas pessoas que se amam, que se respeitam, que são diferentes. Que vêm de formação diferentes. E que, em algum momento, decidem que vale a pena construir alguma coisa junto. Sabendo que a gente vai ter altos, baixos, como qualquer relacionamento. De amizade, pai, mãe, filho. Relacionamento de trabalho.

Enfim. Mas que nada, nada foge a uma boa conversa, um diálogo. A gente precisa entender que os conflitos sempre vão fazer parte da vida da gente.

Agora, a gente só precisa entender e olhar o outro a partir do outro. Não a partir da gente mesmo, né? E decidir que se vale a pena continuar.

Então, eu vou aproveitar esse gancho aí e te perguntar... Sobre o que você pensa a respeito da separação e do divórcio?

Bom, eu vou falar de mim. Da minha experiência. Eu, quando me casei, eu não tinha... Acho que ninguém, né? Que tem... Inicie um relacionamento, ou casa, ou construir família. Pensa em se separar. E eu não... Assim, eu também não fiz parte desse grupo, né? Mas... Eu entendo que... Ninguém é obrigado a permanecer num relacionamento onde há desrespeito. Porque a gente não pode falar de amor se não tem respeito. É, eu não consigo... Eu não consigo imaginar isso, entendeu? Então... Eu me divorciei em detrimento de falta de respeito. De falta de diálogo. Entendeu? Então, foi algo... Eu fiquei pouco tempo casada. Eu quando me divorciei, meu filho tinha... Não tinha nem três anos, mas era uma relação que já estava ficando insustentável. Porque, na realidade, o meu ex-marido era ex-usuário de drogas. E, por conta disso, ele tinha uma instabilidade emocional que, no período de namoro, eu não tinha visto, né? Não oscilava tanto. Entendeu?

E sobre a infidelidade conjugal, qual é a sua opinião?

Eu coloco a infidelidade conjugal dentro dessa caixinha chamada desrespeito. Eu posso falar de mim. Eu nunca vivi uma situação... Eu acho que a gente pode evitar... Eu não posso impedir uma ave de pousar na minha cabeça. Mas eu posso impedir essa ave de fazer um ninho. Então, a partir do momento que você percebe que você está se envolvendo com uma outra pessoa... Eu não vejo... Eu não acho justo que essa terceira pessoa não saiba desse envolvimento. Entendeu? Eu acho que é um risco que quem quer se envolver tem que assumir. Então, se eu tenho a pretensão... Estou curtindo um lance com uma outra pessoa e sou casada e o meu marido não sabe... Eu não sei se... Eu nunca passei por isso, tá? Mas... Eu não sei se eu não falaria.

Se eu estou querendo bancar algo muito legal que eu estou vivendo... Extraconjugal... Uma relação extraconjugal... Eu tenho que estar disposta a correr o risco de perder meu casamento. Agora, você embrulhar, se envolver... Ficar com essa. Ter uma outra relação e depois voltar... Perde a confiança, né? E sem confiança não dá pra caminhar. É complicado mesmo.

Em Efésios, nós encontramos o seguinte, no Novo Testamento. “O marido é o cabeça da esposa, assim como o Cristo é o cabeça da igreja”. Como você interpreta este versículo bíblico?

Eu interpreto como se fosse uma questão de liderança. Porque eu não sei se ainda está em Efésios... Tem vários textos na Bíblia que há uma certa distorção... Quando fala assim... Vós, esposas, seis submissas... Eu, seus maridos... Vós, maridos, amai, vossas esposas... Como o Cristo amou a igreja. Se a gente for parar pra olhar numa outra... Jogar num outro ângulo... O que a gente identifica? Eu acho que qualquer... Eu, sinceramente, gostaria de estar dentro de um relacionamento... Onde um homem fosse esse cabeça líder... No sentido de me amar a ponto de se entregar por mim. Se entregar, que eu digo, no sentido mais sacrificial. Nesse sentido de troca... Não sei se o termo seria sacrificial... Mas num sentido de troca, num relacionamento... Que não fosse tão egoísta, tão unilateral. Porque isso existe em qualquer segmento.

“Até que a morte os separe” É uma citação inspirada em uma passagem do livro de Mateus. Do Novo Testamento. Como você entende esta citação?

Olha... Veja bem... É tão curiosa essa questão de... Até que a morte os separe... Se a gente for olhar... A gente pode falar do até que a morte os separe... Se estiver bom pra mim e pra você, né? A gente não pode ser tão radical a ponto... Digamos, se eu estou dentro de um relacionamento... Onde eu sou agredida fisicamente... Então, eu posso muito bem ter uma outra interpretação... Onde até que a morte os separe... Seja até o momento em que esse marido me mate... Entendeu? Então... Até que a morte nos separe... Eu entendo no sentido de você tentar... Eternizar uma coisa que está sendo boa... Que é legal... Que você subiu montes... Desceu vales... E aí... Poxa, valeu a pena até aqui... Então, foi até que a morte nos separe.

Você considera que um marido pode, sob alguma condição específica, tirar a vida da esposa? Existe alguma situação que possa justificar esse ato no seu entendimento?

Você me desculpa. Eu não consigo nem deixar você terminar. É impossível. Ninguém tem o direito... Nem homem, nem mulher, nem mãe, nem filho, nem marido. Ninguém tem o direito

de tirar a vida de outra pessoa... Ninguém... Triste, nossa. Meu Deus. Eu tive uma referência masculina muito maneira. Então, meu pai nunca me bateu. Então, hoje, uma das minhas maiores dificuldades é entender um homem que se predispõe a se relacionar comigo e que levante o tom de voz. Eu nunca passei por isso, de alguém segurar o meu braço, eu acho isso um absurdo. E eu digo, sinceramente, eu não consigo nem me colocar nesse lugar. Eu não consigo... Eu não consigo imaginar alguém me segurando, me intimidando com o corpo. Eu não consigo, não consigo mesmo. Os homens nem sempre dão esse exemplo... Meu pai foi um cara muito, muito top. Eu digo que meu pai foi um cara à frente do tempo dele. Porque eu tinha 17 anos, meu pai não era cristão e ele virou para a gente, sempre conversando. Chegue aonde vocês precisarem chegar, através do estudo. E no meio dessa conversa ele virou para a gente e falou... Façam sexo quando vocês estiverem em maturidade para assumir as consequências de uma relação sexual. Porque a gente pensa que é o sexo pelo sexo. Os filhos são consequências de uma relação sexual. As doenças sexualmente transmissíveis não se falavam tanto, dos preservativos. E esse cara foi meu pai. Então ele trouxe a gente para um lugar de escolha ensinando a gente a fazer escolhas.

Você já fez um aconselhamento ou deu apoio a alguma mulher vítima de violência doméstica ao longo da sua atuação na religião evangélica?

Como líder q ministra cursos de restauração da identidade feminina já ouvi relatos de violência verbal, e até psicológica, negligência/ restrição / negação de afeto, indiferença, abandono temporário e em datas comemorativas de importância para essas mulheres como forma de punição manipulação. Essas mulheres chegam com relato de seus relacionamentos anteriores (ex namorados, ex maridos). Num primeiro momento tenho uma escuta empática, e encaminho para um profissional tecnicamente habilitado. Essas mulheres são direcionadas a buscar auxílio através da terapia, em caso de dificuldade financeira temos o ambulatório multidisciplinar na igreja. O *setting* terapêutico é o ambiente físico e emocional adequado para que o paciente se sinta seguro e confortável para se abrir.

Na sua congregação houve casos de VD contra mulheres? Como costumam encaminhar ou tratar estes casos dentro do ambiente religioso?

Hoje congrego na sede da igreja com uma média de 10.000 membros. A igreja se subdivide em pequenos grupos com média de 10 / 15 pessoas q se reúnem nos lares semanalmente. Durante esses 8 anos não foi registrado ou compartilhado comigo, VD pelas mulheres (casadas /divorciadas). Mas temos um ambulatório com especialidades médicas e não médicas: psiquiatra e psicólogos, para apoio aos que tenham necessidade de assistência. Temos advogados também que podem orientar quanto as questões legais. Mas a minha opinião pessoal, minha orientação sempre será buscar zelar pela integridade física “dessa mulher” e seus filhos.

Gostaria de fazer mais alguma colocação ou comentar algo que nós não conversamos aqui?

Não gostaria, mas hoje eu vejo que... Em algum momento, eu tenho observado muita militância em algumas questões. Eu vejo que algumas questões são muito polarizadas, sabe? E às vezes eu identifico que pessoas que não mergulham nesse universo da igreja. Porque a Bíblia é o nosso manual de vida. Mas, eu não posso dizer que todas as pessoas a interpretam da mesma forma... E aí a gente vê algumas pessoas que desconhecem esse universo sendo críticas. Às vezes que são até dolorosas. Quando na grande maioria das vezes, a gente se coloca à disposição para ser suporte, para acolher, para dar a essa mulher um lugar de fala, devolver a ela a questão do restaurar a autoestima, enfim... Então...

A sugestão que se de repente houvesse. Para algumas pessoas. Vem para cá dar uma olhadinha no que está acontecendo. Porque tem muita barbaridade rolando... Do outro lado... Tem muita coisa boa acontecendo do lado de cá. E o que... Uma das coisas que eu observo... É... Hoje a igreja onde eu congrego... É uma igreja na XPTO... Então... O nível de escolaridade das pessoas... É um universo onde a gente... Tem de todo tipo de pessoas... Mas a gente tem um pastor... Também ele é muito esclarecido. Mas o que eu observo... De outras igrejas... E comentários que a gente ouve... Quanto menor o nível de escolaridade deste homem. Quanto mais questões ele tem... De autoestima, de questões de lugares que ele não conquistou... De sucesso na sua vida... Ele de uma certa forma... Ele quer colocar um, desculpe o termo, um cabresto nessa mulher. Sim. Então é o que eu observo. Então ele... É muito... Nessas igrejas menores... Com homens com perfil e mulheres também de escolaridade mais baixa. Eles não entendem relacionamento e casamento... Como uma parceria. Como uma sociedade... E aí... A gente vê algumas coisas... Que acontecem aí... Que entristecem e acabam levando o nome da igreja... E... Mas por outro lado... Também a gente tem visto que... Essas questões de feminicídio... Não estão só ligadas à religião... Mas tem... Enfim... É isso.

3. Entrevista - Magnólia

Sua idade, sua escolaridade e se tem alguma ocupação profissional e realiza algum tipo de atividade remunerada.

Tenho 46 anos, eu sou pedagoga, com pós em psicopedagogia. Hoje, eu não estou trabalhando, não estou exercendo a minha função no momento, até o ano passado, estive em uma escola, trabalhando na coordenação, mas resolvi sair para estar me dedicando um pouco mais à obra do Senhor, tá bom?

Também gostaria de saber o seu estado civil, se é casada, há quanto tempo, se tem filhos e se sim, quantos?

Eu sou casada, com o Marcelo, que é o nome do meu esposo, há 16 anos, nós temos 7 filhos. Mas assim, é uma história um pouco longa, então, quando eu conheci o Marcelo, ele já tinha 5 filhos, e eu já tinha uma filha que hoje tem 15 anos, e nós dois juntos temos uma filha, que é a Ana Carolina, que tem 11 anos agora.

E agora vamos para as perguntas sobre igreja e família, tá? Primeiro, eu queria saber qual igreja você frequenta, se você exerce algum cargo ou função na igreja que frequenta, e se sim, qual?

Bom, nós somos da XPTO, hoje nós estamos liderando a XPTO, onde, eu sou pastora, eu lidero um grupo de mulheres, nós fazemos encontros a cada 15 dias, conversamos falando sobre diversos assuntos, a sexualidade, conversamos também sobre a família, sobre os filhos, então é um momento que a gente tira para estar falando também e ouvindo as mulheres que precisam de ajuda, e muitas vezes não são ajudadas.

Como foi a sua entrada na igreja? Pode fazer um breve histórico da sua iniciação religiosa?

Posso sim, quando eu conheci o meu esposo, em 2006, ele já era da igreja, ele já frequentava a igreja, e eu não, então foi a partir daí que, quando nós começamos a namorar, ele começou a me levar aos cultos, e aí a gente foi, eu comecei a sentir a necessidade, né, de estar cada dia

mais na presença, quando nós nos casamos, nós já estávamos congregando numa igreja, próximo de casa, e isso foi em 2008, e aí em 2014 nós fomos para a XPTO.

E você poderia descrever como você vê o papel da família, qual o sentido do núcleo familiar para você?

Sim. É um mistério, né, Ticiane, a família é a nossa base, então às vezes nós precisamos, estamos tristes, acontece alguma coisa, mas a gente encontra dentro do núcleo familiar, dentro da nossa casa, aquilo que a gente precisa, às vezes é um abraço, uma conversa, porque os dias são muito difíceis, e estar à frente de uma igreja também não é fácil, e são inúmeros problemas, inúmeras situações, em que a gente precisa realmente desse apoio familiar, eu e meu esposo, a gente conversa muito, a gente troca muito, e principalmente com ele, eu encontro, como posso dizer para você, como se fosse a base mesmo, o apoio.

E a sua família, ela também frequenta a igreja, e se sim, como você define a participação deles na religião?

Então, aqui em casa, como eu falei, nós somos nove, desses nove, eu tenho as duas meninas que frequentam a igreja, e a minha filha, a Ana Carolina, como eu falei, tem 15 anos, ela vai conosco, ela é adolescente, e nós temos a Vitória, que também vai à igreja, a Vitória já é casada, tem 24 anos, mas vai conosco dos poucos, os outros não, os outros ainda não, mas eu creio que já, já, Deus vai estar preservando eles também. Dentro desses, a gente tem dois filhos especiais, que são o Pedro e o Miguel, eles têm a paralisia cerebral, então assim, eles realmente são 100% dependentes de todos, e eles a gente não leva, porque eles sempre ficam com dores, e isso não acaba, então a gente tem uma pessoa que ajuda a gente trabalha durante a semana e fazendo o que for necessário ao longo dos dias.

Pastora, e qual a sua opinião a respeito do casamento?

O casamento precisa ser algo em que os dois estejam participando, os dois estejam juntos realmente, não adianta pessoas estarem casadas, mas cada um para o seu lado, então o que eu vivo hoje no meu casamento é uma participação 100% dos dois, a conversa, o diálogo que tem que existir, a ajuda e a troca com relação ao outro. A gente está sempre perguntando o que o

outro acha, o que o outro pensa, pedindo mesmo, a gente conversa muito sobre tudo e vem pra essa. O que eu vejo muitas vezes em outros casamentos que a gente acaba tendo contato com outras pessoas é que infelizmente as pessoas não querem ceder. A gente sabe que quando você tem duas pessoas, são duas pessoas diferentes, com costumes diferentes, foram criadas em famílias diferentes, porém quando você tem a vontade, quando você tem o desejo de se juntar, de casar, como precisa ceder um pouco a cada dia para que esse casamento venha a dar certo. Quando isso não acontece, aí começam os problemas, por que a gente costuma dizer que pra que serve a razão? Um quer ter razão e a razão serve pra tudo. Quem quer ter razão perde pessoas, mas quando se fala muito sobre isso.

E como você relaciona o casamento com suas atribuições na igreja?

Então, como eu falei, nós somos pastores dessa igreja, nós somos visitantes dessa igreja. Então, a gente está sempre junto pra tudo, a não ser quando a gente tem os encontros das mulheres, aí eu estou sozinha com as irmãs porque é um momento em que a gente tira realmente para estarmos só nós, mulheres. Mas, ele, graças a Deus, ele trabalha fora e a gente consegue participar da questão do trabalho dele, as atribuições da igreja, do ministério dos dois, na verdade que Deus tem para cada um.

E o que você pensa sobre separação e divórcio? Como costumam encaminhar ou tratar esses casos dentro do ambiente religioso?

Na verdade, o que eu penso sobre isso, para se ter um divórcio, pra se pedir um divórcio, uma separação, tem que ter algo muito sério, entendeu, Ticiane? Porque, quando a gente casa, como eu falei, são duas pessoas diferentes, que foram criadas de formas diferentes. Então, o que eu converso muito é que casamento é uma instituição que Deus distribuiu, né, o casamento é um projeto de Deus, a família é um projeto de Deus, e a gente precisa estar muito certa disso e a gente casa. Não é, eu me caso hoje, se não der certo, eu separo amanhã. Por isso, existe a necessidade da oração, existe a necessidade de conhecer, pra ter certeza quem é a pessoa que é antes de casar. E em relação às mulheres da igreja, né, acho que eu costumo conversar com elas muito, porque assim, a gente pensa a questão, ah, não quero mais, mas não quer mais porque, vai ser o quê? A gente sabe que a vida, ela fala do adultério, né, e a gente sabe também que essa questão da violência contra os homens, que ela pesa muito. Então, são duas coisas que a gente conversa muito sobre isso. Então, para separar, há alguma coisa nesse sentido.

Por exemplo, assim, coisas corriqueiras, a falta do ceder, eu quero sair com o outro, não quero sair com o outro, não entende, mas não entende por que, você já tentou se explicar, já tentou conversar, sentou-se pra conversar? Porque não adianta a gente simplesmente achar que o outro não entende sem ter colocado o ponto de vista, sem ter sentado, conversado, sem ter dialogado sobre determinados assuntos.

E qual a sua opinião sobre infidelidade conjugal? Como costumam encaminhar ou tratar estes casos dentro do ambiente religioso?

Inclusive, eu mesmo, nós estamos em um caso desse na nossa igreja, e eu tenho conversado muito com essa igreja sobre essa situação, porque quando a gente escolhe um parceiro, quando a gente escolhe um amigo, quando a gente se prontifica a estar junto, por que a infidelidade? O que é que leva isso? Qual é o motivo? Não existe motivo, se não tem como dar ceder por algum, a gente não sabe o que é algum motivo alheio, é necessário se ter uma confessa.

Então, assim, eu tenho tentado, em relação a essa, uma coisa específica, mostrar pra ela que não vale a pena essa questão da infidelidade, da traição, porque isso não vem de Deus, é um pecado. Acredito que ela tenha entendido isso, mas quando a pessoa está dentro, às vezes é bem difícil, dá um risco de sair. Mas a gente está incentivando pra que largue essa situação, e que fique bem com seu esposo.

No caso, esse casal especificamente, ela está sendo a que comete a infidelidade, é isso?

Isso, exatamente. O esposo não é da igreja, ela também, ela não é membra, vamos dizer assim, ela frequenta, ela vai te visitando, e nesse momento em que ela vai te visitando, ela conversou comigo, por quê? Porque eu vou falar com ela, né? Por que ela não fica? Por que ela não se firma? Porque existe a necessidade de a gente querer, a gente precisa dar o primeiro passo. Então, eu vou uma vez por mês, ou uma vez a cada dois meses.

Isso não vai resolver o meu problema. Eu preciso querer que o meu problema seja resolvido. Eu preciso querer pedir a ajuda do Senhor, mas para isso eu preciso dar o primeiro passo.

E uma das vezes que ela foi, ela relatou essa situação. Se eu não me engano, já deve ter uns três anos que ela falou que está com essa relação extraconjugal, né, e não consegue sair. Mas como é que é esse relacionamento do esposo com ela em casa? Por que ela está nesse outro relacionamento? Qual é o motivo? Não tem motivo. Entendeu? Ela diz que não tem motivo,

que o marido trata super bem, que não falta nada, e a gente não consegue entender o porquê desse outro relacionamento. Ela não consegue sair, ela não consegue largar, vamos dizer assim.

O marido é o cabeça da esposa, assim como o Cristo é o cabeça da igreja. Como você interpreta este versículo bíblico?

Então, eu costumo dizer que o marido é o cabeça e a mulher é o pescoço. Porque assim, a gente que é mulher, a gente também segura essa relação. E quando a gente vê que o marido é o cabeça, não é com relação a essa questão de ser totalmente submissa, que muitas mulheres falam, ah, é o cabeça, mas eu não tenho que ser submissa. Jesus é o cabeça da igreja, e a gente precisa estar sempre reputando, orando e pedindo para que ele venha nos responder, para que ele venha ouvir as nossas orações. E com o nosso marido, a gente precisa estar sempre conversando sobre diversas situações que acontecem. A mulher não está sozinha quando ela tem um esposo. O esposo é o cabeça da casa, é o cabeça da relação. E a partir desse momento, ele precisa estar cuidando, assim como o Cristo cuida da igreja, cuida do povo. O marido, como cabeça, precisa cuidar da sua casa, da sua família, dos seus filhos. Nesse sentido.

Até que a morte o separe, é uma citação inspirada em uma passagem do livro de Mateus, no Novo Testamento. Como você entende esta citação?

Então, até que a morte o separe. A partir do momento em que não se tem, como eu falei antes, algo muito sério, justifica uma separação, eu acredito no “até que a morte o separe”. A não ser quando existe, como eu falei, um adultério, quando tem, de repente, a questão da violência doméstica, que começa a separar os dois, até que a morte o separe, para que a gente fique juntos. Até que um e o outro vá. Mas com respeito, entendeu, Ticiane? Com respeito, com cuidado, com amor. A gente sabe também que muitos casais falam, quando passam muitos anos casados, a pessoa já não tem mais aquele amor do todo. Eu acho que o amor é uma busca diária. O amor, você vai fazendo que ele aconteça diariamente. Entendeu?

E na sua congregação, houve casos de violência doméstica contra mulheres? Como costumam encaminhar ou tratar esses casos dentro do ambiente religioso?

Normalmente, quando esses casos acontecem, o marido não é da igreja. Teve um caso, pouco tempo atrás, a violência doméstica era muito grande contra essa mulher. Nós, inclusive, orientamos de diversas formas. Porque, nesses casos, a gente acredita que a separação não pode acontecer. O divórcio, ele é perdoado pelo senhor. Quem precisa cuidar da esposa, quem não está cuidando, está maltratando. Como é que fica isso? Onde está esse amor?

Eu deveria ter um modelo, exatamente, para eu analisar isso. Então, o que acontece? Esse divórcio, ele cometia violências como uma agressão verbal, a agressão sexual também.

Nós tratamos de diversas formas, mostrando para ela que ela realmente não precisava, e Deus não quer que ela passe por aquilo. Ele nos fez para que nós viéssemos ser felizes, e que viéssemos ser bem tratados, assim como nós deveríamos tratar o outro. Mas ela se separou, ela ficou separada dele por um tempo. Mas é uma relação tóxica, vamos dizer assim. Eles sempre se separaram, sempre voltam. É o ciclo da violência, como se diz, não é? E aí ele sempre diz para ela que vai ajudar. E aí ele fica na porta do trabalho, esperando-a sair. E, segundo ela, ele tem que falar algumas coisas. Quando ela chega em casa, ele agride. As violências que ele fez, não é? Bater, fugir, a violência sexual. Entendeu? Até quando ela recebe o pagamento, dele pegar o dinheiro, dele deixar o seu dinheiro, ele é usuário de drogas, ainda tem esse agravante. E ela não consegue se desvencilhar nessa relação. É, é triste mesmo.

Então você já fez um aconselhamento, e deu apoio a essa mulher vítima de violência doméstica. Mas só essa ou outras ao longo da sua atuação na religião?

Nesse sentido, realmente, de violência doméstica, dessa questão de agressão, que conversou comigo, né? Foi só essa. Porque pode ser, as mulheres hoje em dia, elas ficam com muita vergonha de falar sobre o que passa dentro da relação dentro de casa com a os filhos. Mas, com certeza, a gente sabe que existem outras que passam por essas situações. A violência verbal, psicológica, elas são muito mais frequentes do que a violência física. A patrimonial, é mais comum dentro das igrejas do que a gente imagina.

Pastora, você considera que o marido pode, sob alguma condição específica, tirar a vida da esposa? Existe alguma situação que possa justificar esse ato no seu entendimento?

Não existe justificção nenhuma. Eu acredito que só Deus pode nos tirar a vida. Só Ele que deveria. Mas infelizmente a gente vê todos os dias situações da prisão, os comentários que homens têm tirado a vida não só de suas esposas, mas de outros vizinhos e de outras pessoas. O que justifica? O homem não tem direito disso. O ser humano não tem direito de tirar a vida de ninguém.

E para finalizar, você gostaria de fazer mais alguma colocação ou comentar algo que não conversamos aqui?

Não, Ticiania. Só se você quiser fazer mais alguma pergunta. Não.

4. Entrevista - Nara

Eu começo perguntando idade, escolaridade e se tem alguma ocupação profissional. Se realiza algum tipo de atividade remunerada.

Eu tenho a formação de serviço social. Graduada em serviço social. Pós-graduada também em serviço social e políticas sociais. E pós-graduada também em gerontologia. E agora estou cursando o oitavo período da psicologia. Tenho 60 anos e sou remunerada para liderar uma igreja. Onde eu sou a pastora-presidente hoje.

E o seu estado civil, pastora? Se é casada, quanto tempo? Se tem filhos? Em caso positivo, quantos?

Eu sou casada. Tenho 42 anos de casada. Casei cedinho e me mantenho no casamento. Tenho um casal de filhos, todos dois casados. Também estudados, formados.

Qual igreja você frequenta? E você já respondeu a função que você exerce na igreja. Qual o seu cargo e função que exerce na igreja. Você já respondeu que é pastora. Mas eu gostaria de perguntar também qual é a igreja.

~~XPTO~~-Eu estou liderando lá há 15 anos. Mas eu sou membro da igreja há 29 anos. Eu já tive passagem também na congregação de Jacarepaguá, que é filial dessa. No meio de 41 igrejas. Essa é uma das filiais, XPTO. E a nossa sede é aqui em Campo Grande, na Rua XPTO. Liderada pelo Bispo XPTO e a Bispa XPTO.

E como foi a sua entrada na igreja? Você pode fazer um breve histórico da sua iniciação religiosa?

Sim. Eu sofri um acidente. E quebrei a perna esquerda. E no hospital eu recebi orações. E eu estava muito desesperada porque eu tive fratura exposta. E dali um sofrimento muito grande, seis meses na cama. Quando eu me levantei, não tinha nada assim que me preenchesse. Se não fosse para a igreja. Eu fiquei muito desnorreada, porque eu sempre fui muito ativa, mas eu não era crente. Eu sempre tive temor da igreja católica. Nesse acidente eu acordei para a vida.

Porque eu só vivia naquelas quatro paredes ali, com meu marido, ajudando-o. Eu achava que era só aquilo, a vida. E depois fui para a igreja. Esse encontro com Deus abriu uma visão panorâmica da minha vida. Deu uma virada. Eu acordei em todos os sentidos. Em estudar, na formação dos meus filhos, na minha formação, na minha caminhada, a respeito do meu casamento, que era uma cegueira que eu tinha. E depois eu vi que não era nada aquilo. Que eu precisava ter um posicionamento. E aí eu fui para a igreja. Estou lá até hoje. E o número de mulheres da minha igreja é bem considerável, porque eu olho pela questão de eu ser mulher.

É um número grande. E essas mulheres também, por conta de me ver estudando, foram motivadas a estudar. É um bairro, você não conhece, mas é um bairro carente, na Baixada Fluminense, onde as pessoas têm um olhar assim. Quem mora aqui, está bom. Ganha um salário-mínimo, está bom. Sabe ler e escrever, está bom. Se não souber, também está bom, porque aqui é roça. Só que esse olhar, para mim, não serviu. Eu encarei de outra forma.

E hoje a igreja, o número de formandos lá, eu acredito que foi por causa dessa influência, de eu estudar. E muitas mulheres, a maioria que vai para a formação, vai para serviço social, porque a gente tem uma carência muito grande no bairro a respeito. A gente lida com várias demandas dentro da igreja que chegam e a gente já tem aquele olhar aguçado, que ou é um abuso, ou é uma violência no casamento. E aí, eu peguei essa visão e estou ainda aí.

E você poderia descrever como você vê o papel da família e qual o sentido do núcleo familiar para você?

Bom, olha, como que eu vejo a família como núcleo? Eu vejo a família, biblicamente, ela é um projeto de Deus. E a importância dela na sociedade, mas também em respeito às famílias que são formadas hoje. Entendeu? Isso aí, a gente, como líder religioso, a gente tem que desconstruir por conta de a gente estudar.

A gente não pode ter um olhar de julgamento, porque também a gente olha para a nossa sociedade, a gente vê um sofrimento, onde muitas pessoas estão vivendo em família, marido, mulher, onde não há respeito, onde há violência, onde não há cuidado com filhos. Então, a gente tem que desconstruir e entender esse núcleo familiar. Biblicamente, na igreja, eu observo e cuido e vejo que as famílias hoje, eu penso que há muitos anos, é que hoje as pessoas têm mais coragem de falar. E que antigamente as mulheres se retinham no sofrimento, morriam com depressão ou com desgosto, alguma coisa parecida, porque não desabafavam. Hoje já tem a

questão de a gente interagir mais no departamento de mulheres, principalmente, o que eu lidero. Lidero o departamento de mulheres mesmo da igreja, até porque eu vejo que há uma necessidade de não colocar outra pessoa que não tenha um olhar para que não venha deixar passar batido as situações.

E aí eu vejo que muitas mulheres, hoje elas têm a força de falar, de se expressar um sofrimento naquilo que vivem. Mas eu prezo o núcleo familiar, marido, mulher, filhos, eu prezo, eu ajudo naquilo que é espiritual, sabe? E digo mais a você, quando há violência, eu sou a primeira pessoa a mandar ir para a delegacia. Eu sou a primeira pessoa a dizer, se está hoje batendo, amanhã vai matar.

Tem um ciclo aí. Hoje bate, amanhã tem uma lua de mel, tem um carinho, daqui a pouco bate de novo, daqui a pouco enfia uma faca. Então vai para a delegacia, se resolve lá.

Aqui a gente vai orar, vai aconselhar, mas lá é o lugar onde você vai resolver essa causa. Entendeu? Porque eu vejo que lá no bairro onde moro, os pastores, as lideranças lá, principalmente os homens, ou então aquelas pastoras que são, elas entendem submissão a marido como se estivessem debaixo do perigo. Então elas mandam as irmãs das igrejas delas lá orar. Vai orar e Jesus vai dar vitória. Só que não funciona assim. No campo espiritual, você, não sei o seu credo religioso, mas eu acredito que você tem temor.

Deus só faz o que é impossível. Aquilo que é possível, faça você. Você está fazendo a sua graduação, está no seu mestrado, na corrida. Deus vai te abençoar na medida que você se esforçar, na medida que você der seu passo. Para isso, ele não vai fazer. O impossível, ele faz.

Mas o que é para você, você tem que fazer como você está fazendo. Então a gente passa muito por isso lá. Aí vem, eu atendo muitas mulheres de outras denominações.

Quando apanha do marido, quando é humilhada. Pela questão da psicologia, eu falo que eu não atendo as pessoas ainda. Mas as pessoas estão sabendo que eu estou cursando.

Aí vai lá pedir um conselho, um aconselhador. Mas aí eu já tenho aquela observação pela psicologia, que há um sofrimento ali. E aí já tem amigas que podem atender, eu já encaminho para poder atender, para poder estar ajudando também. Mas é isso.

E a sua família também frequenta a igreja? E se sim, como você define a participação deles na religião?

Meus filhos foram ensinados desde pequenos, que eu tenho esse tempo na igreja. A minha filha foi com 5 anos, o menino tinha 8 anos já ia comigo. E o meu esposo, demorou um pouco, foi também. Eu defino que a minha família, junto comigo, eles são braços, né? Me dão um suporte. Meu filho, ele hoje mora longe. Já não dá aquele suporte, mas em todo o tempo esteve perto. Eu penso até que, no tempo oportuno de Deus, foi bom ele estar ali, porque ele tinha que seguir a vida dele, e eu tenho esse olhar também. A partir do momento que o filho, a filha casa e quer ter sua vida, eu não obrigo seguir comigo.

Eles continuam na jornada cristã, mas não junto comigo. Só a minha filha que vai. Agora está de resguardo, não está indo, mas é muito legal.

E meu esposo, hoje, ele é o meu fã, ele é meu marido, mas é minha ovelha, senta-se na cadeirinha, fica lá me olhando, diz que quando eu não estou lá o culto não é a mesma coisa, porque ele se tornou fã, né? Mas foi difícil chegar a fã, foi bravo. É isso.

E qual a sua opinião, pastora, a respeito do casamento?

Bom, o casamento é uma bênção a partir do momento que se respeita, né? O respeito, eu olho hoje, com 60 anos, eu olho o casamento que é um conjunto, mas ele não é o sexo, não é só o sexo. Como muitas pessoas têm aquele olhar que vai se casar para ter sexo. Não. Ele é um conjunto, ele é amizade, ele é a cumplicidade, é o companheirismo, é o afeto, é tudo. O casamento é isso. E aí, hoje, eu e meu esposo, nós somos eu e ele na casa, é um ajudando o outro, eu o ajudo, ele me ajuda, meu companheiro, o amiguinho, é a minha rede, eu sou a rede dele. Entendeu?

E como você relaciona o casamento com suas atribuições da igreja?

Olha, hoje eu falo para você que, em tempos passados, foi muito difícil. Ele não compreendia, não. Mas o tempo foi passando e eu fui entendendo que eu fui chamada para aquilo. E eu fui levando isso, assim, inserindo na minha família o meu chamado. Mostrando para eles o discernimento que estava tomando naquela situação. E quando eu fui convocada para pastorear, aí eles compreenderam de boa e sempre me ajudaram.

No meu casamento, meu marido falou que ia estar perto de mim e a gente está indo. Mas, assim, a gente não discute. Ah, eu tenho que estar lá, você tem que estar comigo, não. Eu entendo que

ele não foi chamado. E quando ele diz que eu não vou porque eu não aguento a minha pegada, eu entendo. Agora, vou dizer para você que eu me sinto muito mal quando eu chego nos lugares que ele não vai comigo.

Entende? Tenho que ter uma postura totalmente diferenciada. Por quê? Porque onde, às vezes, eu sou convidada, tem lá um marido com uma esposa. E aí eu chego lá com um casal, um diácono e a esposa, ou duas diaconisas da igreja. E aí eu tenho um posicionamento, assim, de logo pregar, se eu vou pregar, logo vou embora. Se eu vou dar uma palestra, logo, também terminou, eu vou embora. Para evitar que tenha, assim, muito diálogo, e venha levantando as coisas daquele pastor, entendeu?

E o que você pensa sobre separação e divórcio? Como vocês costumam encaminhar ou tratar esses casos dentro do ambiente religioso?

Olha, eu sou muito tranquila a respeito. E se não está dando certo? A Bíblia é contra o divórcio. A Bíblia é. Mas eu sou a favor daquilo que não se sente bem, se está sofrendo, é melhor separar. Porque ninguém vive uma vida, hoje, no século XXI, para agradar outro. E eu dou o conselho. O que o pastor não está dando, o que está acontecendo? Aí é relatado. Dá para andar mais uma milha com ele, com ela? Dá. Não dá? Então, vamos ter um outro diálogo aqui. Passo a lembrar. Aí tem um bate-papo bem legal para a pessoa entender o que ela está fazendo, entendeu? A gente dá uma volta, lembra do dia do casamento, da trajetória dos filhos que nasceram. Essa discussão hoje é por quê? Aí é financeira, é por causa de dinheiro. Aí a gente vai ajustando. Mas quando tem violência, ele me humilha, ele me invade, ele me xinga, ele me maltrata, falta comida. Aí é outro departamento. E eu não tenho problema nenhum de encaminhar para separar, não. A Bíblia condena porque o adultério não é o marido trair a mulher. O adultério é transgredir a lei. Quando esse marido transgrede de não cumprir com a provisão, é adultério. Quando ele transgrede em maltratar a esposa, é adultério. Por quê? Porque Jesus amou a igreja. Ele fala, maridos, amai a vossa mulher, como Cristo amou a igreja.

Então, já é infidelidade se ele maltratar ela. Então, é dentro do contexto bíblico que eu falo, dentro de toda forma. Aí quando diz que não tem jeito, aí é outro departamento.

E aí já entra nessa próxima pergunta, que é para saber exatamente a sua opinião sobre infidelidade conjugal. E como vocês costumam encaminhar ou tratar esses casos dentro do ambiente religioso?

Então, infidelidade conjugal, eu chamo, quando chega para mim, eu converso. Pergunto o que está acontecendo, por que houve. E se de ambas as partes têm como acontecer um conserto ali. Por quê? Porque ninguém merece uma traição.

Mas tem aí também, dentro do contexto, uma história do casamento, uma trajetória. E dentro dessa trajetória tem a família. E às vezes nesse contexto que aconteceu essa aventura, foi porque ele distraiu a mente ou ela, ou por um momento foi aquela coisa dentro de casa que o marido humilhou, não dá carinho, não fala uma palavra bonita para ela ou para ele, e lá fora ouviu e se encantou. Mas e aconteceu? E se há possibilidade de um perdão, é entre eles. Entendeu? Se não tem como ajustar, aí resolvo a questão lá na justiça. A parte espiritual, sempre eu vou dar um conselho, eu vou fazer mais de um, dois, três, quatro, cinco gabinetes. Mas se não der, aí não é comigo. Mas sempre dá certo, entendeu? Sempre dá certo. Sempre as coisas se encaminham para o lado de Deus e é o perdão. E eu tenho vários casos que foram resolvidos com perdão.

O marido é o cabeça da esposa, assim como o Cristo é o cabeça da igreja. Como você, pastora, interpreta este versículo bíblico?

Então, quando fala o cabeça da igreja, ele, o marido, o cabeça da mulher, não é que ele vai pensar por ela, ele vai ser o responsável por ela, ele vai ser o provedor dela, ele vai ser o sacerdote da casa, entende? Não que ele vai ser o dono dela, porque casamento não quer dizer propriedade. Casamento, quando a gente se casa, a gente assina um documento, é um contrato ali. Tem que haver diálogo, porque Jesus é o cabeça da igreja, mas todo tempo você vai ver ele dialogando com a sua igreja, dando oportunidade para a sua igreja.

Toda vez que nós chegamos na casa de Deus, é ele cabeça, dando oportunidade para seus discípulos se arrepender, de perdoar, de amar, de cuidar, é isso. Entendeu?

E o Até que a Morte o Separe, é uma citação inspirada em uma passagem do livro de Mateus, do Novo Testamento. Como você entende essa citação?

Eu entendo que o casamento, o olhar de Deus é que seja assim, Até que a Morte o Separe.

Eu prego muito sobre isso quando eu vou ministrar casamento, mas é a história de cada um, sabe, Ticiane? Cada um é que vai entre as tempestades da vida, na caminhada, se vai suportar, porque num casamento, eu falo sempre quando eu estou celebrando, o casamento tem os dias nublados, os dias de chuva forte, que são os problemas, a doença quando chega, a mulher adoce, aí entra um contexto aí, “Até que a Morte o Separe”, quando fala “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”. Aí, no final diz, vou te amar até que a morte nos separe. Dentro disso aí, é que está o problema, que nem sempre o marido, vendo a mulher doente, acamada por um tempo, ele será servil a ela, ou vice-versa.

Uma mulher vendo seu marido acamado, não funciona mais, não fala, deu um AVC, ficou todo torto, o que ela vai fazer? Ela vai seguir o caminho dela. Nem sempre essa mulher vai ser perseverante do lado. Aí chama-se, é a palavra pequeninha, infidelidade.

Entendeu? Aí, é essa questão, até que a morte nos separe. Quando a pessoa consegue romper essas barreiras todas, ela consegue chegar até que a morte nos separe. Em vários casos, eu tenho presenciado de pessoas que têm levado o seu esposo ao sepultamento lá e vice-versa, a mulher morreu, mas viveram juntos, até que a morte separou.

Entendeu? Mas hoje, a gente está vendo também, nesse século, nessa sociedade corrupta, tão difícil, é uma dificuldade grande de um casamento prosseguir com essa força, com essa visão, com esse compromisso.

E na sua congregação, houve casos de violência doméstica contra a mulher? E como vocês costumam encaminhar ou tratar esses casos dentro de um ambiente religioso?

Quando chega para mim isso eu penso pra não ir à delegacia comum, porque tem covardia. Eu falo, vai para a delegacia da mulher e de lá você vai ser encaminhada pra resolver essa questão.

Teve um caso que a irmã, ela ligou para mim, em desespero, ela mandou um áudio, e aí, na época, eu não tive uma vigilância, eu respondi pra ela, ué, vai pra delegacia, vai ficar apanhando dentro de casa. E aí, ele tomou o celular dela, do marido, e ouviu o que eu falei. Aí, ele espalhou no bairro que eu era destruidora de casamento. Só que ele não espalhou no bairro, porque ele bateu na mulher dele. E ela foi na delegacia. E aí, ele procurou o meu líder geral, né? Pra falar que eu sou destruidora de casamento, aí o bispo falou. Ele falou, ah, você tem que tirar aquela pastora de lá. Aí, ele falou, você conhece ela há quanto tempo? Ah, eu a conheço há dois anos. Então, eu a conheço há mais de vinte anos.

Se ela tomou esse posicionamento, é porque ela sabe o que ela está fazendo. E aí, essa irmã foi pra delegacia, ele continuou maltratando-a, e disse que não ia sair da casa. E aí, ela me procurou e falou, ah, pastora, ele disse que não vai sair da casa.

Eu falei, você retorna lá, na delegacia da mulher, e bate firme com isso aí. Aí, ela foi e encontrou a delegada lá, muito abençoada. A delegada mandou a viatura na hora tirar ele de dentro de casa.

E só retirou, só foi retirada a viatura de frente da casa quando o cara tirou tudo de dentro de casa. Ele já estava se preparando pro próximo passo, matar ela. Ele tinha ferramenta dentro de casa que ela nunca viu, umas barras de ferro, e ia matar.

E hoje, ela tá vivendo uma vida maravilhosa. E ele está andando igual um cachorro no bairro. Então, quer dizer, isso aí foi um dos casos.

Outro caso que eu vou citar para você, que me lembrei aqui, de uma jovem mulher muito bonita. Você conhece aquelas pretas de Senegal? São muito lindas aquelas pretas.

Ela tem, assim, um perfil. E ela apanhava do marido. O marido era puxador de escola de samba nesses buracos quentes aí. Ele batia nela, a maltratava com fome.

E ela ia na mãe dela lá em Bangu, a mãe dela dava uma cestinha de comida, o leite da criança. Aí, um dia, ela chegou lá na igreja.

Eu fui fazer uma oração por ela. Ela se deitou no meu ombro e começou a chorar. Aí, eu afastei com ela, assim, fomos para uma sala.

Ela contou tudo para mim. E eu já estava maltratando-a. E ela já não aguentava mais. A comida que fazia, ele comia e não deixava nada para ela e o filho, o garotinho tinha 3 anos.

Ela falou assim, não aguento mais. Eu falei, você quer ir à delegacia? Ela falou, não tem dinheiro. Dei dinheiro para ela. Para a delegacia da mulher. E lá em Nova Iguaçu, tem o CEAM. Que faz também acolhimento com psicólogos, assistentes sociais. E ali, já foi encaminhado direto para a justiça. Entendeu? Foi um boom na vida dela.

E ele, quando soube que ela ia fazer isso, que estava fazendo isso, ele quis se matar. Jogou álcool no corpo. Aí, ela ligou lá para minha casa. Eu falei, na sua casa, eu não vou, não. Vou pedir pra dois homens, dois obreiros, irem aí. Os obreiros foram lá, oraram. Mas ele não mudou o comportamento, não.

Era só pra ela tirar a queixa, entendeu? Enfim, conseguiu divorciar. Está vivendo um tempo novo. Está trabalhando. Está feliz da vida. Alugou uma casa. Está morando fora do bairro.

E ele está lá com a vida miserável. Porque ela era a que trazia provisão. A mãe dava.

Ela está vivendo maravilhosamente. E assim, ele tomou bronca de igreja. Então, as pessoas fazendo as coisas erradas, ela tomou bronca da igreja. Mas eu não me arrependo em nenhum momento de ter dado a instrução para ela ter ido em frente pra essa separação.

Muito interessante. Muito bons esses dois relatos. Era exatamente uma pergunta que eu ia fazer. Sobre aconselhamentos e apoios que você já deu a mulheres vítimas de violência. Então, acho que foi muito ilustrativo.

Encaminhando aqui, já pro final da nossa conversa, pastora, eu vou fazer uma última pergunta, que é o seguinte. Você considera que um marido pode, sob alguma condição específica, tirar a vida da esposa? Existe alguma situação que possa justificar, no seu entendimento, esse ato?

Não, de maneira nenhuma. Jamais. Isso aí nunca. Está errado. A gente tem visto aí, é revoltante, essa coisa do feminicídio. Isso tem acontecido com gente de igreja. Muitas pessoas com esse sofrimento porque começa pequeno e a liderança fica orientando perdoa, aguenta firme. Deus está no controle. Não, Deus não está nesse negócio, porque Deus não está no meio da maldade. Deus é justo. E o que Ele quer é que tenha posicionamento, atitude, numa hora dessa. Então, eu não concordo. De maneira nenhuma. Ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém. Sou contra. E se chega qualquer mulher com essa fala perto de mim, eu faço questão de levar na delegacia. Não pode. É inadmissível.

Isso é muito triste. E a gente que é mulher, você vê que nessa sociedade, a mulher, a maior inimiga da mulher é a mulher. Porque, às vezes, as mulheres, elas derrubam a outra olhando, fazendo reparos. Ai, está vendo? Está com a unha sem fazer. Isso é uma humilhação. Olha só o cabelo dela, ridículo. Outra humilhação. Se a gente se unisse, seria tão bom as mulheres estarem em outro nível.

Em outro nível. Lá na igreja, eu faço grupo de mulheres com estudo. Mas eu não trago estudo assim, ah, é só Bíblia? Não.

Eu trago estudo de psicologia, cura interior, faço tratamento. Essa semana vai começar lá um grupo terapêutico e vai uma psicóloga, porque não pode ser eu mesma, tem que ser gente de fora, para fazer a terapia de grupo. Então, já tem 12 mulheres para esse trabalho.

Por quê? Eu observei mulheres que têm demandas dentro de casa, mas que elas não têm condições de pagar uma psicóloga. E nesse grupo, ele é um grupo acolhedor e sigiloso. Nesse grupo, cada uma vai ouvir a psicóloga falar e depois cada uma vai fazer o seu desabafo. E esse desabafo, ela vai jogar para fora aquilo que está perturbando a vida dela. Então, vai ser quinzenal esse encontro. Depois desse encontro, a minha parte espiritual faz uma oração, um momento de oração uma com a outra, depois a gente vai tomar um café da comunhão, onde elas vão se sentir acolhidas, e vai formar um vínculo, porque elas já têm vínculo comigo.

E tendo vínculo com esse tratamento, vai ajudá-las a romper, dentro de casa, na vida, na caminhada delas. Vai ter muito pensamento. E, às vezes, é aquela mulher que só vive sofrendo dentro de casa, não tem com quem conversar. E uma palestra, uma terapia como essa, vai ajudar bastante. Entendi. E é assim que a gente pega na curva. É, é assim.

Eu queria perguntar se tem alguma questão que você queria abordar, que a gente não tratou aqui. Se tem mais algum ponto que você gostaria de falar.

Bom, já foi importante, né, o que a gente falou. E, assim, hoje eu tenho um olhar para a mulher que ela tem que se superar. Sabe? Eu, na minha caminhada, o que eu mais venho lutando é eu vou me superando. Eu vou buscando, assim, dentro das minhas limitações, me superar e dizer assim, ah, eu vou conseguir. Ah, isso aqui é difícil, mas eu vou passar. Eu vou vencer. Entende? Então, é isso. As mulheres precisam ter esse toque na vida delas. E se despertar. E existe um amanhã que vai conseguir, que consegue vencer, sim. Porque a vida é muito cruel para a gente. Especialmente a gente mulher, né? Se a gente colocar em foco aquilo que a gente almeja, a gente consegue.

A gente vence. Né? Deus abençoe você na sua jornada. Amém. E se precisar, mais uma vez, estou aqui.

Deixa eu te falar uma coisa. Eu lembrei aqui. Teve um caso de uma mulher que lá foi na igreja com um senhorzinho e eu observei que a moça tem um transtorno. E com duas crianças. E o que me chamou atenção é que as duas crianças aparecem com aquele senhorzinho.

E disse ser pai dela. Aí eu falei assim, ué, cadê a mãe dela? A mãe dela morreu, eu cuido dela. E aí, ele contando muita miséria e ela assim, olhando pra mim, os olhos cheios de lágrima.

E ela queria falar alguma coisa. Aí eu falei pra ela assim, fala que eu quero te ouvir. Aí ele falou, ele chegou e disse: ela não tem nada pra falar, não.

Ele não deixou mais ela ir lá na igreja. E aí o tempo passou e eu descobri que ele era o pai dela. Aí eu peguei e fiz uma denúncia para o CRAS lá do Bairro Paraíso e o pessoal do CRAS foi lá na casa. Aí chegando lá, a vizinha que é lá da igreja falou que eles olharam o estado de miséria da casa, a extrema pobreza e fome. E aí, organizaram para ela lá a família, tudo. Mas tem um filho mais velho e eu penso, né, não sei, não posso julgar, que era um filho de um relacionamento que ela teve e esse filho era tratado na vacaria, ficava lá junto com as vacas, ficava com os cavalos e não dormia dentro de casa.

E esse filho de 16 anos se matou. Entende? Então, esse senhorzinho tá com ela lá ainda. Só que é uma coisa que a gente não tem como mexer. Porque ela não tem um juízo normal e ela não tem uma força para falar assim, eu quero. Porque se ela falar eu quero, é só a gente pegar e encaminhar lá pro CRAS e ajudar ela. Mas é uma questão que não dá pra gente se envolver.

E esse filho dela se matou ano passado, o mais velho. Só que ainda tem mais duas crianças, mais duas crianças. E aí o CRAS se envolveu lá. Mas eu vejo assim, muito pouca força dessa parte do governo.

Sabe? A gente igreja, eu vou dizer para você, a gente faz muita coisa lá no bairro. Muita coisa. Muito trabalho. Eu vou atrás mesmo desse povo pra cuidar. Agora há pouco nós abrimos uma congregação num bairro vizinho, que é uma comunidade comandada por tráfico.

É uma extrema pobreza. E você vê na cara das mulheres, o sofrimento. Só que elas estão lá na igreja, não digam que sou psicóloga. Nada disso. Mas é assim, eu vou dando assim umas pegadinhas. Ah, por que que está assim? Que marca é essa aqui? Aí eu peguei uma menina, sábado com o braço todo cortado. Ela se mutila. E aí eu conversei com ela assim, você já foi no médico para ver isso? Precisa buscar mais, vir mais na igreja, a gente quer te ajudar. Então essa menina já foi, sofreu abuso do padrasto que a mãe morava com ele.

Aí a mãe o largou. Só que a mãe já está com outro padrasto. E esse padrasto, ouvindo a mesma conversa, é a mesma rota que ele vai tomar.

Porque a garota é bonitinha. Então a garota ela já vive com aquilo na cabeça. Entendeu? É muito complicado.

E lá na igreja, já que você está perguntando sobre tanta coisa, eu vou relatar isso aqui. Já teve caso de pedofilia. Duas, três vezes.

E aí, primeiro caso o rapaz era diácono da igreja, da gestão passada. Só que quando eu início a gestão, acontece isso. Ele estava assediando um adolescente de 11 anos.

Aí a mãe descobriu, contou pra mim, trouxe as mensagens eu o mandei sumir da igreja. Falei, olha, aqui não. A família iria dar parte. Eu falei, vai dar parte. Isso aí é parte de polícia. Isso é crime. Não foram porque o tio é envolvido com milícia não sei o que, não sei o que. Ficaram rodeando a igreja querendo pegar ele. Eu falei, meu filho vai embora daqui para evitar problema para a igreja.

E aí esse jovem a gente conseguiu resgatar pagando, na época psicólogos para ajudar. E ele, graças a Deus tomou o rumo. Depois teve um outro caso de pedofilia de um menino que desde pequenininho que ele estava na igreja cresceu na igreja e ele estava com 15 anos foi logo no início da minha gestão também. Ele pegou um menino de 5 anos e tirou a roupa do menino no fundo da igreja. Ele ia abusar do garoto. O garoto gritou.

Aí foi aquela correria e eu não vi na hora. Sei que quando eu fiquei sabendo eu fui na casa dele, falei com os pais, disciplinei ele, chamei a família do garoto mandei pra delegacia não quiseram ir, saíram da igreja. Não quer resolver, sai da igreja.

Sempre assim com as pessoas. Não querem resolver a raiz. Bota lá um band-aid num problema, ok.

E aí eu falei pra esse menino você vai ficar disciplinado e quando passar a disciplina se você fizer outra dessa você vai preso. Porque eu vou mandar denunciar vocês de novo. E eu vou te excluir daqui também.

Passou o tempo. Do ano 2018 para 2019 ou seja, acho que foi 2019 pra 2020 saiu. Ele foi na casa de uma irmã, assistiu um jogo com o pai dela e lá a menina de 9 anos, ele enfiou o dedo na garota. Aí a mãe percebeu a garota correr para o quarto, assustada. A mãe tinha ido no quintal. Foi uma coisa rápida, mas só não fez o estrago. Não deu tempo, mas deu um susto na menina e mexeu com a mente dela. E ela já tem assim um probleminha tem uma suspeita que ela tem um TDAH ou um autismo de leve, mas tem algo.

Aí a mãe me procurou chorou, desesperou, falei, irmã, seu marido sabe? Não, mas vai ter que saber. Vai ter que saber por que tem que levar isso avante. Aí no outro dia o marido veio conversar comigo tremendo, querendo matar o garoto.

Não vai matar, vai para a delegacia. Matar o senhor fica preso sua família fica sem a provisão, sem o senhor, não, não é assim, não. Vai para a delegacia.

Foi para a delegacia. Antes de falar, eu fui chamada, tive que depor e aí depois passou o tempo veio a pandemia a justiça também me chamou online e a mãe desse menino morreu. Ele foi excluído da minha igreja, que eu falei pra ele que ia ser excluído, toda a igreja sabia, mas não contei o motivo, é antiético. Mas muita gente sabia, começou a falar e eu falei, ah, não quero saber, pergunta pra eles lá. Aí a família vítima ficou lá na igreja tô cuidando deles até hoje, mas, assim, é complicado.

Aí lá na igreja eu mandei construir banheiros dentro da sala das crianças porque eu fiquei com a minha cabeça muito quente a respeito de uma criança entrar no banheiro de adulto ser violada. Então tem um banheiro infantil dentro da salinha a sala é grande demais eu coloco lá um banheiro de menino e menina, tá tudo lá direitinho, aquela criança que tem seus 9 anos, 10 anos já vai no banheiro com a orientação do pai, eu falo pro pai leva seu filho em reunião, tô sempre feliz, eu levo o filho a mãe leva a filha e eu oriento os obreiros, nada de limpar ninguém, nada de passar a mão nada de abraçar, nada de botar no colo cada pai segura os seus filhos evitem o problema porque tudo sobra pra instituição né, e quem tem que depor sou eu aí é um problema. Tem um outro caso também que foi assim um tumulto na igreja, a mãe separada tinha uma filha, casou-se com um cara mais novo que ela, bem mais novo uma média de 20 anos mais novo que ela, esse cara se apaixonou pela filha violou a garota com 12 anos. Ele dopava a mãe, que tinha um problema, ela dormia e a garota ficava à mercê, sem proteção, violou a menina e essa menina o dia que ela abriu a boca pra mim eu a levei pra minha casa e quando botei o cara na parede ele confessou. Fui na casa da mãe a mãe estava em casa nesse dia passando mal disse que na sua igreja estava com muita dor de cabeça eu falei assim, eu vim aqui botar mais dor de cabeça ainda em você, como mãe cadê sua proteção? Sua filha ele tá aqui pra confessar, ela gritou, chorou, esperneou, enfim, foi pra delegacia. Como ela foi com a garota, depois me chamaram. mas não levou avante porque alegou-se que a garota deu mole pra ele porque a delegacia onde o homem atende, vai falar isso mesmo, a culpa é sempre da mulher, né? E aí essa mãe começa a se encontrar com esse safado e volta pra ele e abandona a filha e ainda envergonha a filha no bairro dizendo que a filha que andava com o marido dela, uma criança né? Porque 12 anos é

uma criança e essa menina ficou um tempão comigo aí eu acionei o pai dela porque ela veio lá em casa, eu contei a verdade pra ele. Falei, não pode ter morte, não, já tá na polícia, o negócio é você cuidar da sua filha, assume sua filha pra que ela tenha proteção ele assumiu a menina, hoje ela tem 20 anos. Fez curso, a gente sempre a ajudando, fez técnico de enfermagem, agora tá fazendo faculdade de educação física e eu sempre falava minha filha a virada tá na tua mão tu não tem que entrar em desespero, aconteceu, segue em frente. Agora, o cara largou a mãe, a mãe foi embora pra uma cidade, tá morando com um idoso lá, A filha perdoou, ela tem que perdoar a sua mãe, só que é aquilo, né? Não merece crédito e assim, às vezes, a gente quando tem esse comportamento essa forma de agir como líder a gente não é tido como gente legal é tido como revolucionário.

5. Entrevista – Cássia

Começo perguntando sua idade, escolaridade e se você tem alguma ocupação profissional ou realiza algum tipo de atividade remunerada.

Eu tenho 45 anos, né, terminei há pouco tempo a graduação em Recursos Humanos e hoje eu sou terapeuta e trabalho nessa área.

Você é casada? Se sim, há quanto tempo? E se você tem filhos, em caso positivo, quantos?

Eu sou casada há 30 anos, tenho dois filhos, a mais velha tem 29, vai me dar um netinho agora e tenho um filho de 17 anos.

Igreja que você frequenta e se você exerce algum cargo, qual a sua função na igreja que você frequenta?

Sim, eu frequento a igreja Batista. É, nasci, né, em berço Evangélico e hoje eu pastoreio uma das nossas unidades. Estou pastoreando essa unidade em específico onde eu congreco há 10 anos.

E como foi sua entrada na igreja? Você pode fazer um breve histórico da sua iniciação religiosa?

Então, quando eu nasci em berço evangélico, eu sempre vivi ali, eu nunca me desviei. Então eu fui galgando, fui crescendo dentro do meio evangélico, dentro das normas da igreja. Então fica, assim, meio complicado pra mim falar quando que isso começou.

Porque desde a infância que eu me vejo na igreja fazendo parte do movimento de trabalho. Na infância, aos 9 anos, eu já trabalhava auxiliando a professora, infantil, já trabalhava nas festinhas com animação infantil. Na juventude, eu liderei a juventude, então assim, eu fui aos poucos, né, galgando esse caminho. Então não tem como eu te dizer, assim, que iniciei nessa época. A infância já foi na igreja,

Você poderia descrever, por favor, como você vê o papel da família e qual o sentido do núcleo familiar pra você? O papel pra mim da família é o papel de equilíbrio. A família, ela traz esse equilíbrio emocional, esse equilíbrio de afeto.

É ali que começa o respeito, é ali que começa a empatia. Na família que começa o amor, a intimidade, pelo menos é para ser, né? Então, eu vejo a família com esse olhar. Sei que tá faltando muito isso hoje no seio familiar, mas foi nessa família, foi numa família assim que eu cresci. E foi essa visão de família que eu formei a minha família junto com o meu esposo e tento passar isso para a frente.

E aí, qual a outra pergunta mesmo que você fez? Qual o sentido do núcleo familiar pra você? Pra mim, o sentido do núcleo familiar é essa importância que a família tem de passar pra geração futura, né? Justamente essa união, sabe? Essa importância de um cuidado com o outro, do amor-próprio junto com o amor mútuo. Porque eu acredito no amor-próprio mesmo dentro do seio da família, né? Você além de ensinar os seus a amar, é você se amar também, né? Então, eu acho que a família, o sentido da família vem muito disso, sabe? Dessa importância de formar essa geração pra que essa futura geração consiga passar também isso pros seus. Essa importância da família.

E a sua família também frequenta a igreja? Em caso positivo, como você define a participação deles na religião?

Então, o meu esposo, eu o conheci no meio evangélico. E nós nos casamos e criamos os nossos filhos também ali naquele mesmo ambiente. E é um ambiente que eles estão até hoje por escolha própria. O meu genro, ele não frequenta a igreja, porém não vejo nenhum problema nesse sentido, entendeu? Desde que ele seja um homem respeitoso, amoroso, com minha filha e com meu neto que vai chegar, não vejo problema nenhum, não. É algo muito tranquilo assim, entre a gente, né?

E qual a sua opinião a respeito do casamento?

Como assim?

O que você acha do casamento? O que o casamento representa para você?

Então, eu vou ter que falar de mim, né? E da minha experiência. Eu me casei muito nova, meu esposo também. O casamento para a gente de início foi algo muito complicado, porque ele veio com muitas demandas, eu também. Sofremos muito por isso, mas conseguimos nos ajustar. E ao nos ajustar, nós conseguimos trazer um equilíbrio para a gente. Tanto como casal, como pessoa própria, né? Como indivíduo. Então assim, pra mim, o casamento é algo muito importante. O casamento me traz amor, me traz segurança, me traz apoio. Ele reforça a minha identidade, né? Ele não tira a minha identidade, o que é muito pouco falado hoje dentro de um casamento. E, de igual modo, eu tento fazer pelo meu esposo a mesma coisa. Reforçar a identidade dele, passar pra ele essa segurança amorosa, afetiva, né? Então, para mim, nesse sentido, o casamento foi algo e tem sido algo muito importante. Pra minha vida, tanto pessoal quanto profissional, tem sido algo muito importante.

E como você relaciona o casamento com as suas atribuições da igreja?

Como assim?

O casamento influencia em alguma coisa o seu papel na igreja, o papel de pastora? Tem alguma relação entre ser pastora e ser uma mulher casada?

Então, no sentido geral, né, não falando em miúdos. Se a gente for falar em miúdos, a gente vai falar sobre a responsabilidade com a casa, com o filho. Sobre a atenção que tem que dar ao esposo, aquela coisa toda. Mas, no geral, estar casada hoje, eu recebo o apoio, claro, do meu esposo. O apoio emocional, o apoio de aconselhamento. Mas não é algo que influencia tanto pra mim.

Em que sentido? Eu vou te explicar. Na igreja, como pastora, eu sou a pastora. Eu cumpro com o meu papel, eu faço o meu trabalho, diante das ovelhas.

E o meu esposo também é uma ovelha minha. Mas, quando a gente fala de sociedade, do papel da mulher diante da sociedade, aí já é diferente. Porque a própria sociedade, a igreja como sociedade em si, ela meio que exige isso, né? A mulher tem que ser casada, quem é o esposo dela, como funciona o casamento dela, qual o lugar que o esposo dela ocupa.

Ele também deveria fazer parte do ministério, ele deveria estar junto dela. Então, assim, tratamos já na questão da sociedade, a gente vê essa cobrança. E a gente acaba sentindo um pouco também dela. Mas eu faço o possível pra que isso não interfira no meu pastoreio, porque

não deveria, sabe? Eu sou a pastora, eu cumpro com o meu papel, eu faço o meu trabalho e ele é meu esposo.

E o que você pensa sobre separação e divórcio? Pergunto também como você costuma encaminhar ou tratar esses casos dentro do seu pastoreio.

Sim. Olha, o tratamento é algo muito sério. Eu acho que para o homem ou a mulher tomar a decisão de se decidir, se unir como carne e com o contrato, eles deveriam pensar muito antes, porque é uma decisão muito séria que você toma ali.

Por mais que diga que não, quando você chega diante do homem natural e diante de Deus, diante do altar, você fala com as suas próprias palavras, né? Diante de serem fiel, diante da morte, aquela coisa toda. Então eu acho que deveria ser algo tratado com mais seriedade. No entanto, nós enquanto homem, enquanto ser humano, aqui nós estamos sujeitos a errar, a falhar.

E muitas das vezes, aquela pessoa com quem a gente acredita passar o resto da vida não é aquela pessoa que se apresentou até o altar. Então dentro disso, quando eu me pego como um casal, onde seja mulher ou homem, foi ou se sentiu enganado no sentido do caráter do outro, e eu não vejo meios de ajudá-los, meios de orientá-los para que a coisa fique possível, para que a união se torne possível. Sim, tá? Eu apoio o divórcio.

E o que você pensa sobre infidelidade conjugal? E a mesma coisa, como você costuma encaminhar ou tratar casos de infidelidade conjugal dentro do seu ambiente religioso?

Então, isso é muito amplo. É algo amplo demais. Porque existem vários tipos de infidelidade. Existe aquele homem que iniciou uma amizade e criou-se uma atração, e de repente, quando ele se viu, ele estava traindo a esposa, mas se arrependeu, e não é algo que ele pretende permanecer fazendo e quer recuperar o casamento. Como existe aquele homem ou aquela mulher que já está inserido no caráter deles não conseguir manter uma fidelidade conjugal.

Então, quando a gente fala de infidelidade, eu prefiro tratar primeiro as demandas emocionais. O que levou aquele homem a trair aquela mulher? É algo que ele já faz? Foi a primeira vez? Realmente há arrependimento ou só há remorso? Então, depende muito, sabe? Depende muito do histórico. Depende muito do histórico.

Dependendo do histórico, eu vou orientar. Eu vou orientar terapia de casal. Eu vou orientar tratamento espiritual.

Eu vou orientar aconselhamento. Ou, sim, se uma das partes não aceitar a continuação, não suportar a continuação após uma traição, eu vou aconselhar o rompimento. Porque eu entendo que, no casamento, o casal deve estar feliz.

Não consigo ver um casamento onde um é melhor que o outro ou onde um deve estar feliz e o outro deve estar meio que feliz ou meio incomodado. Eu não consigo ver um casamento dessa maneira. Se é uma só carne, tem que haver um só pensamento. Tem que haver alegria mútua, sabe? A fidelidade mútua. Então, eu vou aconselhar o rompimento.

O marido é o cabeça da esposa, assim como o Cristo é o cabeça da igreja. Como você interpreta este versículo bíblico?

Então, aí eu vou para o contexto. Quem foi Cristo? Quem foi Cristo para a igreja? Ele foi aquele que veio para libertar. Apesar de as religiões hoje agirem de forma diferente, mas o que realmente Cristo veio fazer foi libertar. O Evangelho, ele liberta. Ele não prende ninguém.

Quem prende o outro é o homem. É o homem, é a cultura. Isso é que prende o outro.

Jesus, não. Jesus veio para trazer libertação. Quando ele encontrou a mulher no poço, foi para libertar ela das suas demandas emocionais, das suas necessidades emocionais.

Eu entendo um Jesus que veio para tirar o jugo, como ele mesmo diz isso. O meu jugo é suave, o meu fardo é leve. Eu vejo um Jesus que veio para proteger, que veio para cuidar e que amou a ponto de dar a própria vida.

Então, quando Paulo diz para as mulheres de Éfeso, para os homens de Éfeso, que eles deveriam amar suas esposas como Cristo amou a igreja, e que as mulheres deveriam tratar seus esposos e respeitar seus esposos como cabeça, eu entendo que ele precisa ser esse papel de Cristo para receber esse respeito e ele precisa conquistar esse lugar de cabeça para receber essa honra. Eu entendo dessa maneira. Não consigo entender de outra maneira esse versículo.

Até que a morte o separe é uma citação inspirada em uma passagem do livro de Mateus, no Novo Testamento. Como você entende esta citação?

Então, o nosso Deus é lindo, ele é perfeito. Eu fico pensando se não houvesse essa citação, porque hoje o casamento se tornou algo muito cotidiano. Eu venho de uma época em que o

casamento era algo muito sério. Quando você ia se casar, você tinha que pelo menos ter 80% de certeza que era aquilo que você estava querendo.

As coisas que você teria que abrir mão, porque casamento é isso, é abrir mão de algumas coisas, assumir outras. Então, eu fico olhando que se naquela época já era difícil, imagina hoje que as pessoas conhecem a outra e bate ali um sentimento de paixão e alegria, vamos nos casar, se casa, no outro dia se separa. Tanto que hoje nem tem mais aquela festa, aquela pompa toda, é raro você ver isso.

Hoje se tornou algo comum. E o casamento na Bíblia não é mais visto como um acontecimento comum, é visto como um acontecimento especial. É o início de uma família, é o início de uma geração, aonde dois nomes se unem, aonde duas carnes se unem para se iniciar uma nova geração, uma nova história, uma família. Então, eu fico imaginando se essa frase não existisse. Se com ela existir no estado, a forma que está, eu acho que se ela não existisse, ia estar muito pior. Eu entendo hoje o porquê que essa frase foi dita, até que a morte nos separe.

É na intenção de que nós venhamos a entender que o papel do casamento é para que se lute, se lute, sabe? Para que ele apareça até o final dos nossos dias. Mas também entendo que por mais que se lute, quando um não quer, dois não brigam.

Então, eu vejo que hoje, diante da nossa sociedade, da cultura que nós estamos vivendo, é muito raro você ver isso. É muito difícil viver. E não concordo com viver isso pagando o preço da infelicidade. Não concordo. Eu sei que tem muitos casais que, por causa dessa palavra, eles permanecem unidos e acreditam que isso é o certo, porque está na Bíblia, mas não é dessa maneira. Não foi nesse sentido que essa palavra foi dita.

Foi no sentido de lutar para que se fosse até o final mesmo. Mas não que isso seja uma regra, ainda mais hoje. Não tem como ser isso uma regra. Não é possível.

Na sua congregação, houve casos de violência doméstica contra mulheres? E como vocês costumam encaminhar ou tratar estes casos dentro do ambiente religioso?

Então, eu tive um caso mais grave. Porque antes de me tornar pastora, eu fui missionária, eu trabalhei em missões. Como missionária, eu vivi muitas situações como essa. E nunca soube lidar muito, porque é algo que me causa muita angústia, muita tristeza, é algo que me causa muita raiva. Então, eu nunca consegui aprofundar, porque, infelizmente, são poucas mulheres

que vivem esse quadro e conseguem sair. Eu acredito que elas queiram, mas a maioria não consegue, por questão psicológica, questão emocional mesmo. Elas têm essa dificuldade de se desvincular, de sair desse relacionamento abusivo.

E isso sempre me entristeceu muito. Muito. Mas, como pastora, há 10 anos que eu estou pastoreando, eu só tive um caso.

E aí, como pastora, já é diferente. Já não é algo que eu dou só apoio. Como pastora, é algo que eu direciono, é algo que eu oriento, eu vou atrás.

Então, eu tive, sim, eu tive um caso de uma ovelha minha, uma jovem senhora, casada com um rapaz, com um senhor. E, um certo dia de madrugada, ela me ligou, dizendo que ele tinha batido nela. Eu prontamente fui até ela, né, para socorrer.

Tirei ela do ambiente abusivo que ela estava, coloquei ela em uma outra casa, providenciei ajuda emocional e aconselhamento para ela. E me disponibilizei para levar ela à delegacia, porque eu queria muito que ela registrasse, que ela desse parte. Eu queria que ela me explicasse se era algo que já havia acontecido outras vezes.

E fiquei muito triste. Ela não quis dar parte, por mais que eu a orientasse. Ela não quis dar parte. E passou-se uma semana e ela voltou para aquele ambiente, voltou para aquele homem, e eu não pude fazer nada. A única coisa que eu pude fazer foi orientar ela, foi passar para ela que eu sempre estaria ali, se ela precisasse. E, claro, foi algo que não fiz como pastora, tá? Eu fiz como mulher.

Eu fui até ele e eu o aconselhei a não tocar mais nela, porque, como pastora, eu não ia poder fazer muita coisa diante da situação se ela não deixasse. Mas, como mulher, eu não deixaria por deixar, sabe? Eu vi uma mulher diante de mim toda ensanguentada, muito machucada, e eu não suportaria vê-la de novo e ficar quieta, calada e não reagir. Eu não suportaria.

Por mais que ela me pedisse, eu não suportaria. É algo muito complicado e difícil para mim, entendeu? Estou falando de uma mulher de 1,46 m e de um homem de 1,75 m. Aquilo dali me fez muito mal, me entristeceu muito. Mas, graças a Deus, ele entendeu o meu recado.

E depois... Me parece que não encostou mais nela, porque, até hoje, ela está comigo. Nunca mais apareceu com marcas, nunca mais apareceu machucada. E me jura de pé junto que ele não mais a tocou.

Então, até aqui, eu preciso acreditar nela. Mas foi uma única situação que eu tive e a Igreja tomou ciência, porque eu passei para a Igreja e eu passei o meu posicionamento também. Em relação a isso, claro, eu pedi apoio do meu esposo, porque eu entendia o papel de um homem nesse momento do meu lado, me apoiando e reforçando o que eu estava passando.

E meio que um recado também, porque não é algo que eu ia aceitar. No campo pastoral, não é algo que eu ia aceitar. Na verdade, de ambos.

Nem do abuso por parte de homem com mulher, nem de mulher com homem. Não iria aceitar. Mas como a gente sabe que, por parte de homem com mulher, o índice é muito maior, nem se compara.

Naquele momento, o recado que eu queria deixar era justamente esse, que eu não iria aceitar tal coisa e que elas teriam todo o meu apoio. E prego muito sobre isso, falo muito sobre isso, porque infelizmente é algo que tem sido muito decorrente e infelizmente tem se tornado quase que comum na nossa sociedade, apesar de todo o trabalho que está sendo feito para educar a sociedade contra isso.

Você considera que o marido pode, sob alguma condição específica, tirar a vida da esposa? Existe alguma situação que possa justificar este ato no seu entendimento?

Meu Deus, jamais. Eu não consigo nem assimilar tal coisa. Nem um homem tirando a vida de uma mulher e nenhum homem tirando a vida de ninguém, eu não consigo, sabe? Mas falando do que nós estamos vivendo hoje, é algo inaceitável.

Um homem que assume o papel de protetor e marido de uma mulher. Qual é o papel do marido? Qual é a visão da sociedade de um homem quanto marido? É o cuidado? É a proteção? É o carinho? É o afeto? Eu não consigo assimilar esse homem tirando a vida dessa mulher. Então, não. De maneira nenhuma. Nenhuma, nenhuma.

Bem, já nos encaminhando aqui para o final da nossa conversa, eu gostaria de saber, pastora, se você gostaria de fazer mais alguma colocação ou comentar algo que nós não conversamos aqui.

Sim, gostaria sim. O que eu observo hoje na sociedade é que se fala muito em violência doméstica, é se falado muito de projetos educativos no sentido de orientar tanto mulheres

quanto homens sobre o que está acontecendo, mas eu vejo a falta dessa educação na criança. Esse homem, ele não se tornou violento da noite para o dia.

Esse homem, ele não entende que ele tem a mulher como posse da noite para o dia. Esse homem, ele não entende que ele pode fazer com essa mulher o que quer da noite para o dia. Isso teve um início. Alguma coisa faltou ou alguma coisa errada foi acrescentada lá na criação, lá na formação do caráter dessa criança, desse homem. Então, o que eu vejo hoje é que se fala muito do agora, só que você não educa um adulto agora, você educa a criança para amanhã. Então, eu vejo que hoje a sociedade não se despertar para já desde o momento infantil, da criação, da formação psicológica, emocional, do caráter, da personalidade dessa criança.

Se não for trabalhado isso, a gente vai continuar enxugando o gelo. Cada vez pior. É o que a gente está vendo.

Literalmente, é o que a gente está vendo. Uma sociedade que não se diz machista, mas que a gente vê de forma muito notória. O machismo, infelizmente, eu lido com muitas jovens, eu lido com muitas mulheres vítimas de abuso, de estupro e, infelizmente, eu ainda ouço essa frase que ela fez alguma coisa para isso acontecer.

Alguma coisa, ela fez alguma mensagem, ela mandou para que isso acontecesse. Isso é repugnante. Isso é algo inaceitável nesses dias que nós estamos vivendo.

Então, eu vejo que se nós não voltarmos lá atrás e começarmos a educar famílias, a educar os pais, a educar os filhos na formação dessa criança, nós vamos continuar vendo o índice de violência aumentar e não vamos dar conta de tanta dor, de tanto sofrimento e a verdade é essa. É algo doído demais. É muito sofrimento que a gente está vendo hoje na nossa sociedade.

São mães chorando a morte das suas filhas, são pais chorando a morte das suas princesas e são filhos, filhos órgãos perdendo suas mães. E tudo isso é muito triste. Muito, muito triste.

Estamos num país hipócrita porque fala que não é machista, mas é. Você vê pelas atitudes você vê pelo comportamento sabe? Mas se ela não tivesse com aquela saia isso não teria acontecido.

Mas se ela não estivesse rindo daquele jeito, aquilo não teria acontecido. São coisas assim que não dá para continuar aceitando numa sociedade que se diz tão moderna, tão crescida, sabe? E não é isso que a gente vê. Tão avançada, né? Infelizmente não é isso que a gente vê.

